



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO TECNOLÓGICO

ALZANIRA DE SOUZA SANTOS

O ENSINO POR MEIO DA LITERATURA DE CORDEL

Manaus – AM
2016

ALZANIRA DE SOUZA SANTOS

O ENSINO POR MEIO DA LITERATURA DE CORDEL

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas para a obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico, sob a orientação do Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga.

Área de Concentração: Processos e Recursos para o Ensino Tecnológico.

Linha de Pesquisa: Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico

Manaus – AM

2016

Ficha Catalográfica
Márcia Auzier
CRB 11/597

S237e Santos, Alzanira de Souza.
O ensino por meio da literatura de cordel. / Alzanira de Souza Santos.
– Manaus: IFAM, 2016.
200 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus Centro, 2016.
Orientador: Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga.

1. Educação Tecnológica. 2. Formação de professores. 3. Literatura de cordel. I. Gonzaga, Amarildo Menezes (Orient.) II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas III. Título.

CDD 370.7

Pois dele, por ele e para ele são todas as
coisas. A ele seja a glória para sempre!
Amém.

Romanos 11:36

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu bom Deus
Pai divino e criador
Que com sua misericórdia
Fez-me superar a dor
Deu-me força e coragem
Por seu infinito amor

Ao meu pai, Herman Gomes dos Santos
Que me deu lápis e papel
Ensinou-me o valor dos versos
E dos folhetos de cordel
Deixou comigo a poesia
E foi morar no céu.

À minha mãe, Aldamira Vieira de Souza
Que me contava História
Todas as noites, antes de eu dormir
Era uma ação quase obrigatória!
Deixou seu exemplo de amor
Bem guardado em minha memória.

Ao meu amigo, Juvenal
Que veio me encorajar
A fazer a minha inscrição
Para o mestrado cursar
Ele tanto insistiu
Que deixei o medo pra lá.

Às secretárias do mestrado
Venho aqui agradecer
Quando tenho alguma dúvida
Elas me dizem o que fazer
Respondem com educação
Com paciência e com prazer.

Ao professor, Davi Avelino
Por estar sempre a me ajudar
Pois quando estou em apuros
Não demora a me amparar
É o meu anjo da guarda
Sempre pronto a auxiliar.

Ao professor, Amarildo
Que aceitou me orientar
Mesmo eu sendo doidinha
Não deixou de acreditar
Na minha capacidade
De a pesquisa realizar.

À Larissa e à Nedy Nadja
Agradeço à compreensão
Pois quando chego esbaforida
Elas me acolhem com afeição
Dizem: calma!... respira fundo!
Sossega o teu coração!

Aos colegas da minha turma
Agradeço à amizade
E o companheirismo
Nas horas de dificuldades
Com o apoio dos colegas
O que é difícil se torna facilidade!

Aos professores do mestrado
Por suas contribuições
Seus relevantes saberes
E profundas reflexões
Abriram-me novos caminhos
Para mudanças e inovações.

Aos alunos de Informática, 11 B,
Que aceitaram o desafio de poetar
Sobre os monumentos de Manaus
Utilizando a literatura popular.
Usaram o poder das rimas
Para a história transformar.

À Michele, minha filha,
Minha amiga e minha irmã
Companheira de verdade
Tua comida é um talismã
Perdão pela falta de tempo
Pra descascar teu tucumã!

Aos meus amados filhos
Agradeço a compreensão
Pela dolorida ausência
Neste ano de expansão
Mesmo eu estando distante
Não faltou a minha oração.

Ao meu neto e à minha neta
Pois foi difícil resistir:
Vó, vamos brincar?
Oh, agora eu não posso ir
Preciso ler estes livros
Para depois redigir.

À minha irmã, Aglacir
Tenho enorme gratidão
Por estar ao meu lado
Sempre estendendo a mão
Na alegria e na tristeza
Tem a palavra certa, carinho e atenção.

Agradeço imensamente
Ao Ygor Olinto Rocha Cavalcante
Que tive a sorte de encontrá-lo
Quando no CEFET era estudante
E ele agora se tornou
O meu discípulo mais brilhante.

Ao professor, Nilton Ponciano
Pelas relevantes sugestões
Por dispensar seu tempo para ler
Este trabalho e formular suas arguições.
Agradeço por participar da banca
E trazer contribuições.

À professora, Evany Nascimento
Que também é música e poesia
Sempre alegre e sorridente
Transmite paz e alegria
Acho que daqui para frente
Evany e Alzanira farão uma boa parceria.

Ao meu amor, Hélio Dantas
Um especial agradecimento
Por seu incondicional apoio
A toda hora e momento
Com o seu companheirismo
A vida é só contentamento!

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico – MPET, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM/CMC. Tem como tema o ensino por meio da Literatura de Cordel e apresenta o seguinte problema: como é possível narrar as vivências de uma professora que utiliza a Literatura de Cordel no ensino como forma de encorajamento de outros professores a utilizarem-na com o mesmo propósito? Decorrente do problema, o objetivo é narrar as vivências de uma professora que utiliza a Literatura de Cordel no ensino como forma de encorajamento de outros professores a utilizarem-na com o mesmo propósito. Visando alcançar este objetivo, optou-se pelo método autobiográfico e pela pesquisa qualitativa. No primeiro capítulo, são narradas as vivências, a trajetória de vida da pesquisadora e atuação no magistério, em um percurso entrecruzado com a Literatura de Cordel. No segundo capítulo, é descrito um episódio, em que a pesquisadora, na condição de estudante, na formação continuada, utiliza a Literatura de Cordel como contribuição para o ensino. No terceiro capítulo, como produto final desta pesquisa, é apresentado um portfólio on-line (www.caldogrosso.wordpress.com) como contribuição para o ensino por meio da Literatura de Cordel. Espera-se que pesquisas desta natureza, que abordam trajetória e vivências de professores, a utilização da Literatura de Cordel no ensino e divulgação em portfólio, sejam estimuladas, tornem-se conhecidas e tragam dados importantes para o debate referente às questões da pesquisa educacional.

Palavras-chave: Trajetória. Formação de Professores. Literatura de Cordel. Ensino. Portfólio.

ABSTRACT

This work is the result of a research carried out in the Professional Masters in Technological Teaching – MPET, at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Amazonas – IFAM/CMC. Its theme is teaching through Cordel Literature and presents the following problem: how is it possible to narrate the experiences of a teacher who uses Cordel Literature in teaching as a way of encouraging other teachers to use it for the same purpose? Due to the problem, the objective is to narrate the experiences of a teacher who uses Cordel Literature in teaching as a way of encouraging other teachers to use it for the same purpose. In order to reach this goal, we chose the autobiographical method and the qualitative research. In the first chapter, the experiences, the life trajectory of the researcher and the teaching work are narrated, in a course intersected with the Cordel Literature. In the second chapter, an episode is described, in which the researcher, as a student, in continuing education, uses the Cordel Literature as a contribution to teaching. In the third chapter, as an end product of this research, an online portfolio (www.caldogrosso.wordpress.com) is presented as a contribution to teaching through Cordel Literature. It is expected that research of this nature, which approaches the trajectory and experiences of teachers, the use of Cordel Literature in teaching and dissemination in the portfolio, be stimulated, become known and bring data important for the debate regarding the issues of educational research.

Keywords: Trajectory. Teacher Training. Cordel Literature. Teaching. Portfólio.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Capas de folhetos de cordéis lidos por mim na infância.....	26
Figura 2. Meu Histórico Escolar com a “promoção automática” na 1ª série.....	29
Figura 3. O registro do reencontro entre eu e a professora Georgina. Fonte: Acervo Pessoal.....	32
Figura 4. Cartão de agradecimento enviado pelos Correios pela prof. Georgina depois de nosso reencontro.	33
Figura 5. Manaus, 1975. Eu, acompanhada de dois alunos meus do MOBRAL, em evento na Escola Sólon de Lucena.....	35
Figura 6. Ariquemes, c. 1981. Eu, no canto inferior direito da foto, grávida e já estagiária no Magistério na Escola Heitor Villa-Lobos, às portas de ser aprovada no vestibular para Letras.	37
Figura 7. Colação de Grau da Licenciatura Curta em Letras. Eu sou a primeira, da esq. para a dir., na fila frontal. À direita, Confúcio Moura, nosso paraninfo, faz seu discurso.	39
Figura 8. O segundo momento na formação superior. Colação de Grau da Licenciatura Plena, em 1986.....	40
Figura 9. A experiência docente na Escola Estadual Alberto Nepomuceno, divertindo os alunos no Dia das Crianças como palhaça. Seria uma reminiscência do Palhaço Carequinha da minha infância?	43
Figura 10. Lançamento da pedra fundamental do NACES – Núcleo Avançado do Centro de Estudos Supletivo. Machadinho d'Oeste, dezembro de 1987.....	44
Figura 11. Alguns dos membros fundadores do NACES em seu singelo interior. Machadinho d'Oeste, dezembro de 1987.....	44
Figura 12. O outrora NACES tornou-se o CEEJA Paulo Freire.	45
Figura 13. Alunos da Escola Estadual Pe. Chiquinho apreciam os poemas publicados em um mural na escola.....	48
Figura 14. Folha de rosto do livro presenteado pelo ex-aluno e poeta Jean Ricardo, com a carinhosa dedicatória.....	50
Figura 15. Imagem de uma atividade da Col. Palavra Chama Palavra (que possuo até hoje), da seção “Criatividade”, constante em toda a coleção.	51
Figura 16. Alguns exemplos manuscritos da atividade “Final da História do Rei”.....	54
Figura 17. Digitalização da capa dos “Classificados Poéticos Vicentinos”, antologia dos textos feita pelos próprios alunos. Desenhos manuais, quando o computador ainda não era regra.	56
Figura 18. Excertos do interior dos “Classificados Poéticos Vicentinos”, antologia dos textos feita pelos próprios alunos. Máquina de datilografia, colagem, e uns poucos impressos, quando o computador ainda não era regra.	57
Figura 19. Alguns exemplares dos muitos “Álbuns de Textos” produzidos por meus alunos ao longo dos anos e que guardo até hoje.....	60
Figura 20. Alguns exemplares dos folhetos de cordel produzidos pelos alunos.....	62
Figura 21. Registro fotográfico do evento “Aula da Saudade”, em sua terceira edição, no ano de 2000, no auditório do Escola Estadual Rio Branco, em Porto Velho.	66
Figura 22. Registro fotográfico do evento “Aula da Saudade”, em sua segunda edição, no ano de 1999, no auditório do Colégio Carmela Dutra, em Porto Velho.	66
Figura 23. Registro fotográfico do evento “Aula da Saudade”, em sua quinta edição, no ano de 2002, mais uma vez no auditório do Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado Rondônia, em Porto Velho.	67

Figura 24. Registro fotográfico do evento “Aula da Saudade”, em sua quarta edição, no ano de 2001, no auditório do Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado Rondônia, em Porto Velho.	67
Figura 25. Alguns flagrantes fotográficos do cotidiano em sala de aula em meu primeiro ano no então CEFET/AM. Um aluno e uma aluna dramatizam um texto diante da sala.	69
Figura 26. Alguns flagrantes fotográficos do cotidiano em sala de aula em meu primeiro ano no então CEFET/AM. Duas alunas recitam poemas diante da sala.	69
Figura 27. A capa da antologia literária “Alma Fragmentada”, dos alunos do CEFET/MT.	70
Figura 28. O bilhete do prof. Jimenez no verso da capa da antologia “Alma Fragmentada”.	71
Figura 29. Meu exemplar da antologia literária “Horizontes Cruzados”, por mim organizada e publicada em 2009.	73
Figura 30. Noite de lançamento do livro “Horizontes Cruzados”, nas dependências do IFAM. Pronunciamento dos membros da mesa, composta, da esq. para a dir., pelo prof. Urdiel, eu, prof. ^a Léa, prof. Arone, prof. Raymundo Luiz, prof. ^a Vina e prof. ^a Estela....	74
Figura 31. Noite de lançamento do livro “Horizontes Cruzados”, nas dependências do IFAM. Os alunos autores reunidos posam para a foto.	74
Figura 32. Reprodução do cartaz de divulgação da Mostra de Paródias.....	76
Figura 33. Os alunos cantam suas produções na “Mostra de Paródias do IFAM”.	77
Figura 34. A produção visual dos alunos de PROEJA na “Mostra de Paródias do IFAM”.	77
Figura 35. Reprodução do cartaz de divulgação do evento “Ensino Noturno é Show”.	79
Figura 36. Reprodução da capa da antologia literária “Voos Noturnos”, com a produção textual dos alunos do turno noturno.	80
Figura 37. Registro fotográfico de apresentação musical na noite do evento “Ensino Noturno é Show”.	81
Figura 38. Registro fotográfico da noite do evento “Ensino Noturno é Show”: autógrafos na antologia “Voos Noturnos”.	81
Figura 39. Reprodução da capa do livreto “As loucas aventuras do jacaré psicodélico”.....	83
Figura 40. Flagrante dos alunos na aula inaugural do Mestrado, ministrada pelo Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga.	88
Figura 41. O Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga fala aos alunos na aula inaugural do Mestrado.....	88
Figura 42. A turma 2015/2 junto à Prof. ^a Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo, ministrante da disciplina Fundamentos para Formação de Professores no Ensino Tecnológico. ...	92
Figura 43. O encerramento das disciplinas para a turma 2015/2. O conhecimento com alegria.....	97
Figura 44. As etapas sucessivas na editoração eletrônica do livro digital.	114
Figuras 45, 46 e 47. Alunos nas atividades da I Oficina.....	116
Figura 48, 49 e 50. Alunos e professores vivenciam a experiência de criar versos de Cordel.....	117
Figura 51. Alunos no passo a passo durante a Oficina de Xilogravuras.....	119
Figura 52. Aluno realizando a edição digital do livro.	121
Figura 53. Capturas de tela do livro “O cordel dos monumentos” na plataforma ISSUU	122
Figura 54. O stand do projeto no encerramento da disciplina EeTICS.	125

Figuras 55, 56 e 57. Três momentos: a equipe de professores ensaiando, gravando e editando material para o vídeo apresentado na conclusão da disciplina EeTICS. Conhecimento com alegria e criatividade.....	126
Figura 58. Banner de divulgação do projeto “Do folheto ao livro digital” no III Congresso InovaEduca, no Foyer do Auditório Principal no MIS – Museu da Imagem e do Som de São Paulo.	128
Figura 59. Alunos participantes do projeto “Do folheto ao livro digital” se apresentam na abertura do I CONCEPT/IFAM.....	128
Figura 60. Roda de conversa no IFAM/CMZL.....	129
Figura 61. Stand do projeto “Do folheto ao livro digital” na 12ª Feira de Tecnologia do Amazonas, no Centro de Convenções Vasco Vasques.	129
Figura 62. Os professores e alunos envolvidos na oficina de produção textual na UEA. Fonte: Acervo Pessoal.....	131
Figuras 63 e 64. Os bastidores das gravações para a reportagem da Rede Amazônica. Os alunos como protagonistas.....	132
Figuras 65 e 66. Os bastidores das gravações para a reportagem do Jornal ACrítica.	133
Figura 67. Exemplos de portfólios impressos, no formato de pasta (esq.) e maleta (dir.).	141
Figura 68. Exemplo de um portfólio impresso de um profissional da área de design, onde se pode observar a bela composição de cores e acabamento.....	141
Figura 69. Exemplo de um portfólio impresso que busca o inusitado para apresentar os trabalhos de um ilustrador de maneira criativa.....	142
Figura 70. Exemplo de portfólio impresso fazendo uso de embalagem em papelão contendo cartazes, cartões de visita e um CD-ROM.....	142
Figura 71. Captura de tela mostrando um portfólio on-line de um designer gráfico... ..	148
Figura 72. Outro exemplo de um portfólio on-line, de um designer.	148
Figura 73. O modelo Sela, da plataforma WordPress.com, escolhido para criar o portfólio on-line.....	154
Figura 74. Cabeçalho do portfólio.	154
Figura 75. Captura de tela da página inicial do portfólio, com o cabeçalho e a mensagem de boas-vindas.	155
Figura 76. Página “A Proposta”.....	158
Figura 77. Página “A Professora”.....	158
Figura 78. A parte inferior da página “Portfólio”, com os <i>links</i> para as subpáginas descrevendo as oficinas.	159
Figura 79. Página “Portfólio”.	159
Figura 80. A subpágina do portfólio, “Oficina de Escrita”.	160
Figura 81. A subpágina do portfólio, “Oficina de Xilogravura”.	161
Figura 82. A subpágina “Oficina de Editoração”.....	162
Figura 83. A subpágina “Resultado Final”.....	163
Figuras 84, 85, 86 e 87. A página “Repercussão”.....	164
Figura 88. A página “Depoimentos”, ainda sem conteúdo.....	168
Figura 89. Página “Recursos”.....	168
Figura 90. Página “Contato”.....	169
Figura 91. O blog agregado ao portfólio e sua primeira postagem.	171

SUMÁRIO

Introdução	15
1 A Literatura de Cordel no exercício do magistério	23
1.1 Adeus meu paraíso, meu pai e meu avô.....	27
1.2 O “Eldorado” é bem ali.....	36
1.3 Medo, incerteza e paixão.....	41
1.4 Um mergulho na prosa e na poesia.....	46
1.5 Retornando para Manaus	64
2 A Literatura de Cordel na minha formação continuada	86
2.1 Alegria e entusiasmo no MPET/IFAM	87
2.2 Tradição e inovação na disciplina EeTICS.....	100
2.3 Do folheto ao livro digital: conhecendo os principais monumentos históricos de Manaus por meio da Literatura de Cordel.....	104
2.4 A poesia popular possui raízes distantes.....	107
2.5 Versos e rimas na Amazônia	109
2.6 Literatura de Cordel conquista os alunos.....	110
2.7 O cordel no ensino tecnológico veio para ficar.....	112
2.8 Implementação do projeto	115
3 A Literatura de Cordel no Portfólio: Síntese das Vivências	135
3.1 Mestrados Profissionais e seus produtos.....	136
3.2 Modos de (o)usar: o que é um portfólio?	139
3.2.1 Portfólios Profissionais	139
3.2.2 Portfólios Acadêmicos e Escolares.....	143
3.3 Concebendo um portfólio on-line: produção de conhecimento e compartilhamento de informação na era da World Wide Web	145
3.3.1 A World Wide Web, informação e conhecimento.	146
3.3.2 Portfólios profissionais on-line	147
3.3.3 Portfólios acadêmicos on-line	149
3.4 Proposta de estruturação do portfólio	150
3.4.1 O conceito	151
3.4.2 Conteúdo e estrutura	152
Considerações para continuar a caminhada	173
Referências Bibliográficas	179
Anexos	186

Introdução



Decorrente de minhas vivências, constatei que a Literatura de Cordel, quando usada em sala de aula, é um recurso de ensino que articula várias linguagens – a oralidade, o textual, o musical, o verbal e o não-verbal. Pode ser utilizada como recurso em diversas disciplinas, visto que é um gênero literário com linguagem simples, marcada fortemente pelo ritmo animado e pelos versos burlescos, expondo as realidades de cunho político, econômico, religioso, social, de uma maneira bastante acessível e divertida. É uma fonte de informação e entretenimento que abrange públicos de diferentes idades e classes sociais.

Aqui, narrarei a minha história de vida, as vivências em sala de aula e a utilização da Literatura de Cordel, desde a minha infância até a formação continuada. Para tanto, faço uso do método autobiográfico conforme definido pioneiramente por Nóvoa e Finger (1988), que buscaram propor esse método como uma forma de refletir, através de narrativas autobiográficas, sobre questões voltadas à subjetividade, às trajetórias de vida e aos percursos formativos de professores.

Mais do que narrar uma história de vida – o que por si só já é algo inestimável – a intenção é, nas palavras de Goodson (1992, p.72), “[...] dar voz ao professor”. Com isso, este autor pondera que é necessário levar em conta as vivências do professor, dentro e fora do cotidiano escolar, pois não seria possível ignorar a própria experiência no momento de investigar sobre a formação e a prática docente. “O estilo de vida do professor dentro e fora da escola, as suas identidades e culturas ocultas têm impacto sobre os modelos de ensino e sobre a prática educativa” (GOODSON, 1992, p. 72).

Quanto à validade desta pesquisa qualitativa, por vezes questionada, Bueno et al. (2006) afirmam que o aumento, no Brasil, de pesquisas, a partir dos anos 1990 e chegando até as primeiras décadas do séc. XXI, ajudaram a renovar a pesquisa educacional com novas temáticas e a problematização de questões outrora ignoradas, voltadas para as identidades docentes. Já Passeggi, Souza e Vicentini (2011) percebem essa metodologia como um verdadeiro “movimento”, estabelecendo um eixo de investigação na pesquisa educacional que chamam de “a virada biográfica em Educação”. Para os referidos autores, trabalhar a partir das histórias de vida de professores contribui para

[...] questões de interesse para a pesquisa educacional, entre as quais: as razões da escolha profissional, as especificidades das diferentes fases da carreira docente, [...] a construção da identidade docente, as relações entre a ação educativa e as políticas educacionais (PASSEGGI, SOUZA E VICENTINI: 2011, p. 370).

Para estes autores, os trabalhos baseados nas histórias de vida como método de investigação qualitativa e como prática de formação vêm sendo ampliados e diversificados no que tange à investigação sobre a escrita de si na formação docente. Portanto, não se trata de uma simples narração ou de contar uma história, isto é, narrar por narrar, mas de utilizar a escrita de si como um dispositivo o qual é capaz de levar a pessoa que escreve a refletir sobre seu percurso de formação e vivências no magistério.

Diante disto, concordo com Delory-Momberg quando diz “[...] **o que dá forma** ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. [...] a narração é o lugar no qual o indivíduo **toma forma**, no qual ele elabora e experimenta a história da sua vida” (DELORY-MOMBERG, 2008, p. 56, grifos da autora). Para a autora, essa prática das histórias de vida em formação “[...] repousa sobre a ideia da apropriação de sua história pelo indivíduo que faz a narrativa da sua vida” (DELORY-MOMBERG, 2008, p. 94).

Tomando como referência os estudos mencionados anteriormente, nesta pesquisa narro as minhas memórias, trajetória e vivências na sala de aula e apresento como as experiências vividas no magistério levaram-me a utilizar a Literatura de Cordel como um recurso didático que desperta o interesse pela leitura, escrita e uso de tecnologia capaz de unir saber popular e ensino tecnológico.

O produto final desta pesquisa, a ser apresentado, será um portfólio digital on-line no qual serão mostradas todas as atividades desenvolvidas com a utilização da Literatura de Cordel, cujo objetivo é encorajar outros professores a utilizarem este gênero textual como contribuição para o ensino.

Minha história entrecruza-se com a Literatura de Cordel, em sala de aula, desde 1981, quando comecei como professora de Língua Portuguesa. Durante os onze primeiros anos de minha carreira, acreditei que lecionar Português era necessariamente ensinar apenas Gramática Normativa. Admirava os professores que sabiam de cor as regras gramaticais, endeusava os

gramáticos tradicionais e espelhava-me neles. Porém, em 1987, tive a oportunidade de cursar uma pós-graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa, cujos professores eram da PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Eles me mostraram uma nova visão em relação ao ensino de Língua Portuguesa. Abriram caminhos para reflexões e questionamentos a respeito do modo como eu ministrava as aulas. Apresentaram-me a leitura e a produção de textos como novos horizontes e novos caminhos para romper com o tão enraizado modelo padrão de ensinar gramática.

Naquela época, li e conheci vários autores que questionam o ensino da gramática tradicional tratada de modo estanque, com regras a decorar e listas de exercícios para responder, sem nenhuma relação com a leitura e a escrita. Entre eles estão Garcia (2010), Geraldi (1997), Possenti (2012), Silva (1991; 1993), Luft (1985) entre outros que têm se preocupado com o ensino de Língua Portuguesa. Eles mostram, em seus livros, que a leitura e a produção textual podem devolver ao aluno a condição de sujeito participativo.

A professora Maria Antonieta, Antunes Cunha ¹ ministrou duas disciplinas de produção textual e trouxe, para as aulas da pós-graduação, reflexões frutíferas sobre a importância da Literatura Infantil. Autora do livro *Literatura Infantil: Teoria & Prática*, ela afirma que somente a reflexão e discussão dos problemas que cercam a Literatura Infantil e a leitura constante e crítica da obra destinada à infância possibilitarão uma atuação eficiente do educador nesse campo da leitura (CUNHA, 1989, p. 5).

Além de trazer para a sala de aula os livros infantis, ela também trouxe os autores. E assim tive o privilégio de conhecer as escritoras Ana Maria

¹ Maria Antonieta Antunes Cunha atualmente é professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com mestrado em Educação e Doutorado em Letras. Lecionou nos Cursos de Graduação de Letras, Biblioteconomia, Educação e Comunicação da UFMG. Coordena os cursos de Especialização da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em Literatura Infantil e Arte-Educação. Além de diversos projetos culturais e de fomento à leitura, criou e dirigiu a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, os projetos Cantinhos de Leitura e Organização de Bibliotecas Escolas. Foi Secretária Municipal de Cultura de Belo Horizonte, coordenadora do Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG, curadora do I Salão do Livro de Minas Gerais, do Encontro Internacional de Literatura Latino Americana, do II Salão do Livro de Minas Gerais e do Encontro Internacional de Literaturas em Língua Portuguesa. Foi integrante do Conselho Curador e do Conselho Diretor da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e presidente da Câmara Mineira do Livro. Foi presidente da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Atualmente é Diretora do Livro Leitura e Literatura no MINC.

Machado², Ruth Rocha³ e Sylvia Orthof⁴, a contadora de história Betty Coelho⁵ e o escritor Bartolomeu Campos Queirós⁶. O acesso aos livros infantis aguçou mais ainda o meu interesse pelas leituras rimadas, com musicalidade que lembram o ritmo do cordel.

A partir das aulas e das leituras, surgiram incertezas e medos. Não era fácil ir contra o conformismo de um modelo que, pela sua repetição, já se tornara mecânico e muito confortável. Contudo, isso teve um efeito positivo em minha atuação docente, e aos poucos fui modificando a minha prática, sempre buscando criatividade didática e recursos que proporcionassem dinamismo em sala de aula. Comecei contando e dramatizando histórias. Em seguida os alunos, a partir da história que ouviram, criavam e escreviam uma nova história. Essas produções textuais eram lidas, corrigidas e compartilhadas através da realização de varais literários, jornais das turmas, exposições, caravanas de leitura e compilações impressas as quais eram distribuídas para os alunos autores no final do ano.

Em 1993, novamente houve ocasião para fazer um curso, dessa vez um Aperfeiçoamento com o professor José Wanderley Geraldi⁷, na época em que estava sendo desenvolvido um projeto de pesquisa intitulado *A circulação dos*

² Nascida em 1941, é uma escritora e jornalista brasileira. Autora de livros infantis, foi a primeira desse gênero a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, tendo sido eleita, nessa instituição, como presidente no biênio 2012/2013.

³ Nascida em 1931, é uma escritora brasileira de livros infantis. Membro da Academia Paulista de Letras, já vendeu mais de um milhão de livros, tendo mais de 130 títulos publicados, com traduções para mais de 25 idiomas.

⁴ Sylvia Orthof (1932-1997) foi escritora e dramaturga, é uma das maiores escritoras do Brasil em literatura infanto-juvenil. Estudou em Paris na Escola de Teatro fundada por Jean-Louis Barrault e teve aulas de mímica com Marcel Marceau. Trabalhou na década de 1960 no Grupo de Teatro Artistas Unidos, no Teatro Brasileiro de Comédia e na TV Record. Iniciou na área de dramaturgia infantil como autora, diretora, pesquisadora e professora. Fundou, no Rio de Janeiro, a Casa de Ensaios Sylvia Orthof, exclusivamente dedicada a espetáculos infantis; sua obra, extensa, em torno de cem títulos, recebeu todos os grandes prêmios brasileiros.

⁵ Escritora, pedagoga, e contadora de histórias. Durante mais de 50 anos formou gerações de contadores de histórias. É jurada do prêmio Jabuti (Câmara Brasileira do Livro São Paulo) e membro votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (Rio de Janeiro).

⁶ Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012) foi um escritor brasileiro, com mais de 40 livros publicados e participou de importantes projetos de leitura no Brasil como o ProLer e o Biblioteca Nacional, dando conferências e seminários para professores de leitura e literatura. Foi autor do “Manifesto por um Brasil Literário”, do Movimento por um Brasil literário, do qual participava ativamente.

⁷ Graduado em Letras e com Mestrado e Doutorado em Linguística, João Wanderley Geraldi (1946-) é um dos mais importantes pesquisadores brasileiros quando o assunto é Ensino de Língua Materna e Produção Textual na escola. Exerceu carreira na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), estando hoje aposentado e atuando como colaborador visitante da Universidade do Porto (Portugal).

textos na escola. O objetivo da pesquisa era fazer circular um conjunto de propostas de ensino, elaboradas com diferentes matizes, capazes de construir propostas de atividades de ensino-aprendizagem. Uma pesquisa financiada pela CNPq e FAPESP e desenvolvida com quatorze escolas das redes estadual e municipal de São Paulo e em uma escola particular, com duração de 1.125 horas-aula. O resultado desse trabalho foi uma trilogia: *Aprender e ensinar com textos*. Os três livros foram concebidos e publicados simultaneamente e se dirigem a todos os professores e interessados em questões de linguagem, comunicação e ensino.

Quando o professor Wanderley falou sobre a proposta de trabalho, fiquei entusiasmada, pois já vinha trabalhando com textos na sala de aula, mas ainda de forma tímida e com muitas dúvidas. A partir desse curso intitulado “*O texto na sala de aula*”, mudei completamente a minha prática. Passei a trabalhar com vários tipos de textos. E fiz desta metodologia o fio condutor da minha prática pedagógica desde então. Em pouco mais de uma década depois disso, colhi muitos resultados positivos.

Foi assim que cheguei à presente dissertação, a qual discute o ensino, por meio da Literatura de Cordel, utilizando como ponto de partida as experiências vivenciadas em minha formação e carreira no magistério, no sentido de compreender os caminhos que conduziram ao uso da Literatura de Cordel, como uma modalidade textual capaz de aguçar o interesse pela leitura e escrita, dar vida a personagens, fazer críticas e denúncias, além de possibilitar meios de unir tradição e inovação. Assim, parto do seguinte problema: Como é possível narrar vivências de uma professora que utiliza a Literatura de Cordel no ensino, para efeito de encorajamento de outros professores a utilizarem-na com o mesmo propósito?

Decorrente do problema apresentado, elaborei o seguinte objetivo geral para nortear minha caminhada, que é narrar vivências de uma professora que utiliza a Literatura de Cordel no ensino, como forma de encorajamento de outros professores a utilizarem-na com o mesmo propósito.

Os objetivos específicos são: apresentar episódios decorrentes de vivências da pesquisadora no cotidiano da sala de aula em que o ensino, por meio da Literatura de Cordel, é evidenciado; descrever um episódio em que a

pesquisadora utiliza a Literatura de Cordel, na condição de estudante, na formação continuada; elaborar um portfólio, como produto decorrente das vivências da pesquisadora, como contribuição para o ensino por meio da Literatura de Cordel.

A pertinência desta pesquisa decorre do fato de que as pesquisas em Educação têm se interessado por investigações relacionadas à formação de professores e à experiência dos mesmos na docência, como possibilidade de analisar a experiência desses sujeitos a partir de suas próprias percepções. Contudo, é inegável afirmar e necessário frisar que esta pesquisa surgiu de minhas próprias inquietações em sala de aula nos últimos anos.

O pretendo texto tende a estruturar-se da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentarei a minha trajetória de vida e como fui me direcionando para a formação inicial e atuação no magistério, delineando os pontos importantes que me conduziram a uma prática docente voltada para a produção textual, mais especificamente para formas de produção textual calcadas em textos poéticos com forte musicalidade e ritmo.

No segundo capítulo, descreverei um episódio em que utilizo a Literatura de Cordel, na condição de estudante, na formação continuada. Contextualizo historicamente a Literatura de Cordel como gênero literário, assim como suas apropriações com finalidades didáticas. O episódio será descrito de maneira detalhada, desde a sua concepção, execução e resultados imediatos.

No terceiro capítulo, apresentarei um portfólio como produto decorrente de minhas experiências, como contribuição para o ensino por meio da Literatura de Cordel. Mostrarei desde a concepção de um portfólio, tanto em áreas de saber mais voltadas para as artes e à área de comunicação, quanto seus usos mais específicos no meio acadêmico e na educação, refletindo sobre as possibilidades e potencialidades de um portfólio on-line. Ainda neste capítulo, apresento os passos da concepção e construção de um portfólio on-line como produto desta pesquisa.

Nesta pesquisa, portanto, apresento minha trajetória, minhas vivências em sala de aula, e fora dela, bem como as práticas de leitura e produção textual que culminam, até aqui, com a utilização da Literatura de Cordel. Não apresento

este trabalho apenas como mais uma atividade didática, mas como uma experiência positiva para efeito de encorajamento de outros professores que, com o mesmo propósito, possam utilizar este gênero textual em sala de aula. Professores que não tenham receio de arriscar novas formas de legitimar suas trajetórias e vivências, mesmo quando perguntados: isto é pesquisa científica?

1 A Literatura de Cordel no exercício do magistério



*Preste atenção minha gente
Para a história que eu vou contar
A Literatura de Cordel
É algo de impressionar!
Possui raízes tão remotas
Que vale a pena lembrar⁸*

A minha experiência com a Literatura de Cordel começou muito cedo, quando eu tinha apenas seis anos de idade. Eu vivia, com meus pais, em uma ilha localizada entre as cidades de Codajás e Coari, municípios do Estado do Amazonas, em frente a uma comunidade chamada Camará, no médio Solimões⁹. O único meio de comunicação eletrônica que havia em minha casa era um rádio de marca ABC que funcionava com quatro pilhas grandes. Através dele era possível ouvir a Rádio Trans Mundial, a Rádio Caiari de Porto Velho e a Rádio Baré de Manaus. De tudo que ouvi naquele rádio, o que mais me marcou foram as notícias sobre a Guerra do Vietnã.

Porém, as tristezas advindas das notícias da Guerra eram compensadas com o humor do Palhaço Carequinha,¹⁰ que alegrava as minhas manhãs com suas músicas que até hoje eu sei de cor e com sua frase de efeito: “*Tá certo ou não tá, garotada?*” Ouvir o programa do Palhaço Carequinha em plena selva amazônica era uma felicidade inigualável.

A outra forma de diversão naquela ilha eram as leituras dos folhetos escritos em Cordel. Mesmo já sabendo ler, era muito divertido ouvir o meu pai ler para mim as aventuras do Cancão de Fogo: *A vida de Cancão de Fogo e seu testamento* (BARROS, 1970), *A segunda vida de Cancão de Fogo* (SILVA, 1959) e *O encontro de Cancão de Fogo com Pedro Malazarte* (SILVA, 1957). O ritmo

⁸ Estrofes extraídas do cordel preparado para a apresentação do projeto “Do folheto ao livro digital”, desenvolvido no âmbito do MPET/IFAM, na disciplina Ensino e TIC’s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5i5tJ1LQgDs>. Acesso em 29/08/2016.

⁹ O Estado do Amazonas é dividido em mesorregiões, cujo critério de divisão é a calha de seus principais rios. O Médio Solimões encontra-se no eixo do vale amazônico, estendendo-se desde a embocadura da barra do Rio Juruá até o Paraná do Careiro, em frente ao encontro das águas do Rio Negro com o Solimões. Nesse trecho, onde se localiza a cidade de Manaus, encontra-se o ponto mais importante de toda a porção central e ocidental da Amazônia Brasileira.

¹⁰ Nome artístico de George Savalla Gomes (1915-2006). Foi o primeiro palhaço a ter um programa de auditório no Brasil, sendo considerado um dos melhores palhaços do mundo. Recebeu em 1964, na Itália, a medalha de ouro de Palhaço Moderno do Mundo. Informações disponíveis em <http://www.funarte.gov.br/circo/george-savalla-gomes-o-palhaco-carequinha/#ixzz4IGwVU0L8>. Acesso em 24/08/2016.

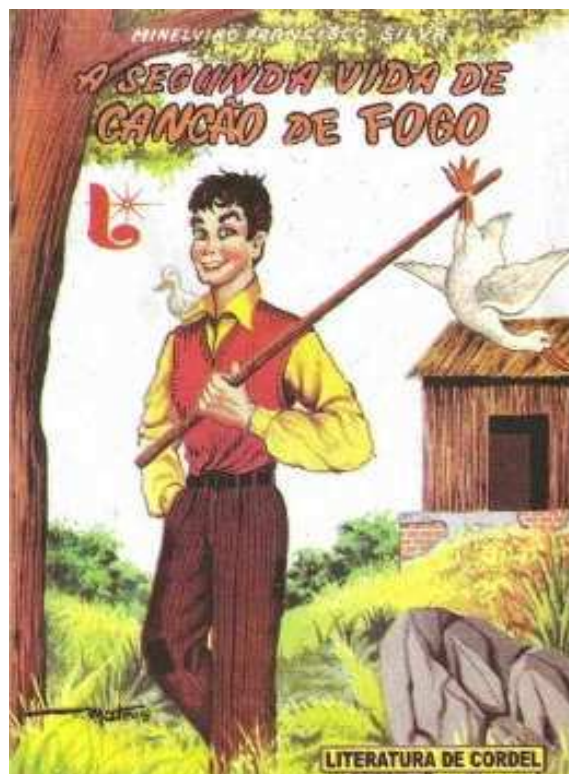
proporcionado pelo efeito das rimas e as peripécias da personagem provocavam risos infindáveis e grande satisfação.

Os folhetos de Cordel fazem parte da minha vida desde a primeira infância. Por isso não foi difícil levar para a sala de aula essa Literatura que me encantou e ainda me encanta. Desenvolver a proposta de trabalhar o ensino por meio da Literatura de Cordel em minhas vivências encoraja-me a refletir sobre a possibilidade de privilegiar a experiência como contribuição para a formação docente.

Aprendi a ler muito cedo, mesmo sem frequentar escola, pois na ilha onde eu morava não havia. Em uma das viagens de meu pai a Coari, além dos folhetos de cordel, ele trouxe duas cartilhas de ABC. Três meses depois, eu já lia muito bem. Meu pai tinha muito orgulho de me ver lendo com tanta desenvoltura e para toda visita que chegava à nossa casa, ele me colocava em cima de uma mesa, pegava um livro e dizia: “leia, minha filha!” Eu lia com entonação, com vida. Então ele dizia: “agora leia de cabeça pra baixo”. Eu virava o livro ao contrário e lia. Ele dava um lindo sorriso de felicidade. Por fim, encerrava essa espécie de espetáculo doméstico pedindo: “agora, recite um verso”, no que era prontamente atendido: “sou tão pequeninha/do tamanho de um botão/carrego papai no bolso e a mamãe no coração!”

Não tenho dúvidas de que essa experiência, que pode parecer tão singela, teve efeitos duradouros sobre a minha pessoa no que diz respeito ao gosto pela leitura e pela exposição oral pública. Outra experiência doméstica que estaria vinculada a isso seria o fato de que meu irmão mais velho não teve o mesmo desempenho que eu. Tinha muita dificuldade para aprender. Vi, várias vezes, meu irmão apanhar para aprender a ler. Posso dizer que aí, diante desta necessidade, com apenas seis anos de idade, direcionei-me para uma experiência de docência, pois tornei-me professora dele. Meu irmão foi alfabetizado por mim naquela ilha e nunca mais frequentou escola. De fato, como veremos mais tarde nesta narrativa, a experiência de alfabetizar outras pessoas, antes mesmo de possuir uma habilitação acadêmica para tal, tornou-se uma prática corrente em minha juventude.

Figura 1. Capas de folhetos de cordéis lidos por mim na infância.
Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>



1.1 Adeus meu paraíso, meu pai e meu avô

Em 1967, com a implantação da Zona Franca de Manaus¹¹, minha mãe resolveu, como muitos no interior do Amazonas, mudar para a cidade de Manaus. Meu pai não queria sair daquela ilha, afinal, ele sempre repetia que já tinha quinze cabeças de gado, porém, com o pretexto de proporcionar estudos para mim, meu irmão e minha irmã caçula, que tinha apenas três anos de idade, minha mãe, com seus três filhos, tomou um barco e viemos para Manaus. Lembro meu avô chorando à beira do barranco e dizendo “tenho pena dos meus netos que vão morrer de fome, lá tudo é comprado”.

Como toda esposa “prendada” da época, minha mãe sabia costurar e tinha uma máquina de costura. Naquele tempo, a máquina de costura, geralmente da marca Singer, era fundamental para produzir roupas para a família ou para obtenção de renda. Tanto quanto o rádio, era item obrigatório nas residências. Então ela dizia: “Eu vou levar a minha máquina, assim meus filhos não passarão fome”. Era noite quando o barco parou no barranco. Ali começava a história de uma mulher muito corajosa que deixava tudo para trás com o único propósito de possibilitar educação formal para os filhos. Ela falava sempre a frase: “a única herança que os pais deixam para os filhos é estudo”.

Com ajuda de um primo meu, que já conhecia Manaus e de uma tia, que já morava na capital, fomos morar no Beco da Paciência, no bairro de Educandos, em um quartinho tão pequeno que só cabia uma cama e a máquina de costura. Minha mãe começou a costurar, mas nem sempre tinha dinheiro para comprar comida, porém uma vizinha, cujo esposo era peixeiro na feira da Panair¹², mandava para nós o que sobrava da janta dela. Era quase sempre peixe cozido. E assim não passamos fome.

Meu pai não resistiu e veio para Manaus também. Vendeu o gado, a terra com todas as benfeitorias e veio para junto de nós. Quando chegou a Manaus, eu já estava matriculada em uma aula particular. Era muito comum pessoas colocarem mesas compridas e bancos de madeira ao longo da mesa e matricularem crianças. Foi ali que eu levei o primeiro “bolo” de palmatória porque

¹¹ A esse respeito, cf. “Modelo Zona Franca – História”, disponível em http://www.suframa.gov.br/zfm_historia.cfm. Acesso em 24/08/2016.

¹² Criada em 1951, esta feira é a maior área comercial de venda de peixes em Manaus, ponto de concentração dos pescadores dos municípios próximos.

errei a tabuada. Importante frisar que, mesmo havendo sido proibidos os castigos físicos nas escolas brasileiras, desde o início do séc. XIX, ainda se usava a palmatória, e permaneceu, como prática recorrente, até o início dos anos 1980 (GRIGOLI, 2003).

Ao chegar a Manaus, meu pai providenciou uma moradia um pouquinho maior. Mudamos para o Bairro Cachoeirinha, onde hoje é a Avenida Silves, para um ambiente de dois cômodos. E novamente fui estudar em uma residência que também tinha as mesas, bancos longos e palmatória. Somente em 1970, quando mudamos para o bairro da Compensa, finalmente ingressei na escola oficialmente, graças à atitude do meu pai, que foi falar com o diretor da Escola General Sampaio para pedir vagas para mim e para o meu irmão. Fui matriculada na primeira série, mas a professora percebeu que eu já sabia ler e tomou as providências para que eu passasse para a segunda série. Por isso, no meu histórico escolar consta: *Promoção automática* em vez das notas do primeiro ano.

Figura 2. Meu Histórico Escolar com a “promoção automática” na 1ª série.
Fonte: Acervo Pessoal.

GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
de 1ª e 2ª Graus "Heitor Villa-Lobos"
Governo de Rondônia
ENTIDADE MANTEDORA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO Nº 1232 de 14.04.81

Nome do (s) aluno (s): ALZAMIRA DE SOUZA SANTOS
Data do nascimento: 27 / 11 / 60 Nova Olinda do Norte Amazonas V
Nome do Pai: Herman Gomes dos Santos
Nome da Mãe: Aldamira Vieira de Souza

HISTÓRICO ESCOLAR
2.º GRAU — HABILITAÇÃO: "MAGISTÉRIO"

DISCIPLINAS	1ª SÉRIE		2ª SÉRIE		3ª SÉRIE	
	NOTA	C. HD	NOTA	C. HD	NOTA	C. HD
Língua Portuguesa e Lit. Brasileira	R 96	70	90	73	60	
Língua Inglesa	R 64	-	-	-	-	
Educação Física	-	64	50	60	-	
Educação Artística	R 32	-	-	-	-	
História	B 96	-	-	-	-	
Geografia	O 96	-	-	-	-	
Educação Moral e Cívica	B 32	-	-	-	-	
O.S.P.B.	B 32	67	30	71	30	
Matemática	R 128	53	30	-	-	
Ciências Físicas e Biológicas	B 128	-	-	-	-	
Programa de Saúde	-	-	65	30	-	
Curso Religioso	-	-	95	30	97	30
Microtutela Infantil	-	-	65	60	-	
Recreação e Jogos	-	-	-	73	60	
Física	70	60	73	60	-	
Química	80	60	55	60	-	
Estudos dos Prob. do Desenv. de Rondônia	95	30	-	-	-	
Fundamentos da Educação	70	90	73	90	84	270
Estatística Aplicada à Educação	-	-	-	-	72	60
Estrutura e Func. do Ensino de 1º grau	-	-	90	60	-	
Didática	85	60	85	60	90	270
Estágio	-	-	-	-	85	120
Biologia	-	-	60	60	85	70

Conferido Em 03/09/84 Autenticado por Delegação de Competência da Secretaria de Estado de Educação conforme Portaria nº 1232/81-EDUC/19/06-84

Antônio Aldo Dantas Borero
INSPECTOR ESCOLAR SEMEC/ARIQUEMES
SEC. Nº 10-104/84

SÉRIE	ANO	ESTABELECIMENTO	CIDADE	ESTADO
1ª	1979	Centro Educ. Christus do Amazonas	Manaus	Amazonas
2ª	1980	Sec. T.1ºe2º G. Carmela Dutra	Porto Velho	Rondônia
3ª	1981	Sec. de 1ºe2º G. Heitor Villa-Lobos	Ariquemes	Rondônia

OBSERVAÇÕES: Adaptação em: Física, Química e Est. dos Prob. do Desenv. de Rondônia, referente à 1ª série do 2º grau, no ano letivo de 1981.

EXPEDIDA EM 27 07 84

Secretário Diretor

HISTÓRICO ESCOLAR 1º GRAU

1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE	4ª SÉRIE	5ª SÉRIE	6ª SÉRIE	7ª SÉRIE	8ª SÉRIE	9ª SÉRIE
Resultado	PROMOÇÃO AUTOMÁTICA							
Carga horária								

2ª SÉRIE General Sampaio Manaus Amazonas 1969
ESTABELECIMENTO LOCAL ESTADO ANO

Resultado 100 - - - - - 90 100 - - - - 90

Carga horária

3ª SÉRIE General Sampaio Manaus Amazonas 1970
ESTABELECIMENTO LOCAL ESTADO ANO

Resultado 90 - - - - - 95 95 - - - - 90

Carga horária

4ª SÉRIE General Sampaio Manaus Amazonas 1971
ESTABELECIMENTO LOCAL ESTADO ANO

Resultado

Carga horária

5ª SÉRIE General Sampaio Manaus Amazonas 1972
ESTABELECIMENTO LOCAL ESTADO ANO

Resultado 75 75 75 70 75 80 80 72 70 - - - - -

Carga horária

6ª SÉRIE Gr. Bco. Marquês de Santa Cruz Manaus Amazonas 1975
ESTABELECIMENTO LOCAL ESTADO ANO

Resultado 65 55 80 70 60 65 75 50 65 65 75 75 - -

Carga horária

7ª SÉRIE Gr. Bco. Marquês de Santa Cruz Manaus Amazonas 1976
ESTABELECIMENTO LOCAL ESTADO ANO

Resultado 60 55 60 60 60 95 65 55 55 50 75 65 - -

Carga horária

8ª SÉRIE Gr. Bco. Marquês de Santa Cruz Manaus Amazonas 1977
ESTABELECIMENTO LOCAL ESTADO ANO

OBS: A referida aluna foi promovida de 2ª a 5ª série do 1º grau, sendo que, por decisão no aprendizado/104 promovida de 3ª a 4ª série.

Secretário Diretor

Antônio Aldo Dantas Borero
INSPECTOR ESCOLAR SEMEC/ARIQUEMES
SEC. Nº 10-104/84

A Escola General Sampaio foi construída em 1968, no interior do Quartel do 1º BIS, para atender aos filhos de militares. Havendo vagas remanescentes, eram preenchidas com pessoas da comunidade. Funcionava em convênio com o Estado. Nessa escola, eu estudei da segunda à quinta série. Na segunda série, quem ministrava as aulas era a professora Maria Georgina Libório Barroso. Ela era jovem, bonita, meiga, atenciosa, alegre e, mesmo sendo jovem, fazia o tipo mãe; dava conselhos, orientava para vida, e fugia das aulas tradicionais. Ela lia textos de livros infantis, em seguida pedia para alguns alunos dramatizarem a história. Levava materiais para serem usados nas dramatizações.

Um dia, a história era de uma porquinha que tinha um lacinho no rabo. Eu fui a personagem. Lembro que ela colocou um rabo de arame com um laço de papel crepom vermelho na ponta. Em outra ocasião, pegou uma folha de papel branco, fez um corte em cada canto, transformando-a numa caixinha quadrada, entregou uma folha para cada aluno e pediu que cada um fizesse a sua caixinha. Quando todos estavam com seus quadrados, ela disse: “levem para casa e transformem estes quadrados em uma casa”.

Fiz um telhado de papel laminado prata imitando as telhas de alumínio com as quais eram cobertas a maioria das casas. Fiz uma fachada com cartolina, inspirada em uma casa que ficava na Avenida Epaminondas e que eu a achava bonita quando passava de ônibus. Fiz portas e janelas. Dediquei tanto empenho naquela tarefa que a minha casa foi a mais criativa de todas.

Lembro que, em uma aula de ciências, a professora explicou sobre as partes das plantas. Pediu para que os alunos levassem no outro dia uma planta completa com raiz, caule, folhas, flores e frutos. Alguns não levaram, outros levaram a planta incompleta. Mas eu levei a planta completa.

Menciono estas experiências vividas em meu cotidiano nos anos iniciais na Escola General Sampaio para deixar evidente a forte influência que a professora Georgina exerceu sobre mim. Ainda guardo na memória estas vivências e, de certa forma, percebo que todo o capricho, empenho e cuidado com os quais eu fazia as atividades por ela solicitadas, estava relacionado à profunda admiração que eu nutria por ela. Lembro aqui a mesma imagem positiva que o educador Rubem Alves possuía de sua professora na educação

primária, relatada em uma de suas crônicas. Ele conclui: “[...] quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro” (ALVES, 2002).

Ponderando mais neste argumento, posso dizer que foi na imagem da professora Georgina que me inspirei nos primeiros anos no magistério. Ela, naquela época, em que a Gramática Tradicional era vigente no Brasil, já trabalhava a produção textual em sala de aula. Lembro-me de um texto que ela pediu cujo o tema era: *o que você quer ser quando crescer? Por quê?* Então eu senti uma alegria enorme ao escrever que queria ser professora. Não tenho dúvidas, repito, que isso estava intimamente ligado à forma como ela me encantou com sua prática docente, tornando-se aspiracional para mim.

Ela marcou tanto a minha vida que o meu sonho era reencontrá-la. Um dia, assisti pela televisão a um programa em que um senhor encontrou o irmão depois de trinta anos. No final do reencontro, o apresentador disse que se alguém quisesse reencontrar parentes ou amigos, havia um site chamado *Gente procurando gente*. Escrevi para o site e eles a localizaram. No dia 12 de outubro de 2012, quarenta e dois anos depois, nos reencontramos no IFAM-CMC, exatamente no dia do professor.

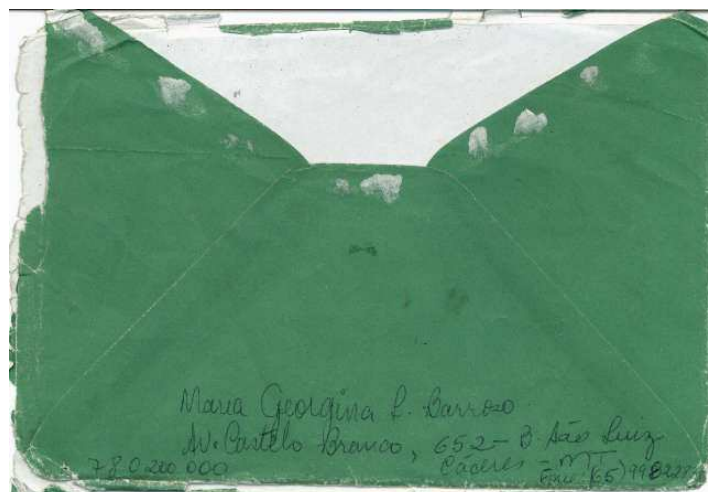
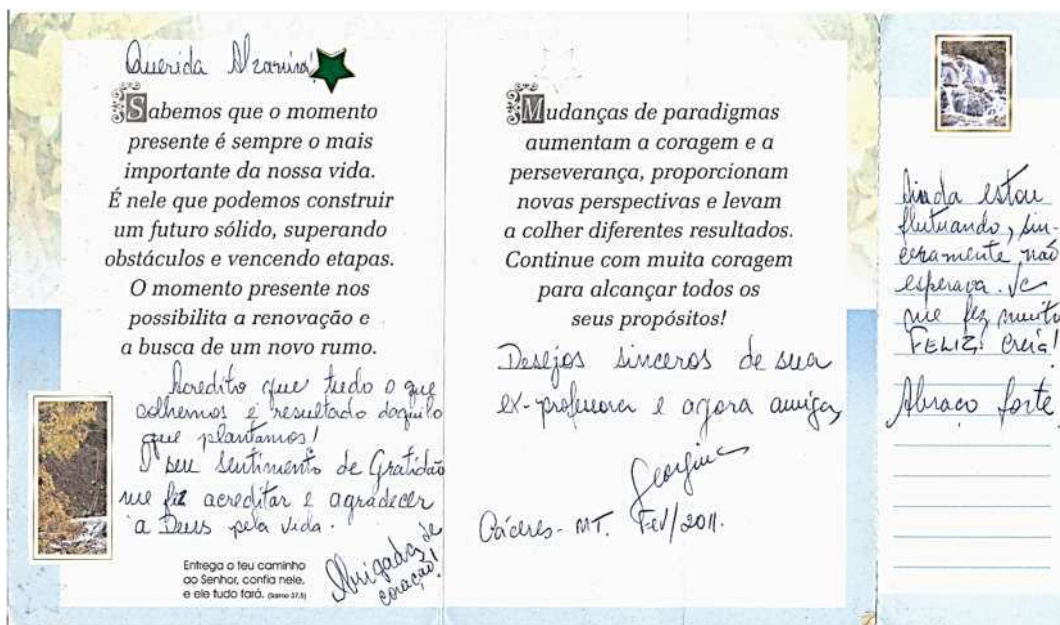
Nada poderia ter sido melhor, naquele dia do professor, do que a presença da primeira professora que me fez ter certeza de que o magistério era a minha grande paixão. Depois desse reencontro, ela me enviou, pelo correio, um cartão falando da felicidade de ter me reencontrado. Algo que me chamou a atenção, foi que, nessa influência da professora sobre a aluna, até as nossas caligrafias são semelhantes.

Na Escola General Sampaio, o ensino era somente da primeira à quinta série. Então, quando terminei a quinta série, fui estudar na Escola Castelo Branco e no ano seguinte, fui para a Escola Marquês de Santa Cruz, onde estudei até a oitava série. No ano seguinte, consegui uma bolsa de estudo para cursar o primeiro ano básico, no Instituto Christus do Amazonas e no ano seguinte, o tão sonhado Magistério, no Instituto de Educação do Amazonas (IEA).

Figura 3. O registro do reencontro entre eu e a professora Georgina.
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 4. Cartão de agradecimento enviado pelos Correios pela prof. Georgina depois de nosso reencontro.
Fonte: Acervo Pessoal.



Enquanto eu estudava nas escolas General Sampaio, Castelo Branco e Marquês de Santa Cruz, meu pai fez uma mesa comprida com bancos de madeira, para eu lecionar para as crianças dos nossos vizinhos; porém, sem palmatória. Como tinham muitas crianças nas proximidades, minha sala de aula possuía muitos alunos.

Um dia uma equipe estava visitando o bairro da Compensa em busca de professores para lecionar pelo MOBRAL¹³. Uma senhora disse que “sabia de uma mocinha” (eu tinha 15 anos) que já lecionava e levou a equipe até mim. Então fiz treinamento, recebi o material e a minha sala de aula passou a ficar à disposição do Movimento Brasileiro de Alfabetização durante dois anos.

Quando completei dezoito anos, fui trabalhar no Distrito Industrial, na CCE da Amazônia S/A. Acordava às quatro da manhã para pegar o ônibus da empresa que levava os funcionários. Ele passava um pouco longe da minha casa. Na volta pegava outro ônibus que me deixava próximo ao IEA (Instituto de Educação do Amazonas). Ia para assistir às aulas, mas o sono dificilmente deixava. Na volta para casa, eu dormia e geralmente passava da parada da minha casa. Acordava com o cobrador me chamando dizendo que já estávamos no ponto final.

¹³ O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi um órgão do governo brasileiro, instituído em 1968 e efetivado somente a partir de 1971. Existiu até 1985, quando foi substituído pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – EDUCAR.

Figura 5. Manaus, 1975. Eu, acompanhada de dois alunos meus do MOBRAL, em evento na Escola Sólon de Lucena.
Fonte: Acervo Pessoal.



1.2 O “Eldorado” é bem ali

Após seis meses trabalhando na CCE e três cursando o Magistério, recebi uma carta de uma amiga que morava em Porto Velho, através da qual ela relatava a escassez de professores em Rondônia, à época ainda um Território Federal de Fronteira, e considerado “terra da promessa” por causa do garimpo e da política de assentamentos do INCRA no interior do Território. Argumentava sobre a possibilidade de alguém que já estava cursando o Magistério, como eu, encontrar emprego. Ofereceu a casa dela para eu ficar e apoio naquilo que eu precisasse. Não pensei duas vezes. Para quem sonhava em ser professora, deixar um emprego no Distrito Industrial não foi difícil. Pedi demissão e transferência da escola, peguei um micro-ônibus da Viação Motta, que à época fazia o trecho Manaus-Porto Velho via BR-319, e rumei em busca de continuar minha carreira no Magistério.

Fui estudar no Instituto de Educação Carmela Dutra e consegui emprego como professora da segunda série na Escola Dr. Granjeiro, uma escola particular. No ano seguinte, mudei-me para Ariquemes e terminei o Magistério na Escola Heitor Villa-Lobos. Faltando poucos dias para o encerramento das aulas, uma equipe da Universidade Federal do Pará visitou minha sala para informar sobre um projeto de extensão¹⁴ em convênio com a SEDUC, para a realização do curso de Licenciatura Curta em Letras.

Quando a equipe saiu, o professor de Português, Caio Aparecido dos Reis, que ministrava aula no momento que a equipe chegou, falou para a turma: “eu sei que vocês sonham com outros cursos, mas nós estamos numa clareira, e se a Universidade vem até nós, devemos aproveitar a oportunidade. Daqui três anos, quem não fizer o curso será nível médio, mas quem o fizer, será nível superior”!

¹⁴ Nessa época, Rondônia ainda não possuía uma Universidade, que viria a ser criada somente em 1982.

Figura 6. Ariquemes, c. 1981. Eu, no canto inferior direito da foto, grávida e já estagiária no Magistério na Escola Heitor Villa-Lobos, às portas de ser aprovada no vestibular para Letras.
Fonte: Acervo Pessoal.



Eu fiquei animada, porém, estava no último mês de gravidez. Perguntei à equipe sobre a possibilidade de eu fazer a prova no Hospital caso o bebê nascesse nos dias do vestibular. Eles disseram que não havia problema e que iriam ao Hospital. Mas eu dei à luz em casa, no domingo, dia 22 de novembro de 1981 e no dia 23, quando a equipe já se dirigia para o hospital e maternidade São Francisco, eu cheguei para fazer a prova. Foram dois dias de provas. E quando saiu o resultado eu estava aprovada. As aulas começaram em seguida, no final de 1981. Graduei em Licenciatura Curta em Letras pela Universidade Federal do Pará no dia 8 de dezembro de 1984.

No mesmo ano em que terminei o curso de Magistério e comecei a Licenciatura Curta, fui contratada pela Prefeitura Municipal de Ariquemes como professora de primeira à quarta série. Mais tarde fui integrada ao quadro de funcionários do Ex-Território Federal de Rondônia, tornando-me funcionária federal. Isso possibilitou a minha redistribuição para o CEFET-AM, atualmente Instituto Federal do Amazonas-IFAM, décadas mais tarde.

Em janeiro de 1985, quando fui participar do XVIII Congresso da Confederação de Professores do Brasil em Vitória/ES, conheci um professor da Universidade Federal de Rondônia que me falou sobre a possibilidade de uma vaga para plenificar a minha graduação. Fiquei muito interessada e quando voltei para Ariquemes, entrei em contato com o Departamento de Letras da UNIR, solicitei as informações necessárias para cursar a Licenciatura Plena. Tomei todas as providências e ainda no início de 1985, eu estava mudando para Porto Velho para estudar. Dois anos depois, concluí o curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal de Rondônia.

Figura 7. Colação de Grau da Licenciatura Curta em Letras. Eu sou a primeira, da esq. para a dir., na fila frontal. À direita, Confúcio Moura, nosso paraninfo, faz seu discurso.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 8. O segundo momento na formação superior. Colação de Grau da Licenciatura Plena, em 1986.
Fonte: Acervo Pessoal.



Em uma de suas várias crônicas sobre a educação, Rubem Alves (2002, p. 77) diz que ter um diploma de nível superior não é garantia de ser educado. “Diplomas somente atestam que aqueles que os têm são portadores de um certo tipo de conhecimento”. Longe de querer menosprezar a titulação acadêmica, faço essa reflexão afim de ponderar sobre o que significa a formação superior na trajetória de um educador. O saber precisa potencializar em nós aquilo que Rubem Alves (1993, p. 22-23) incansavelmente repetiu ao longo de seus textos e palestras: o conhecimento não pode ser uma “asepsia do desejo”, nem a “repressão do amor”. O saber acadêmico deve ser o instrumento a nos ajudar a ter coragem de revelar as esperanças e “dizer os próprios sonhos”, a ferramenta a nos auxiliar a dar forma às “utopias construídas no silêncio”. A prática inicial docente iria ser a oportunidade para a vivência desse sonhos e utopias.

1.3 Medo, incerteza e paixão

Quando me licenciiei em Letras pela Universidade Federal de Rondônia, em 1986, estava decidida a seguir carreira no magistério, e não havia dúvida alguma de minha parte em relação à essa escolha. O caminho percorrido após a graduação foi sempre marcado por muito aprendizado. Imbernón (2001), ao abordar sobre a problemática da formação de professores, demonstra especial preocupação com o que ele chama muito apropriadamente de *formar-se para a mudança e a incerteza*. Muito embora reconheça o processo inicial da formação docente, o autor propõe a formação como um processo permanente, apontando o professor como construtor de conhecimento ancorado em uma prática e em uma problemática contextualizada.

De fato, minha trajetória na docência foi marcada por tais assertivas. Após me graduar, fui morar em Machadinho do Oeste¹⁵, um pequeno município do interior do Estado de Rondônia. Como era servidora do Ex-Território Federal de Rondônia¹⁶ desde 1981, fui lecionar Língua Inglesa na Escola Estadual

¹⁵ Situada na bacia do Vale do Rio Jamari, a zona leste do Estado de Rondônia, Machadinho do Oeste fazia parte inicialmente do município de Ariquemes, com a denominação de “Projeto de Assentamento Machadinho”, vindo a tornar-se um município autônomo somente em 1988.

¹⁶ Dentro do contexto da política de fronteira durante o Estado Novo (1937-1945), foi desmembrada uma parte do sul do Estado do Amazonas para a criação, em 1943, do Território

Alberto Nepomuceno. Lecionando Língua Inglesa, confesso que não foi possível fazer um trabalho diferenciado em sala de aula, muito embora eu já buscasse formas mais dinâmicas de ensino.

Paralelo à atuação no magistério, engajei-me em algumas demandas sociais no pequeno município. Fui trabalhar com as lideranças comunitárias e atuar em várias frentes de luta: luta de combate à malária, que à época era a grande epidemia que provocava muitas mortes na região, tendo Rondônia inclusive recebido o título de “capital mundial da malária” (KATSURAGAWA, 2008); movimento para que o Distrito de Machadinho se tornasse Município; criação de um centro supletivo para atender a população fora da faixa etária. Lecionei Língua Portuguesa, como voluntária, para um grupo de pessoas que aguardavam os concursos para provisão de cargos nos futuros órgãos públicos que iriam se instalar quando Machadinho fosse elevado à categoria de Município. A principal meta das pessoas, que estavam estudando para concurso, era trabalhar no Hospital que estava em construção.

Todos os objetivos pelos quais lutei, juntamente com outras pessoas envolvidas nos movimentos populares, foram alcançados: o índice de pessoas com malária caiu, Machadinho foi elevado à categoria de Município, várias pessoas passaram nos concursos e o centro supletivo foi construído.

Importante observar que, décadas depois, o NACES viria a se tornar o Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos Paulo Freire, em plena atuação até hoje. A captura de imagens feita pelo Google Street View atesta, na figura abaixo, as atuais condições do prédio¹⁷.

Federal do Guaporé. Em 1956, teve sua denominação modificada para Território Federal de Rondônia, vindo a tornar-se um Estado da Federação somente em 1982.

¹⁷ Cf. <http://ceejamachadinho.blogspot.com.br/>. Acesso em 24/08/2016.

Figura 9. A experiência docente na Escola Estadual Alberto Nepomuceno, divertindo os alunos no Dia das Crianças como palhaça. Seria uma reminiscência do Palhaço Carequinha da minha infância?
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 10. Lançamento da pedra fundamental do NACES – Núcleo Avançado do Centro de Estudos Supletivo. Machadinho d'Oeste, dezembro de 1987.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 11. Alguns dos membros fundadores do NACES em seu singelo interior. Machadinho d'Oeste, dezembro de 1987.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 12. O outrora NACES tornou-se o CEEJA Paulo Freire.
FONTE: Google Street View, 2016.



Quando fui para Machadinho, era dona de uma biblioteca razoável e levei todos os meus livros, colocando-os à disposição da comunidade. Consegui uma casa emprestada de um funcionário do INCRA no centro da cidade; uma professora sugeriu que o nome da biblioteca fosse Castro Alves e desenhou o busto do referido poeta em uma cartolina. Coloquei a imagem em uma moldura e ela decorava a biblioteca. Convidei alguns pais para fazerem prateleiras e mesas. Levei os livros. Coloquei uma placa na frente da casa: BIBLIOTECA PÚBLICA CASTRO ALVES. Eu atendia os estudantes no período oposto ao que lecionava e um aluno ficava no outro turno. Depois comecei a enviar cartas para as editoras pedindo livros. A biblioteca tornou-se conhecida em Ariquemes e em Porto Velho, tendo sido alvo de manchete no jornal local.

Devido ao êxito obtido, fui convidada para participar de um curso de Treinamento de Biblioteca Escolar. Durante alguns anos a biblioteca funcionou na casa emprestada, mas o proprietário precisou dela e teria que ser desativada. Uma professora pediu para levar os livros para a escola Joaquim Pereira da Rocha, escola na periferia de Machadinho. Eu aceitei a solicitação. Em 2010, exatamente 23 anos depois de todas essas conquistas, recebi um DVD com homenagens e mensagens de agradecimento pelas lutas e conquistas realizadas naquele lugar. No DVD há um depoimento de uma ex-aluna dizendo que é professora de Inglês, que viajou por vários países (Inglaterra, Estados Unidos, Japão) mas que tudo começou nas minhas aulas de Inglês, na Escola Alberto Nepomuceno. Fiquei surpresa e feliz, afinal, eu achava que não tinha contribuído muito com as minhas aulas de Inglês.

1.4 Um mergulho na prosa e na poesia

Em 1992, fui aprovada no concurso de provas e títulos da Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho para ministrar aulas de Língua Portuguesa no 1º grau (atual Ensino Fundamental II). Fui lotada na Escola Municipal Padre Chiquinho. Nessa escola, pude colocar em prática a proposta de trabalhar o texto na sala de aula. Trabalhei principalmente com literatura infantil e juvenil. Os alunos liam livros de Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Ziraldo, Bartolomeu Campos Queirós, Joel Rufino dos Santos, Ruth Rocha, Rubem Alves. Desenvolvi um trabalho de produção textual com a ajuda de dois

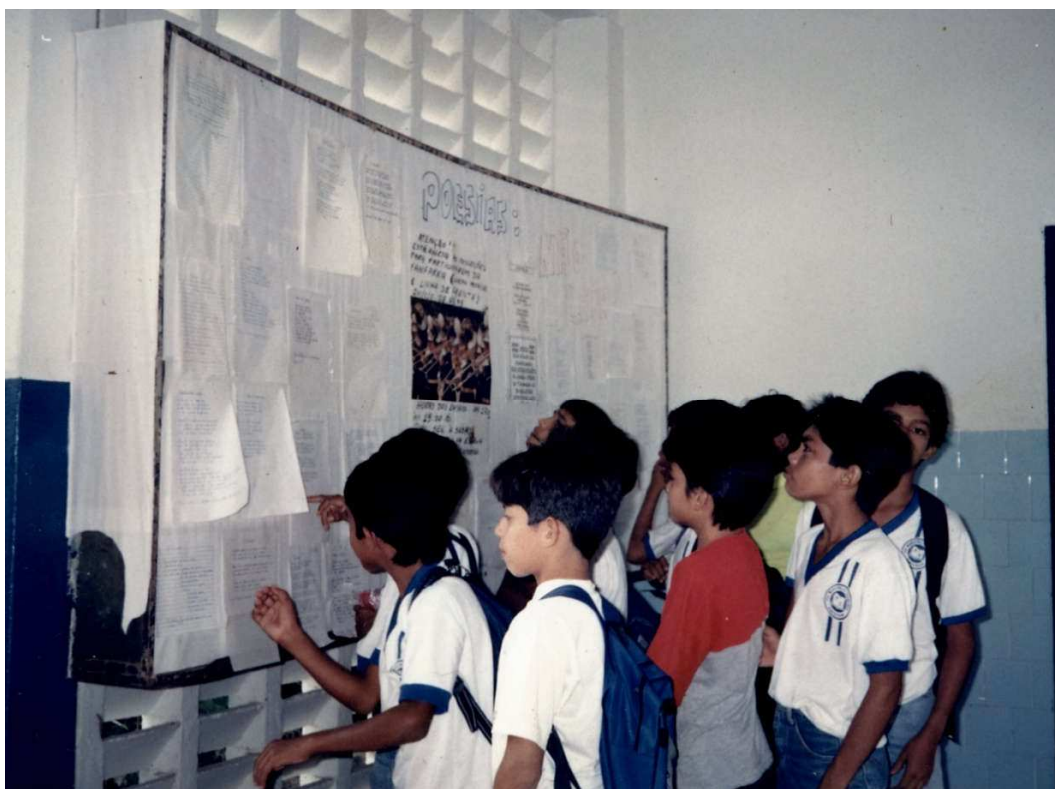
livros didáticos: *Nos domínios da linguagem* (BIANCHINI E CUNHA, 1993) e *Palavra chama palavra* (MAGALHÃES, 1994).

Vale mencionar que as duas coleções supracitadas são de autores bastante preocupados com a produção textual em sala de aula. Maria Antonieta Antunes Cunha e Orlando Bianchini, autores da primeira, hoje aposentados, tiveram uma ampla atuação na área de Educação e Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, dedicando grande parte de sua produção a discutir o uso da Literatura no ensino de Língua Materna. Quanto à segunda, cito aqui um trecho do texto de abertura da coleção que dá a tônica de seu conteúdo:

Estamos vivendo um momento pedagógico de novas propostas de ensino da Língua Portuguesa. Por isso, a coleção *Palavra chama palavra* apresenta uma série de atividades linguísticas objetivando essencialmente o *estudo do texto*. Nesse sentido, enfatiza o processo da construção do sentido do texto através do jogo da interação discursiva envolvendo quem o produz e quem o interpreta. Assim sendo, não concebe o aluno-leitor como um mero decodificador dos sentidos prontos e já fechados nos limites do próprio. Ao contrário, estimula-o a participar de forma reflexiva e crítica da *construção dos sentidos textuais* (MAGALHÃES, 1994, p. 3).

Tais coleções me auxiliaram a buscar um caminho bastante focado em produção textual em sala de aula, não privilegiando apenas o ensino de gramática normativa. Os alunos, influenciados pelas sugestões do livro *O Domínio da Linguagem*, trabalharam a interpretação textual; e, influenciados pelas propostas de atividades de *Palavra Chama Palavra*, produziram textos de vários tipos. Participaram de gincanas, concursos de poesia e de um evento no Dia da Poesia onde os textos foram publicados em um mural na escola.

Figura 13. Alunos da Escola Estadual Pe. Chiquinho apreciam os poemas publicados em um mural na escola.
FONTE: Acervo Pessoal.



Em 2005, quando já estava trabalhando no CEFET-AM¹⁸, retornei a Porto Velho e visitei um ex-aluno, Jean Ricardo Medeiros de Souza, que tinha estudado na Escola Padre Chiquinho, nesse período; tive o prazer de receber dele um livreto (SOUZA: 2005) de poemas com a seguinte dedicatória: *Para Alzanira, que foi (que é) razão destas palavras de arte. Nada poderia ser melhor neste 15 de junho de 2005 do que a voz, o olhar, a visita desta mulher especial...*

Jean Ricardo é licenciado em Letras pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR e professor na Rede Estadual de Ensino em Rondônia. É gratificante encontrar esses “eternos alunos” e saber que a semente que foi plantada está florescendo e dando frutos. Principalmente frutos poéticos. Rubem Alves, na epígrafe de seu livro *A alegria de ensinar* (ALVES: 1994) diz que “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais”.

Na Escola Padre Chiquinho, em Porto Velho, pude colocar em prática um pouco do que aprendi com o professor Wanderley Geraldi, trabalhar com textos em sala de aula, fazendo uso de várias abordagens. Como já falado, a coleção Palavra chama palavra contribuiu bastante para inspirar a criação e o desenvolvimento de atividades de produção textual. A referida coleção possuía uma seção em seus capítulos intitulada “Criatividade”¹⁹, com sugestões para redações.

Partindo das orientações fornecidas por essas duas coleções, em pouco tempo, eu mesma passei a criar atividades de produção textual. Descrevo abaixo, de maneira sucinta, duas atividades criadas por mim em minha atuação docente.

¹⁸ Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) era a denominação dos institutos de ensino pertencentes à esfera federal e ligados ao Ministério da Educação. Com a criação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (Lei 11.892/2008), o CEFET-AM passou a integrar a rede de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

¹⁹ O livro sempre utilizava uma frase de efeito para introduzir essa seção: “Agora é a sua vez”, o que era muito estimulante para o aluno desenvolver seu potencial criativo.

Figura 14. Folha de rosto do livro presenteado pelo ex-aluno e poeta Jean Ricardo, com a carinhosa dedicatória.
Fonte: Acervo Pessoal.

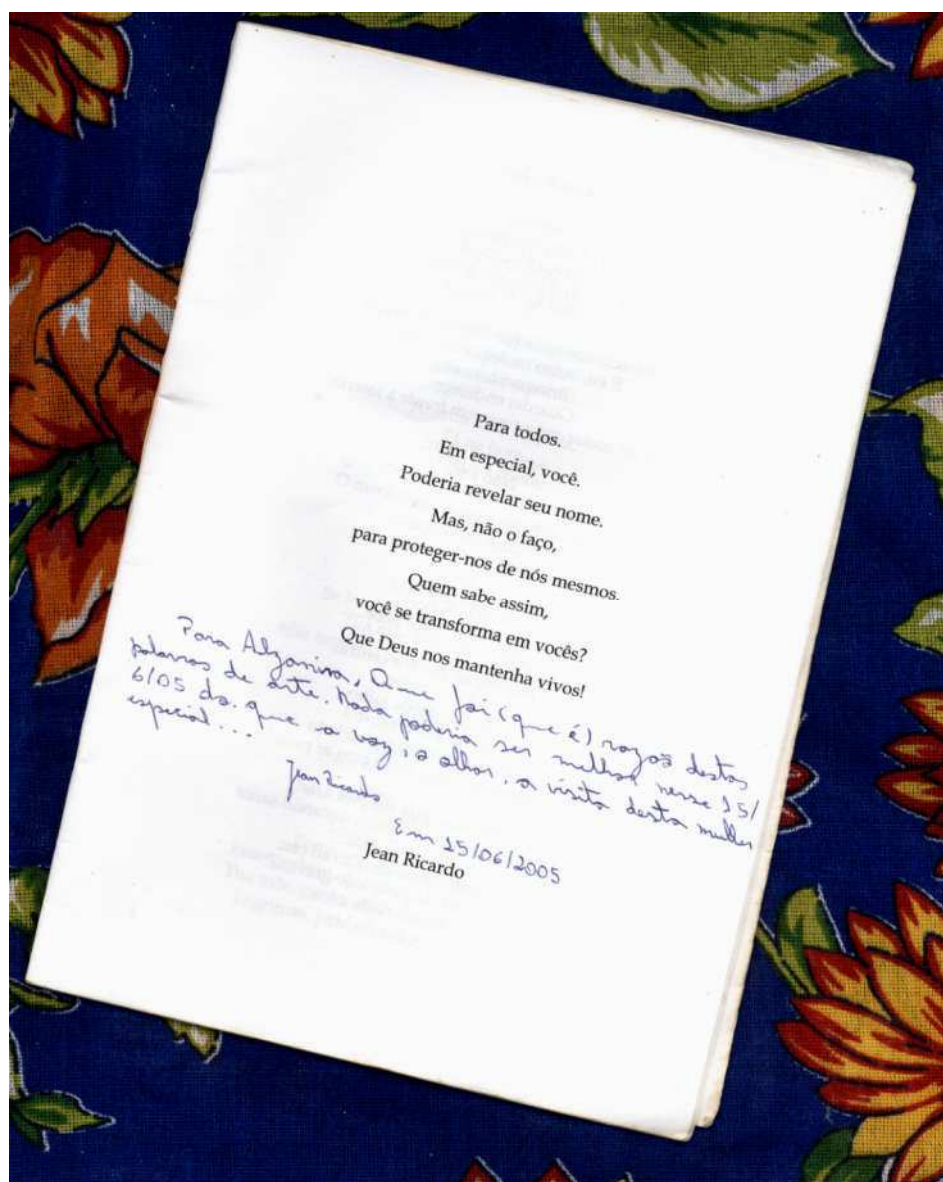
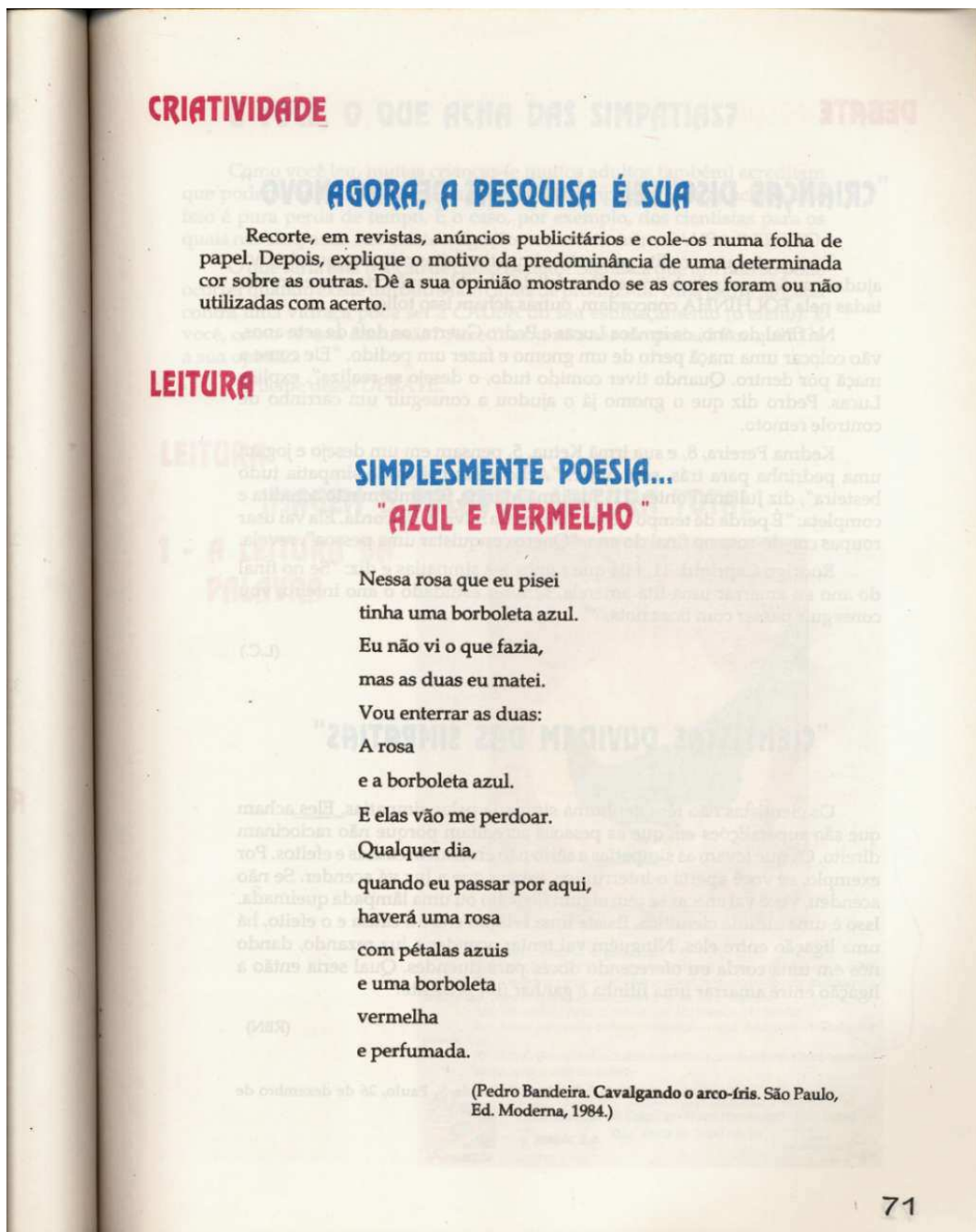


Figura 15. Imagem de uma atividade da Col. Palavra Chama Palavra (que possuo até hoje), da seção "Criatividade", constante em toda a coleção.

Fonte: Acervo Pessoal.



Trabalhamos, na primeira atividade, com recontagem das histórias lidas em sala de aula. Uma história que os alunos recontaram foi “Quando a escola é de vidro”, do livro *Este admirável mundo louco*, de Ruth Rocha (1986). A história é curta e descreve uma escola onde as crianças estudavam dentro de potes de vidro. Após a leitura, os alunos recebiam a proposta de recontar a história a partir do mote do título: *Quando a escola é de....*. Cada aluno criou um texto mostrando uma escola diferente.

Na segunda atividade, desta vez com a história “O que os olhos não veem”, também da escritora Ruth Rocha (1994), os alunos faziam outra atividade, a de criar um final para a história. Contada toda em versos rimados muito semelhante ao cordel, começa assim: “Havia uma vez um rei/ Num reino muito distante/ que vivia em seu palácio/ Com toda corte reinante/ Reinara pra ele era fácil/ Ele gostava bastante”. Primeiramente, eu lia a narrativa com ênfase nas rimas e com bastante entonação; levava para a sala de aula uma indumentária de rei. Convidava o menino mais alto para ser o rei, alguns para participarem da corte e os demais para representarem o povo. Lia a história e os alunos iam dramatizando-a à medida que eu prosseguia com a leitura. A história não tem um final. A última estrofe diz assim: “Eu vou parar por aqui/ A história que eu estou contando/ O que aconteceu depois/ Cada um vá inventando”.

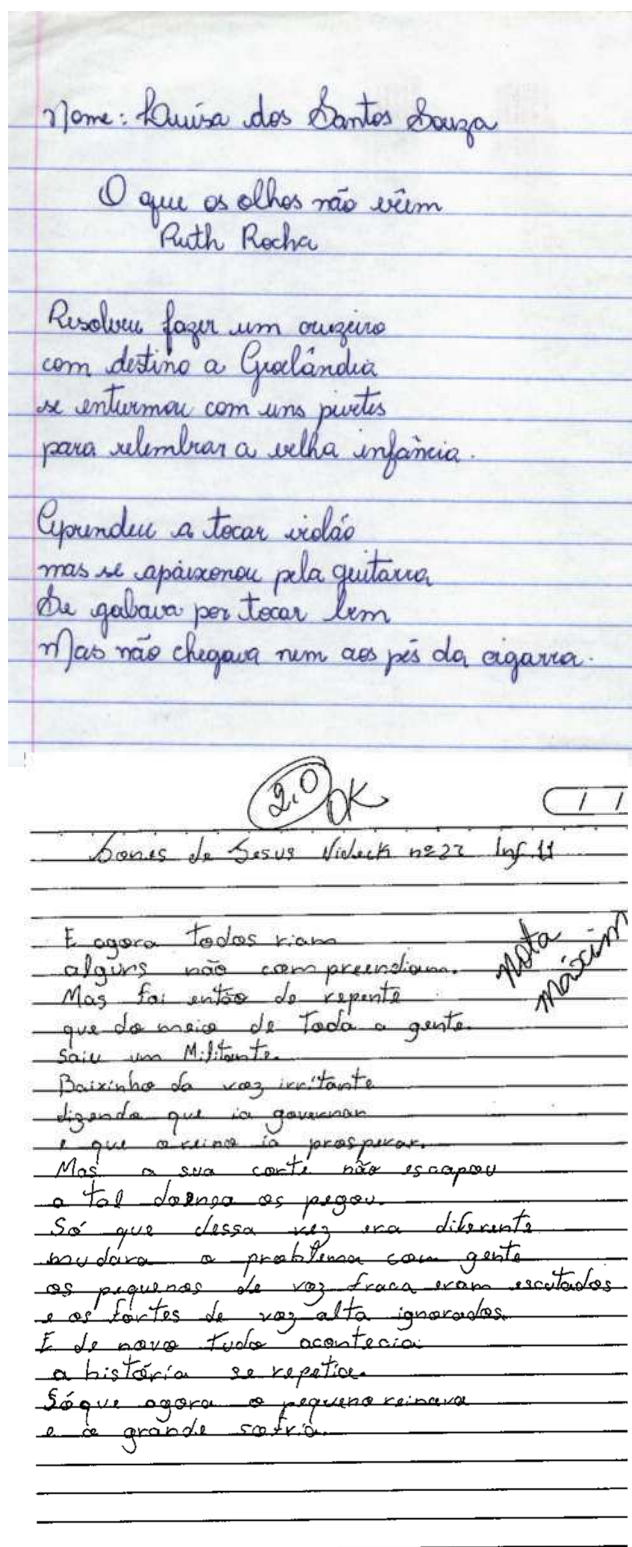
Esses últimos versos eram a deixa para a finalização da atividade com produção textual. Cada aluno criava um final para a história usando estrofes com o mesmo ritmo. Quando eles apresentavam os finais para a turma, o resultado eram sempre textos surpreendentes, dinâmicos e criativos. Esta é uma atividade que pode ser feita com alunos de todas as idades. Uma vez contei essa mesma história para crianças do pré-escolar, mas como eles ainda não sabiam ler, pedi que desenhassem o final. Foi gratificante ver os desenhos com os vários destinos do rei. Na maioria deles o rei morreria.

É interessante notar que as histórias dos livros de Ruth Rocha permitem, de maneira muito frutífera, o desenvolvimento de atividades desta natureza, por serem histórias curtas e com uma forte inflexão crítica, sempre permeadas pelo humor (RICHE, 1985; MARIANO, 2012). O fato burlesco de uma escola onde os alunos estudam dentro de potes de vidro leva os estudantes a refletirem sobre suas próprias condições de estudo e criarem escolas dos mais

variados materiais, na maioria das vezes com percepções críticas de seu cotidiano. Já o segundo texto convida o aluno a criar um final para a história.

Descrevi essas duas atividades para observar três aspectos que considero importantes de serem frisados: em primeiro lugar, o uso constante em minha prática docente, voltada para a produção textual, de textos curtos – geralmente poemas ou prosas poéticas – marcados por rimas com bastante musicalidade e de fácil assimilação; acrescenta-se a isto o uso de textos em sua maioria cômicos ou burlescos, com teor crítico. Em segundo lugar, o uso da paródia e da paráfrase na produção textual, de forma a permitir ao aluno dessacralizar o texto literário e, assim, poder aproximar-se dele sem tantas reservas, e perceber que o ato criativo de produzir um texto não está tão afastado de sua realidade, que ele pode usar um texto como apoio para produzir seu próprio texto (DE SANT'ANNA, 1985). Em terceiro lugar, observar que essas atividades não ficaram restritas a uma única experiência, mas passaram a fazer parte de um repertório de atividades de produção textual, sendo constantemente aplicadas nas várias turmas de diferentes níveis com as quais trabalhei em minha trajetória docente ao longo dos anos, sempre apresentando resultados interessantes até hoje.

Figura 16. Alguns exemplos manuscritos da atividade "Final da História do Rei".
Fonte: Acervo Pessoal.



Outra atividade saía diretamente da coleção *Palavra chama palavra* é *horóscopo diferente*, que tem como base a leitura do texto do escritor e humorista Jô Soares, intitulado “Ano Novo, Horóscopo Novo” (MAGALHÃES, 1994). Em vez do momento, o mais importante é o lugar em que se nasce. Qualquer lugar é lugar de nascimento. O lugar que se nasce acaba marcando a vida das pessoas. O texto lido tinha pessoas nascidas sob o signo de Ônibus, Elevador, Campo, Avião, etc. O desafio para aquela turma de 6ª série era criar um horóscopo com outros signos criados por eles próprios e apresentar para a classe. O apelo ao absurdo dá uma tônica bastante lúdica e divertida à atividade, que ao longo dos anos sempre rendeu resultados muito criativos.

De fato, de posse dessa inspiração de criar as próprias atividades de produção textual, fui criando um banco de atividades dessa natureza, sempre acionadas em qualquer escola em que eu trabalhasse. Anos depois, por exemplo, trabalhei em outra escola municipal em Porto Velho, a Escola Joaquim Vicente Rondon, com alunos de sexta e sétima série. Nessa escola havia, oportunamente, uma Sala de Leitura. Em uma das visitas, tive a oportunidade de ler o livro *Classificados Poéticos*, de Roseana Murray (1998), para os alunos. E logo surgiu a ideia de confeccionarmos um livreto com classificados poéticos criados pelos alunos, a partir dos classificados criados por Roseana Murray. Os alunos criaram seus próprios classificados os quais foram selecionados, digitalizados e colocados no livreto intitulado *Classificados Poéticos Vicentinos*.

Figura 17. Digitalização da capa dos “Classificados Poéticos Vicentinos”, antologia dos textos feita pelos próprios alunos. Desenhos manuais, quando o computador ainda não era regra.

Fonte: Acervo Pessoal.

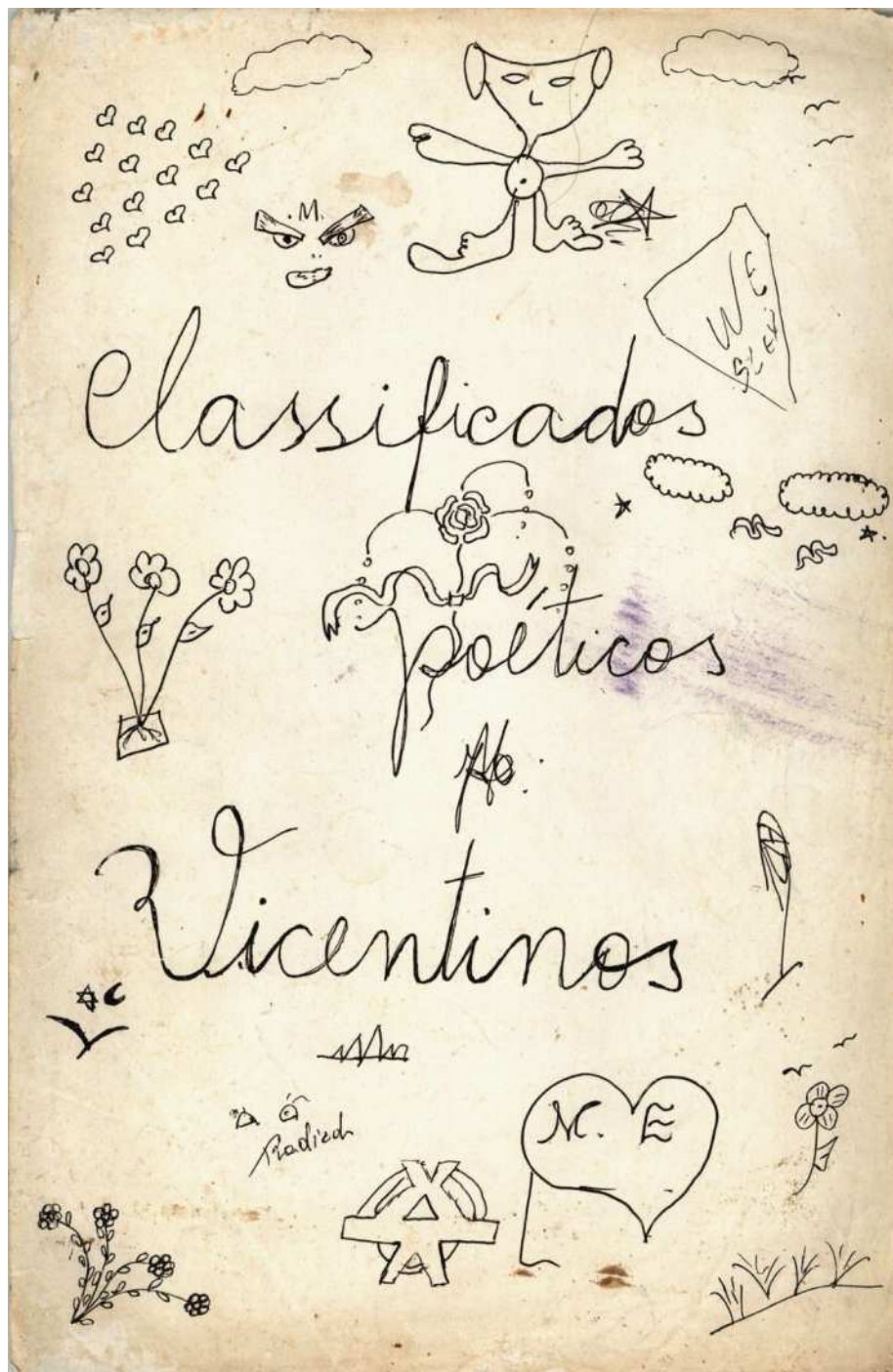


Figura 18. Excertos do interior dos "Classificados Poéticos Vicentinos", antologia dos textos feita pelos próprios alunos. Máquina de datilografia, colagem, e uns poucos impressos, quando o computador ainda não era regra.

Fonte: Acervo Pessoal.

SÓ QUERO COMPRAR UM MUNDO.

Quero comprar um mundo que tenha ar puro, água limpa para beber, lavar e limpar.

Um lugar onde os pássaros possam voar, os bichos andar em qualquer lugar, onde ninguém tente-os pegar. Eu quero um lar, onde os rios sejam limpos, as florestas sem desmatar, tudo no seu lugar, onde a natureza tenha muito amor para nos dar.

ADRIANA RENATA , Nº4, 7ªA

VENDE-SE UMA FLORESTA TROPICAL, QUE DA DE OUVIR OS CANTOS DOS PÁSSAROS, AS ONDAS DO MAR, E O VENTO QUE NUNCA PARA DE SOPRAR, SE ALGUM DIA OS PÁSSAROS NÃO MAIS CANTAREM. ONDAS NÃO FORMAREM NO MAR E O VENTO NUNCA MAIS SOPRAR, SÓ ESSE DIA VOCÊ PODERÁ TER CERTEZA QUE A NATUREZA VAI SE ACABAR.

NOME: FRANCISCO VALDIR DE SOUZA FRANCO JÚNIOR. Nº 18
SÉRIE: 7ª TURMA: "A" TURNO: 2ª

PROCURA-SE O RIO DA PAZ,
QUE ESTÁ CHEIO DE SALEIAS
FALANTES, PEIXES BRINCANTES
E SIRIS PICANTES.
QUEM SOUBER DESSE RIO
PODE ESCREVER PARA A RUA
DA PRAIA, NÚMERO DO MAR,
E FALE COM A LULA
GRACIOSA QUE ESTÁ EM
BUSCA DE UM LAR.

**Procure um lugar
encantado, onde tudo
seja anormal, mas que
tudo seja legal. Quem
souber por favor avisar
a fada madrinha, na
rua da imaginação na
esquina com poluição.**

SANDRA ÁVILA PELENTIR

7ªA

ESCOLA MUNICIPAL DE 1ª E 2ª GRAU JOAQUIM VICENTE RONDON.

DICIPLINA=PORTUGUÊS .

PROFESSORA=ALZANIRA.

NOME=ROSA MARIA NASCIMENTO SINOSA.

SÉRIE=7ª TURMA=A TURNO=2ª Nª=32.

--CLASSIFICADO POÉTICO--

Troca-se um rio cheio de amarguras e
tristezas, por um mar lindo cheio de
ondas feitas de paz, alegria, amor e
que possa despertar na humanidade
esses sentimentos tão lindos que são
a paz e o amor.

Elizete 7ªA

Pode-se notar a mesma lógica das atividades anteriores ao observarmos a atividade anterior. O texto incide em poemas curtos, com um apelo propagandístico que se aproxima muito da realidade dos alunos, que convivem em meio à sociedade de consumo. Contudo, a orientação poética do classificado permite ao estudante expressar sua imaginação e seu eu lírico de uma maneira bem coloquial, dessacralizando tanto o texto literário quanto sua feitura.

Mais do que uma mera dessacralização, sem maiores finalidades, essa abordagem para minha prática se pautou com determinada percepção do ensino de língua materna na Educação Básica, orientada por alguns autores que propõem uma abordagem específica sobre o ensino de língua materna, principalmente daqueles que discutem o papel primordial do ato de ler e escrever em sala de aula como práticas essenciais. Possenti (2012) é, nesse caso, um dos nomes mais proeminentes nessa discussão, que remonta aos anos 1980, e é ele quem postula em um enunciado: “não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas” (POSSENTI, 2012, p. 47). A partir dessa premissa, ele advoga que ler e escrever com constância no ambiente de sala de aula do ensino de língua deve ser algo a ser perseguido como prática corrente, e não apenas visto como atividades acessórias ao aprendizado da língua materna.

A propósito, o próprio uso do termo “ensino de língua materna” nesta proposta de pesquisa parte dessa perspectiva teórica que entende que, se o papel da escola é o de ensinar a língua padrão, não se deve fazer a associação de que ensinar a língua materna seja propriamente ensinar gramática. Com isso, o que se quer não é abolir o ensino de gramática, já que uma reflexão metalinguística faz parte do ensino, mas sim reorganizar o ensino de língua, colocando como prioridade “práticas significativas” como leitura e escrita (POSSENTI, 2012, p. 49).

Para Geraldi (1997), o estudante, para escrever adequadamente um texto, precisa ter uma razão para o que escreve e ter alguém a quem escrever, e que tais premissas devem fazer parte de sua constituição como sujeito. Da mesma maneira que a prática de leitura, a prática de escrita em sala de aula deve ser algo que vá além do que é produzido para a escola, sem vinculação com a experiência do estudante e sua conformação como sujeito, o que sempre

me fez refletir sobre a destinação daquilo que é produzido pelos alunos. Dessa forma, a tentativa, ainda que de forma rudimentar, de apresentar as atividades textuais dos alunos na forma de um produto, sempre foi uma meta em minha prática docente.

Nas várias escolas que trabalhei em Porto Velho, por exemplo, sempre compilei os textos produzidos pelos alunos ao longo do ano letivo no que convencionei chamar de “álbuns de textos”. Cada aluno confeccionava o seu álbum. Os poucos que tinham acesso a computadores, digitavam e imprimiam nas antigas impressoras matriciais. Porém, os que não tinham acesso, não com menor capricho, produziam seus álbuns de texto artesanalmente, inserindo figuras recortadas, ou ilustrando-os à mão e manuscrevendo os textos por eles produzidos. Esses álbuns e demais produções realizadas em sala de aula faziam parte da exposição que eu realizava todos os anos como culminância das atividades desenvolvidas durante o ano.

Figura 19. Alguns exemplares dos muitos “Álbuns de Textos” produzidos por meus alunos ao longo dos anos e que guardo até hoje.

Fonte: Acervo Pessoal.



Foi assim que, em 2002, passei a ter um contato mais direto com a Literatura de Cordel. O professor e cordelista Wellington Vicente²⁰, àquela altura radicado em Porto Velho, me entregou dois folhetos de cordel de sua autoria, um chamado *A morte da minha flor* e o outro *A saga do sabugo*. Ele estava desenvolvendo um trabalho de produção textual no qual utilizava a Literatura de Cordel. Quando ele me mostrou esses dois textos, tive a ideia de trabalhar textos em cordel com os meus alunos da 6ª série, na Escola Estadual Prof. Eduardo Lima e Silva, em Porto Velho/RO. Li os textos para eles e na outra aula levei alguns folhetos. Dividi os alunos em grupo e distribuí um folheto para cada grupo. No final da leitura, solicitei que cada grupo falasse o que achou do texto. Eles gostaram muito da leitura e destacaram algumas características próprias da Literatura de Cordel. Percebi o entusiasmo deles e comecei a comentar sobre as minhas experiências com o Cordel na infância, já mencionadas aqui anteriormente.

Apresentei também algumas obras do escritor nordestino Patativa do Assaré²¹. Falei sobre a importância do Cordel como forma de comunicação, de diversão e de denúncia. Sugeri então que eles escrevessem textos utilizando como modelo os folhetos que eles tinham lido. Distribuí os temas e cada grupo recebeu um. Os temas eram: Copa do Mundo, Educação, DST, Meio Ambiente e Política. Utilizei duas aulas para a produção dos textos, uma para correção e mais duas para a edição e ilustração. Naquela época não se tinha facilidade de acesso a computadores, e por esse motivo os alunos escreveram e ilustraram à mão.

²⁰ Para mais informações sobre este autor, cf. <http://www.usinadeletras.com.br/exibelo Currículo.php?login=altinho>. Acesso em 24/08/2016.

²¹ Pseudônimo de Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), notório poeta popular, compositor, cantor e improvisador brasileiro nascido no Ceará.

Figura 20. Alguns exemplares dos folhetos de cordel produzidos pelos alunos.
Fonte: Acervo Pessoal.



Nessa mesma escola, realizei, juntamente com os alunos da 4ª série, a Caravana da Leitura. Durante uma semana escolhemos e ensaiamos os textos que iam ser lidos durante a caravana. Um cartaz foi confeccionado com os seguintes dizeres: RECEBA COM CARINHO A CARAVANA DA LEITURA! No dia do evento, já com o trajeto planejado, saímos em caravana. Uma menina à frente segurando o cartaz; os que iam ler mais atrás, cada um com seu texto na mão, e o restante da turma prestigiava a caravana. Leram para o diretor, para os servidores da secretaria, para as merendeiras, para o porteiro e para os alunos que estavam na sala de leitura. Todos ficaram entusiasmados, afinal, tinham protagonizado algo diferente daquilo que estavam acostumados realizar em sala de aula. Pensei então que em uma próxima vez cruzaríamos os muros da escola e leríamos para os vizinhos da escola, para os pedestres, para os comerciantes, mas isto nunca se realizou. Fui transferida de Rondônia para o estado do Amazonas.

Ao refletir mais detidamente sobre as experiências com produção textual mencionadas até aqui, endosso o posicionamento de Cajaiba (2013), quando ela pondera que a experiência de escrita em sala de aula está longe de ser um processo calcado no estímulo à criatividade, constituindo-se mais como uma experiência de tensão psicológica em conseguir uma boa nota e agradar o professor. Para a autora, seria preciso problematizar tal prática discutindo seis pontos básicos: a frequência da escrita, os objetivos da correção feita pelo professor, os gêneros textuais escolhidos para produção, quem decide e/ou sugere temáticas para os textos, a auto reconhecimento do estudante naquilo que escreve e a destinação daquilo que é produzido.

A frequência com que os textos são produzidos remete às observações de Possenti (2012), em que ele afirma que a prática de escrita precisa, juntamente com a prática de leitura, ocupar um lugar proeminente na aula de língua materna e não fora dela. Mais do que isso, em outro texto, Possenti (2005) advoga que é necessário dedicar tempo para reescrita. Para este autor, o tempo dedicado à leitura e à discussão de textos e para sua produção em sala de aula, convergiria para duas questões importantes que também foram mencionadas por Cajaiba no parágrafo anterior, a saber: em primeiro lugar o papel da correção feita pelo professor, que deixa de ter um

caráter de vigilância e punição e se desdobra no papel de um revisor; em segundo lugar, o reconhecimento do estudante naquilo que escreve, que poderia também ser associado aquilo que Possenti chama de papel do professor como um “editor”.

A articulação das abordagens de Cajaiba e Possenti permitem pensar nas possibilidades positivas que se abrem quando o estudante se dê conta de que a prática de leitura e a prática de escrita no ensino de língua materna resulta em algo além do mero exercício para obtenção de nota, o que nos chama a atenção para a finalidade e destinação daquilo que é produzido na sala de aula do ensino de língua materna: perenizar tal produção em álbuns de textos, antologias literárias, varais literários e eventos, ou ainda em páginas da internet, parece ser uma forma de potencializar o desenvolvimento crítico e criativo no estudante que se constrói como sujeito social e se posiciona em relação ao contexto cultural e histórico em que está inserido a partir de tais práticas.

1.5 Retornando para Manaus

Um dos grandes motivos para eu, mais de vinte anos depois, retornar a Manaus, devo dizer que foi para ficar próximo de meus pais, que já estavam mais velhos. Contudo, sempre nutri um interesse pessoal de trabalhar, à época, na Escola Técnica Federal do Amazonas. Lembro-me de passar algumas vezes em frente ao prédio, e dizer para mim mesma que um dia daria aulas ali. Minha transferência para Manaus foi facilitada pelo fato de que, quando ingressei no funcionalismo público, Rondônia ainda era Território Federal, logo, mesmo após o Território tornar-se Estado da Federação, continuei com o estatuto de servidora federal (ou como se convencionou chamar, “funcionária do Ex-Território”). No ano de 2003 dei entrada na solicitação de transferência e aguardei o trâmite do processo, que se encerrou somente no início de 2004.

À época, a instituição era um Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) e fui lotada na Unidade Centro, assumindo cinco turmas de Língua Portuguesa no Ensino Médio. A instituição, localizada no centro de Manaus, possuía uma estrutura na qual eu nunca havia trabalhado antes: possuía uma boa biblioteca, uma sala de música, uma sala de leitura, e o que mais me fez cogitar em várias possibilidades de trabalho: um auditório com

capacidade, à época, para aproximadamente 400 pessoas, ideal para a realização de culminâncias, não somente para a produção textual, mas também para outras práticas artísticas vinculadas à escrita, como teatro e música.

Faço esta observação, pois concordo com Leão et. al. (2011) quando estes afirmam que o Ensino Médio é um momento na vida do estudante onde este não somente necessita adquirir conhecimentos através de conteúdos, mas também precisa de um espaço de reflexão sobre seus desejos e sonhos, ligando-os com sua realidade e o contexto social amplo em que está inserido. Nesse sentido, acredito que o ensino da língua materna desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade e da sensibilidade dos estudantes, tendo assim participação na responsabilidade de formar não somente o falante e o escrevente da língua, mas um sujeito dotado de percepção estética, criatividade e competência artística como elementos contributivos para o desenvolvimento de sua plena cidadania. A partir dessas observações, entendo ser importante que o ensino de língua materna proporcione, ao estudante, tanto o acesso a bens culturais quanto permita-o atuar como produtor de cultura no espaço escolar.

Em Porto Velho, por exemplo, por todas as escolas que passei, desde o ano de 1998 até 2002, realizei, anualmente, um evento chamado Aula da Saudade, que não se tratava de uma Aula da Saudade convencional, para formandos, mas sim uma espécie de culminância cultural em que participavam todas as turmas com as quais eu trabalhava, e onde os alunos faziam apresentações musicais, peças teatrais, coreografias e declamação de poemas.

Figura 22. Registro fotográfico do evento “Aula da Saudade”, em sua segunda edição, no ano de 1999, no auditório do Colégio Carmela Dutra, em Porto Velho.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 21. Registro fotográfico do evento “Aula da Saudade”, em sua terceira edição, no ano de 2000, no auditório do Escola Estadual Rio Branco, em Porto Velho.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 24. Registro fotográfico do evento “Aula da Saudade”, em sua quarta edição, no ano de 2001, no auditório do Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado Rondônia, em Porto Velho.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 23. Registro fotográfico do evento “Aula da Saudade”, em sua quinta edição, no ano de 2002, mais uma vez no auditório do Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado Rondônia, em Porto Velho.
Fonte: Acervo Pessoal.



Para o então CEFET/AM, trouxe toda uma bagagem profissional, de pelo menos vinte anos trabalhando com produção textual e com o desenvolvimento de atividades culturais na escola – inclusive continuei realizando o evento “Aula da Saudade”, que por aqui se transformou em “Hora da Saudade” e é realizado anualmente desde 2004. Já com um amplo repertório de atividades voltadas para esta abordagem, encontrei eco para minhas pretensões docentes, ao me deparar com turmas de adolescentes com um excelente nível de leitura, escrita e criatividade. O cotidiano em sala de aula era marcado não somente pela produção textual, mas também por música e teatro.

A resposta ao método foi tão positiva e frutífera que, em menos de cinco anos de trabalho, havia reunido um conjunto considerável de contos, crônicas e poemas produzidos pelos alunos, que, muito embora houvessem sido expostos em varais literários ou apresentados oralmente em sala de aula, pediam uma destinação mais apropriada. Em 2005, um ano após eu ter começado a lecionar na instituição, chegou às minhas mãos uma antologia literária de alunos do CEFET-MT, publicada em 2003, intitulada “Alma Fragmentada”. Anexo à capa, vinha um bilhete do prof. Raimundo Jimenez, diretor da instituição à época, que dizia: “um projeto desse nível tem total e irrestrito apoio desta instituição”.

Figura 25. Alguns flagrantes fotográficos do cotidiano em sala de aula em meu primeiro ano no então CEFET/AM. Um aluno e uma aluna dramatizam um texto diante da sala.

Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 26. Alguns flagrantes fotográficos do cotidiano em sala de aula em meu primeiro ano no então CEFET/AM. Duas alunas recitam poemas diante da sala.

Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 27. A capa da antologia literária “Alma Fragmentada”, dos alunos do CEFET/MT.
Fonte: Acervo Pessoal.

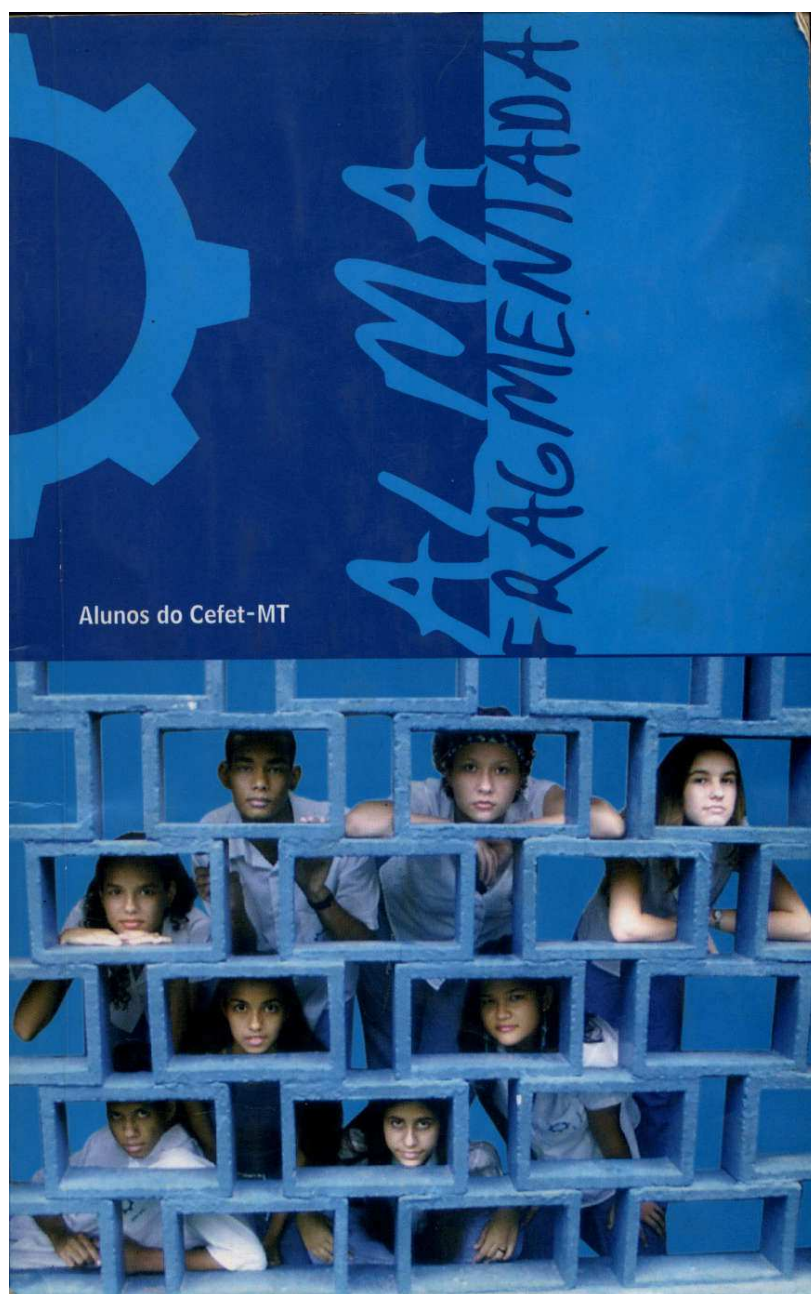
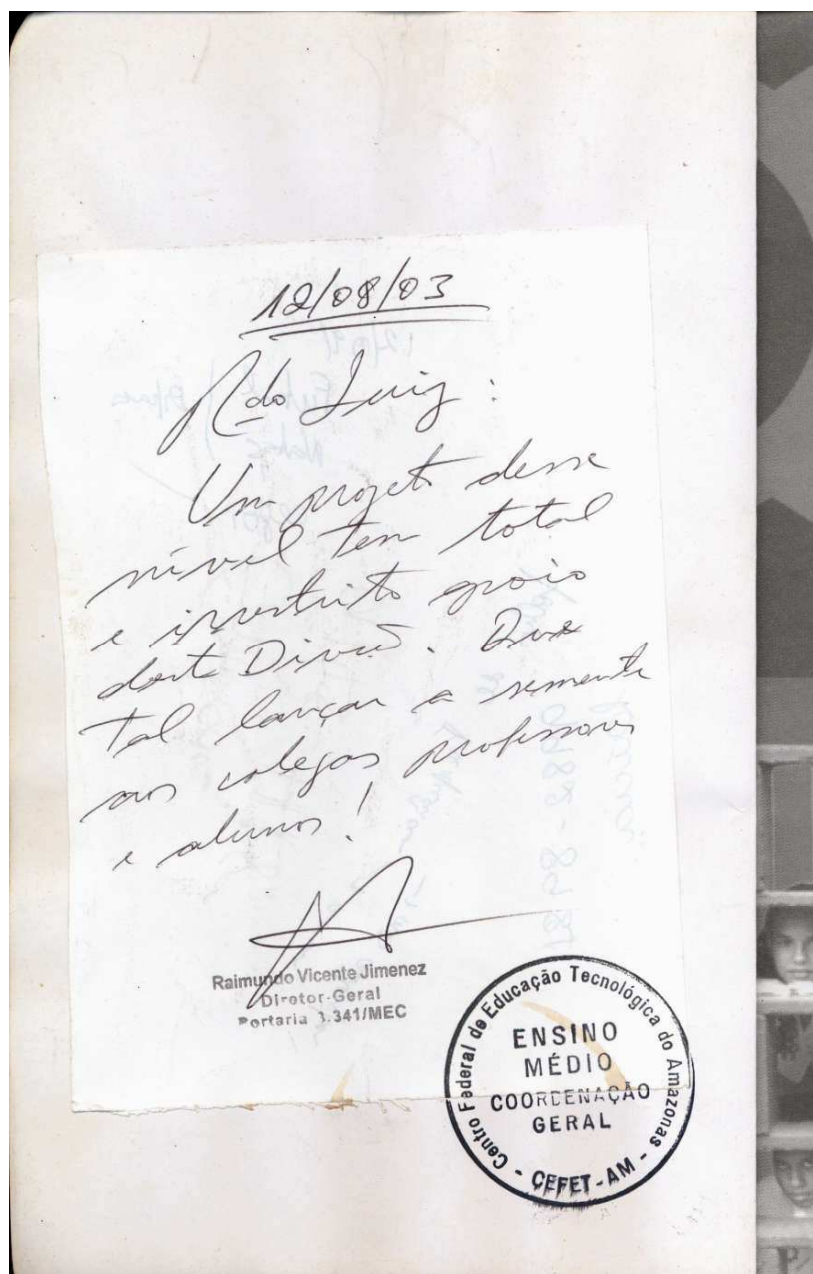


Figura 28. O bilhete do prof. Jimenez no verso da capa da antologia "Alma Fragmentada".

Fonte: Acervo Pessoal.



Tendo em vista esse interesse, a alimentamos a ideia de editar uma antologia literária. O trabalho de produção textual em sala continuou gerando mais textos, e dois anos depois, em 2007, o prof. Venâncio, à época Diretor de Ensino, demonstrou igualmente o interesse em publicar uma antologia literária de alunos. Contudo, somente em 2009, ano do centenário do IFAM, houve o aval do então Reitor, prof. João Dias, para que orçasse a publicação da antologia, publicada no mesmo ano, reunindo os inúmeros contos, poemas e crônicas produzidos pelos alunos da instituição no período 2004-2008.

A maioria dos textos nasceram no cotidiano das atividades de produção de texto em sala de aula. Alguns eram trabalhos apresentados na Mostra Literária que era realizada, anualmente, durante a Semana Cultural. Outros ainda se tratavam de produções espontâneas dos alunos, que os escreviam e me mostravam em busca de opiniões e críticas.

Figura 29. Meu exemplar da antologia literária “Horizontes Cruzados”, por mim organizada e publicada em 2009.
Fonte: Acervo Pessoal.

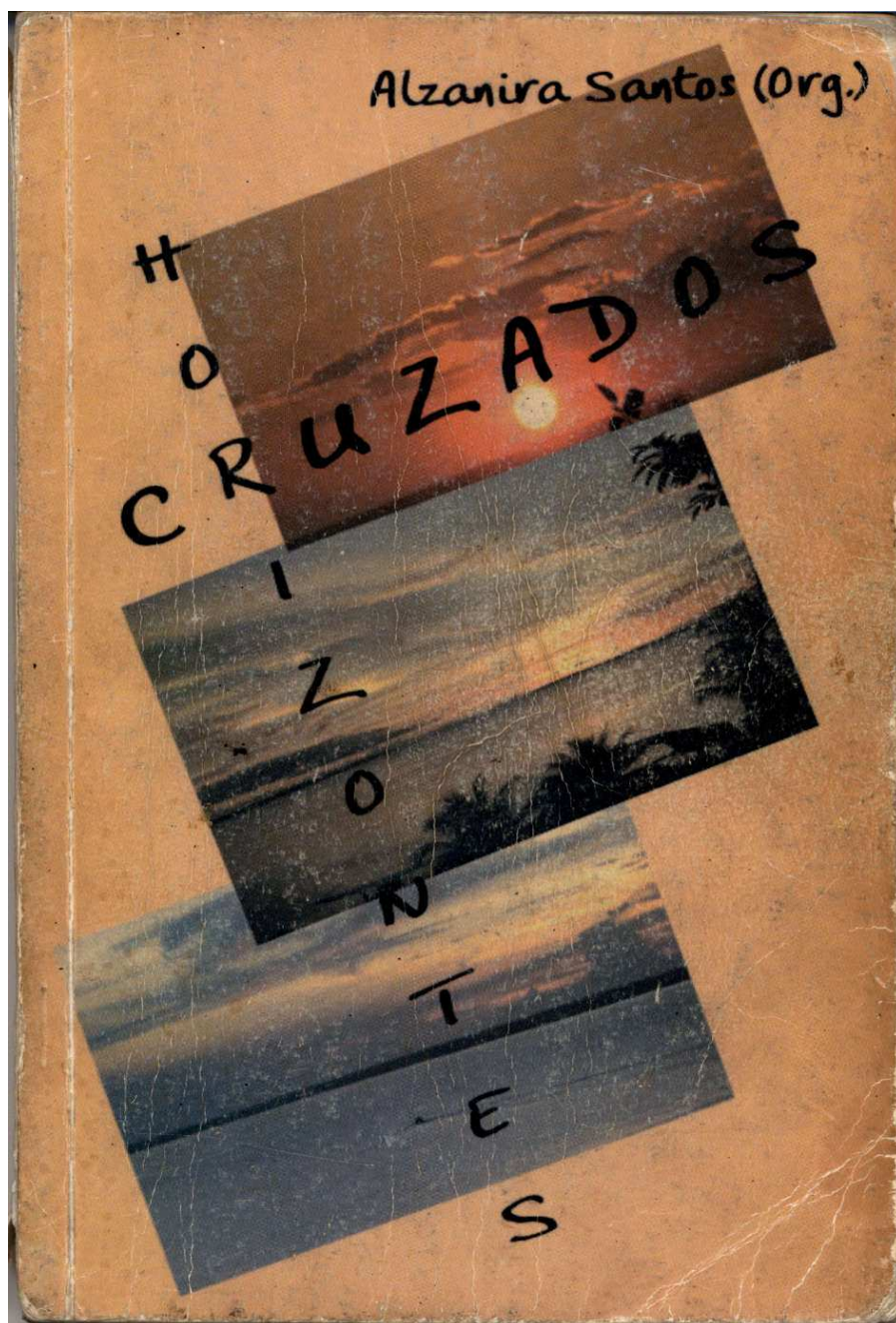


Figura 30. Noite de lançamento do livro “Horizontes Cruzados”, nas dependências do IFAM. Pronunciamento dos membros da mesa, composta, da esq. para a dir., pelo prof. Urdiel, eu, prof.^a Léa, prof. Arone, prof. Raymundo Luiz, prof.^a Vina e prof.^a Estela.

Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 31. Noite de lançamento do livro “Horizontes Cruzados”, nas dependências do IFAM. Os alunos autores reunidos posam para a foto.

Fonte: Acervo Pessoal.



O lançamento desta antologia serviu, a médio prazo, para estimular iniciativas semelhantes. Em 2011, passei a ministrar aulas para turmas de Subsequente de Eletrotécnica e PROEJA²² de Mecânica e Edificações, todas no turno noturno. Com estas turmas, não foi diferente, e dei continuidade ao trabalho com produção textual. Apresentei o livro Horizontes Cruzados a eles, o que os desafiou e os animou a também querer escrever. A fim de dinamizar as atividades, num turno onde geralmente os alunos estão cansados ou sonolentos, procurei trabalhar com paródias de músicas. Os alunos tinham toda a liberdade de utilizar canções populares de que gostassem para parodiá-las, criando novas letras baseadas em temas contemporâneos como política, meio ambiente, problemas urbanos.

A resposta ao método de trabalho também foi positiva, a ponto de os alunos, após apresentarem oralmente em sala o resultado da atividade, demonstrarem o interesse de realizar um evento cultural. Dessa maneira, sugerimos a realização do evento “Mostra de Paródias do IFAM”, realizado no Auditório Jorge Alberto Furtado, no Campus Manaus Centro. Durante as aulas, os alunos passaram a ensaiar regularmente as paródias, enquanto o evento era divulgado.

Como culminância de todo esse processo, realizamos no dia 21 de junho de 2011 a Mostra de Paródias. Realizar um evento desta natureza no turno noturno teve uma importância significativa, pois detectamos uma demanda para tal. O interesse e a resposta dos alunos foram positivos ao longo de todo o processo de produção dos textos, dos ensaios e na participação na noite do evento.

²² Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Oferece cursos voltados a estudantes que concluíram o Ensino Fundamental e tenham 18 anos completos, integrando a educação profissional à educação básica.

Figura 32. Reprodução do cartaz de divulgação da Mostra de Paródias.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 33. Os alunos cantam suas produções na “Mostra de Paródias do IFAM”.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 34. A produção visual dos alunos de PROEJA na “Mostra de Paródias do IFAM”.
Fonte: Acervo pessoal.



Continuei, ao longo de 2011 e no ano de 2012, trabalhando com turmas no turno noturno, e a realização do evento abriu caminho para novas realizações, no sentido de estimular, junto aos alunos, a produção textual em sala. Aos poucos fui descobrindo cronistas, cantores, poetas, músicos e o adolescente que vive dentro de cada um, apenas esperando o momento para se mostrar com todo vigor, juventude e criatividade. De fato, os alunos do turno noturno com os quais trabalhei se encarregaram de me surpreender e me emocionar.

No início de 2013, realizei outro evento cultural envolvendo as turmas de Subsequente e PROEJA. Batizamos o evento de “Ensino Noturno é Show” e os alunos puderam fazer apresentações musicais e declamação de textos e poemas. Na ocasião foi lançada outra antologia, um pouco mais modesta em sua edição e extensão, mas não menos importante, reunindo a produção textual das turmas de Subsequente e PROEJA nos anos de 2011 e 2012, intitulada de “Voos Noturnos”.

Figura 35. Reprodução do cartaz de divulgação do evento “Ensino Noturno é Show”.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 36. Reprodução da capa da antologia literária “Voos Noturnos”, com a produção textual dos alunos do turno noturno.
Fonte: Acervo Pessoal.

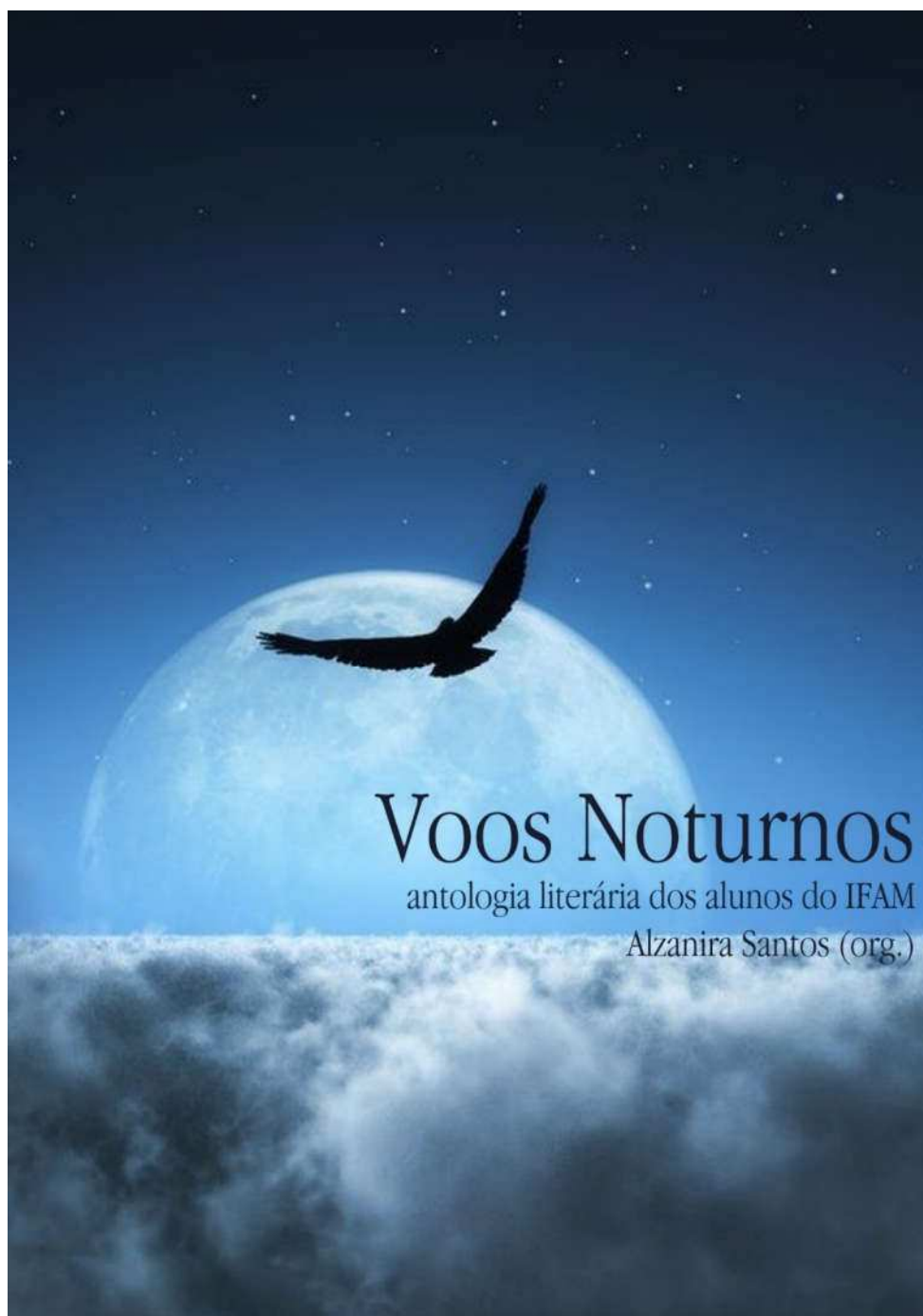


Figura 37. Registro fotográfico de apresentação musical na noite do evento “Ensino Noturno é Show”.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 38. Registro fotográfico da noite do evento “Ensino Noturno é Show”: autógrafos na antologia “Voos Noturnos”.
Fonte: Acervo Pessoal.



Ministrei aulas no turno noturno ao longo do ano de 2013 e realizei, no final do ano, mais uma edição do “Ensino Noturno é Show”. Em 2014, produzimos mais uma pequena antologia literária, dessa vez com a produção de somente uma turma, com uma temática mais específica. Em uma das primeiras atividades de produção textual com uma turma de Mecânica, solicitei a produção de um texto narrativo com um tema inusitado: um jacaré psicodélico.

Em duas aulas de 50 minutos, os alunos produziram e apresentaram o resultado. Os textos produzidos eram variados em sua tipologia: poemas, crônicas, contos, paródias de filmes, textos argumentativos. Produções originais, criativas, divertidas e reflexivas. Vale dizer que a temática proposta permitiu tocar em questões a respeito do uso de entorpecentes, e, pelo fato de ser um trabalho realizado por adultos, houve certa margem de liberdade no uso da linguagem. O conjunto da produção foi reunido no livreto “As Loucas Aventuras do Jacaré Psicodélico”.

Figura 39. Figura 39. Reprodução da capa do livreto “As loucas aventuras do jacaré psicodélico”.

Fonte: Acervo Pessoal.



Numa visada panorâmica dessa trajetória de pouco mais de 10 anos no IFAM, posso afirmar que a prática docente articula variados saberes, conforme o que defende Tardif (2006). Este autor define saber num sentido amplo “[...] que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades [...], as atitudes, isto é, aquilo que, muitas vezes, foi chamado de saber, saber-fazer e saber-ser” (TARDIF, 2006, p. 11). O professor não é um mero reprodutor de técnicas consagradas, conhecimentos prontos, estáticos e por vezes ultrapassados, mas um profissional constituído de um saber plural oriundo de diversas fontes.

Tardif aponta quatro formas básicas de saberes: profissionais, disciplinares, curriculares e experienciais. Gostaria de focalizar aqui nesta última forma de saber, que diz respeito principalmente à capacidade de articular as três formas anteriores de saber mencionadas pelo autor. Ou seja, é na prática docente que se consubstancia os saberes acumulados anteriormente pelo professor; conforme afirmei no final do tópico anterior, se os saberes que aprendemos na universidade (que Tardif chama de disciplinares) instrumentalizam a prática, é o saber experiencial que deve fornecer os parâmetros para a definição dos próprios saberes disciplinares.

Com essa abordagem concorda Pimenta (2012), quando esta afirma que a prática docente é tanto ponto de partida como ponto de chegada na formação docente. Os saberes pedagógicos precisam ser produzidos nos saberes da prática. Os saberes acadêmicos específicos podem ser assim pensados como instrumentos para alimentar e problematizar a prática, que, num ciclo constante, os confronta e os reelabora. Isso coloca a prática não como apenas objeto de análise de diferentes perspectivas do saber acadêmico, mas confere um estatuto epistemológico a esses saberes da prática (PIMENTA, 2012, p. 26-27).

Em vários momentos de minha prática docente, trabalhando com produção textual, precisei reconfigurar saberes acadêmicos adquiridos em minha formação inicial. Por vezes, elementos do cotidiano escolar iam diretamente de encontro a muito do que eu havia aprendido na licenciatura, havendo até mesmo um total desajuste entre o que afirmavam as teorias pedagógicas e o que eu vivenciava em sala de aula. A mim me pareceu, em

determinada altura, que não haveria uma vinculação de minha prática docente com o saber acadêmico, sendo que cheguei a ouvir de colegas de ofício, pais e até mesmo de alguns alunos sobre a “ilegitimidade” de minha atuação como professora. A oportunidade para encampar uma reflexão e uma discussão sobre essas inquietações e desafios que foram surgindo e sendo postos ao longo dos anos viria a se concretizar poucos anos depois na própria experiência no Mestrado, conforme abordarei a seguir.

2 A Literatura de Cordel na minha formação continuada



*Neste capítulo veremos
Que a força da tradição
Pode também ser usada
No campo da educação
Como um recurso didático
De pesquisa e inovação*

Neste capítulo apresento a Literatura de Cordel como um recurso tanto de produção textual quanto de uma proposta desafiadora capaz de contribuir para eliminar barreiras entre as disciplinas, provocar a interação, possibilitar o protagonismo dos envolvidos. Além de permitir trabalhar o coletivo, promover reflexões profundas e inovadoras. Mostrar também que a Literatura de Cordel acompanha as mudanças e inovações ao longo do tempo, chegando inclusive ao Ensino Tecnológico, como apresentarei a seguir.

2.1 Alegria e entusiasmo no MPET/IFAM

No ano de 2015, no afã de discutir as questões suscitadas ao longo de minha trajetória docente, apresentei uma proposta de pesquisa para ingressar no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico. A orientação multidisciplinar do Mestrado, além do seu foco no Ensino Tecnológico, no qual eu vinha atuando há mais de dez anos, foram importantes aspectos que me levaram a inscrever-me na seleção. Fui selecionada e ingressei na segunda turma do Mestrado. A aula inaugural, dia 27 de julho de 2015, foi ministrada pelo Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga. Algo que foi muito marcante nesta aula, para mim, foi o uso da linguagem poética por parte do professor. A ciência veio vestida de poesia, quando ele declamou um poema de sua autoria. Cito aqui um trecho do mesmo:

A senhora eis que surge
Para uma nova viagem
Entregando-me suprimento
E eu me encho de coragem.

No barco então adentro
E o rio eu vou descendo
Imbricado em devaneios
Embrionários e pioneiros

O tempo, porventura chega
Forçando-me a ancorar o barco
E as passageiras clandestinas
Na surdina, digladiam-se

Figura 40. Flagrante dos alunos na aula inaugural do Mestrado, ministrada pelo Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga.
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 41. O Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga fala aos alunos na aula inaugural do Mestrado.
Fonte: Acervo Pessoal



Um poema dessa natureza, declamado em uma aula inaugural de pós-graduação me deixou empolgada com as possibilidades de discussão, deixando em mim a impressão de que as discussões não estariam restritas a um viés estritamente acadêmico, mas abrangeriam outros aspectos da formação e da prática docente, vinculados ao humano, ao estético. Minha impressão seria constatada ao longo das disciplinas cursadas.

Durante as aulas da primeira disciplina, *Fundamentos para Formação de Professores no Ensino Tecnológico*, ministrada pela Prof.^a Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo, tive a oportunidade de conhecer textos que abordam o debate sobre a formação de professores no ensino tecnológico. Discutir o pensamento de vários autores e participar das discussões em sala de aula foi enriquecedor. Pena (2012) foi fundamental para compreender que os processos pelos quais os professores aprendem, os conhecimentos necessários à prática docente e as formas pelas quais os docentes articulam diferentes saberes no exercício da docência têm sido um campo fértil para as pesquisas sobre formação de professores.

Pude aprender que, nos estudos que abordam a aprendizagem da docência, são observados alguns aspectos relevantes: uma base de conhecimento para o ensino que possibilite condições para que o professor possa desenvolver sua atividade docente, a influência da biografia pessoal e profissional do professor na configuração de sua prática pedagógica, a relevância dos processos formativos e do exercício profissional na aprendizagem da profissão do professor, além de outros.

Ainda cursando a referida disciplina, foi possível compreender as ideias de Tardif (2000). O debate sobre os saberes profissionais dos professores foi tão profícuo que me forneceu subsídios para escrever e publicar, na revista Educitec, o artigo *Tendência dos Saberes na formação profissional do professor: um olhar a partir do ensino tecnológico* (SANTOS 2016). Muitas contribuições foram proporcionadas por importantes educadores que se preocupam com a formação de professores. Ghedin (2009) defende novos processos formativos e sugere três movimentos que devem ser considerados quando se tratar de Formação de professores: (I) de um professor prático reflexivo a uma epistemologia da práxis no processo de formação e atuação; (II) fazer uma

passagem da epistemologia da práxis à autonomia emancipadora que se dá pela crítica; (III) uma passagem da epistemologia da prática docente à prática de uma epistemologia crítica, pois a crítica auxilia o professor situar-se criticamente diante dos paradigmas que estão postos.

Textos de outros educadores lidos e discutidos em sala de aula trouxeram grandes contribuições para adensar o debate em questão. Entre eles, Pimenta (2012) chama atenção para reflexões sobre a construção da identidade do professor quando pergunta: *O que entendemos por construir a identidade?* E responde:

A identidade não é um dado imutável. Nem externo que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão de professor, como as demais, emerge em dado contexto e momentos históricos, como resposta a necessidades que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade (PIMENTA: 2012, p. 18).

Dessa maneira, o processo de formação é um processo de construção da identidade do professor, a partir da significação social da profissão, mas também da significação atribuída pelo próprio docente à sua atividade e em relação a seus pares, sendo crucial a esse processo a reflexão constante sobre a própria prática e também as habilidades voltadas para pesquisar sobre essa prática.

Peña, Alves e Peppe (2003), trazem à luz o debate sobre o uso da tecnologia como meio de possibilitar ao estudante a humanização e a cidadania plena. Resenhar Imbernón (2001) proporcionou inquietação, quando ele sugere pensar sobre a urgente necessidade de uma mudança na formação docente, a partir de uma ampla reflexão sobre a redefinição dos modelos educativos, e propõe uma educação voltada para uma sociedade democrática, ética e participativa.

Foi muito importante também a leitura de Silveira (2007), que problematiza o conceito de educação tecnológica e faz um apanhado histórico da educação tecnológica no Brasil. As discussões, em sala de aula, continuaram com o texto de Cipriani e Bortoleto (2015) em que os autores questionam os diferentes usos, atualmente, do termo *tecnologia*; procuram discutir a tecnologia

enquanto epistemologia da técnica. Assim, infere-se o conceito de técnica, sua relação com as máquinas e destas com a tecnologia. Para os autores, há uma ciência da técnica enquanto fato concreto, e por isso, torna-se objeto de indagação epistemológica.

Na segunda disciplina cursada, *Ensino e TIC's*, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Andréa Pereira Mendonça, fui desafiada a desenvolver um projeto que tivesse como objetivo promover o interesse, nos alunos do Ensino Médio, pela leitura e escrita, ao mesmo tempo em que pudesse desenvolver uma proposta de trabalho criativa e inovadora. Então escolhi a Literatura de Cordel, por ser um gênero textual popular, agradável, musical, de fácil compreensão e com marcas da oralidade; características atrativas de uma literatura que faz ponte entre a cultura popular e a literária.

Para o desenvolvimento do projeto foram realizadas oficinas de leitura, de escrita e de fabricação de xilogravuras²³, com a utilização de laboratórios de informática, de áudio e vídeo, sala de dança e música, assim como a participação do professor de Artes, dos alunos de dança folclórica e de expressão vocal. Foi a primeira vez, em vinte e quatro anos, que estava experimentando um antigo desejo de fazer um trabalho interdisciplinar. Sempre que sugeria para os colegas a realização de um trabalho dessa natureza eles diziam: “vamos fazer”. Mas nunca passou desta frase. Isso talvez seja sintomático do quanto não existe uma compreensão adequada do que seja interdisciplinaridade, tanto na formação inicial quanto na prática de ensino.

Trabalhar a interdisciplinaridade por meio de projetos não é tarefa fácil, pois como afirma Japiassu (1976), o trabalho interdisciplinar exige reflexões profundas e inovadoras que obrigam a deixar de lado as posições acadêmicas tradicionais e apontam um novo olhar para o horizonte do saber. Diante disso, a Literatura de Cordel pode ser esse algo novo e desafiador capaz de contribuir para eliminar barreiras entre as disciplinas, provocar a interação e abrir múltiplas possibilidades de ensino e de aprendizagem.

²³ Gravura talhada em madeira, de onde se obtém ilustrações populares, muito utilizada, a partir do século XIX, nas capas de folhetos da Literatura de Cordel.

Figura 42. A turma 2015/2 junto à Prof.^a Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo, ministrante da disciplina Fundamentos para Formação de Professores no Ensino Tecnológico.
Fonte: Acervo Pessoal



Para Japiassu (1976) as disciplinas estão em compartimentos estanques convertendo-se em pequenos feudos intelectuais. Talvez por isso eu nunca tenha conseguido realizar uma atividade interdisciplinar. Todavia, finalmente eu estava diante de uma proposta que sugeria dois desafios: empregar Pedagogia de Projetos e Interdisciplinaridade. A proposta foi aceita, o projeto foi desenvolvido com responsabilidade, empenho e muito entusiasmo, resultando numa proposta integradora envolvendo professores de História, Geografia e Língua Portuguesa. O resultado foi a criação de um livro digital contando a história dos principais monumentos da cidade de Manaus.

A realização de um trabalho envolvendo a Pedagogia de Projetos e a Interdisciplinaridade, articuladas com a Literatura de Cordel, permitiu que os alunos, além de se colocarem como autores, se sentissem protagonistas na realização de uma atividade intitulada *Do folheto ao livro digital: conhecendo os principais monumentos da Cidade de Manaus através da Literatura de Cordel*. O projeto proporcionou o desenvolvimento de competências cognitivas e habilidades sociais que dizem respeito ao trabalho em grupo e à cooperação mútua em um aprendizado no âmbito da História, Geografia e Língua Portuguesa.

Demo (2001) mostra que a Interdisciplinaridade, no processo de ensino e aprendizagem, é a interação entre duas ou mais disciplinas que envolvem vários campos do conhecimento na discussão de um assunto para resolver um problema. Portanto, utilizar a Literatura de cordel com o objetivo de estimular o gosto pela leitura e escrita de um determinado assunto e ainda aliar tal assunto à tecnologia da comunicação e informação, está coerente com o que afirma o autor.

A atitude interdisciplinar proposta por Fazenda (1994) tem como meta não somente derrubar barreiras entre as disciplinas, mas também entre os profissionais da educação. De modo que eles, numa atitude de cooperação e interação, busquem meios de se conhecerem melhor, para realizarem ações de troca de experiências e tenham humildade no sentido de perceberem suas limitações em relação ao próprio saber, buscando conhecimento, duvidando e dialogando consigo mesmo e com os teóricos que escrevem sobre o tema em questão.

São atitudes como estas, trabalhadas na disciplina EeTICS, que conduzem o professor a assumir uma atitude pedagógica diferenciada partindo da autorreflexão para uma mudança do estado de consciência, do amadurecimento intelectual e da busca de autonomia na construção do conhecimento.

A terceira disciplina cursada foi Metodologia da Pesquisa Científica, ministrada pelo Prof. Dr. João Cabral dos Santos Neto. Esta possibilitou maior compreensão do conhecimento científico e maior clareza do processo de realização de um projeto de pesquisa. O aprendizado adquirido nesta disciplina permitiu compreender que para a realização de uma pesquisa científica é preciso da utilização de um método também científico. Para Demo (1985), a ciência busca analisar a realidade, mas é o método que faz com que o pesquisador atinja seus objetivos. O método, portanto, é o fio condutor do saber científico. Metodologia da Pesquisa Científica, portanto, trouxe contribuições relevantes para minha formação como pesquisadora.

Se todas as disciplinas trouxeram contribuições importantes que encheram a minha taça de conhecimentos, a última, História da Ciência, fez transbordá-la. *“A ciência é uma lente colocada nos olhos para compreender a realidade”, “a verdade de hoje pode não ser a verdade de amanhã”, “a ciência não revela a verdade”*, com estas reflexões a Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Souza iniciou a disciplina História da Ciência. Trouxe para discutir com a turma o pensamento do professor Walter Bazzo, da professora Ana Maria Alfonso-Goldfarb, de Thomas Kuhn e Alan Chalmers.

Foram aulas frutíferas capazes de desconstruir crenças e pensamentos arraigados, mas também capazes de suscitar discussões sobre ciência, sociedade, civilizações, tecnologias, saber científico, ética, respeito ao próximo, método e pesquisa. Com todos estes assuntos abordados, História da Ciência mostrou que o conhecimento científico exige questionamento, problematização, atitude científica e, conseqüentemente, uma mudança de olhar.

Além das disciplinas obrigatórias, tivemos duas disciplinas complementares. A primeira, Currículo, Transdisciplinaridade e Educação Tecnológica, foi ministrada pelo prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga. Este

trouxe para o debate reflexões sobre o conflito epistemológico no contexto científico, o manifesto da Transdisciplinaridade, o sentido do Currículo em diferentes abordagens e formação de professores para a Educação Profissional e Tecnológica. Contudo, sempre enfatizando a importância dos diálogos, das vivências, e experiências dos mestrandos, sem deixar de lado o posicionamento dos teóricos.

A segunda disciplina complementar foi a aplicação de EeTICS, em que foi implementado o projeto Do folheto ao livro digital: conhecendo os principais monumentos da cidade de Manaus. No decorrer desta disciplina aconteceram as oficinas, e a apresentação do resultado.

Sem dúvida, ao final de todas as disciplinas cursadas na primeira fase do Mestrado, as palavras-chave dessa trajetória relacionam-se com os versos do poema declamado pelo prof. Amarildo, na aula inaugural: *suprimento, viagem e coragem*. Professores e autores forneceram suprimento. Ambos enriqueceram a despesa do barco para a viagem em busca da realização desta pesquisa. Diante de tudo que foi relatado, a última estrofe do poema do prof. Amarildo, apresentado na aula inaugural, retrata o momento do encerramento das disciplinas:

Fito e enxergo-me no espelho
Das águas em que naveguei
E não mais enxergo meu rosto
De quando no barco adentrei.

Para encerrar este tópico tomo a liberdade, por acreditar ser muito apropriado, unir a Literatura de Cordel e a paráfrase, tão utilizadas por mim em minha atuação docente, como forma de demonstrar gratidão pelos conhecimentos compartilhados em sala de aula, através destes versos de cordel direcionados a cada um dos professores do Mestrado com quem cursei as disciplinas:

Começou a trabalhar cedo
É sempre comprometido
É um grande educador
O nome dele é Amarildo.

O professor João Neto
É dedicado à ciência

É um “Malvado Favorito”
Mas tem muita paciência.

Seu nome é Ana Cláudia
Ela é muito competente
É amiga e companheira
É a História sorridente.

Ela é meiga e paciente
Ensina com muito amor
Rosa tem muita beleza
Pois é uma linda flor.

Andréa é linda e inteligente
O ensino quer mudar
Pega as oportunidades
Para a escola inovar.

Como já foi dito, a primeira disciplina cursada no MPET foi Fundamentos para a Formação de Professores no Ensino Tecnológico, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Rosa Oliveira Marins Azevedo, com encerramento dia 17 de agosto. Na ocasião, os mestrandos apresentaram um painel com o tema: *Tendências na formação de professores do ensino tecnológico*, no qual eu falei sobre a construção dos saberes docentes.

Conforme narrado anteriormente, a segunda disciplina, EeTICS, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Andréa Pereira Mendonça, tinha seu início marcado para 26 de agosto, porém, um dia depois do encerramento da primeira disciplina, sete dias antes de iniciar a segunda, a professora encaminhou um e-mail no qual se apresentava como a próxima professora da turma 2015. Na oportunidade enviou textos com os respectivos roteiros de leitura e escrita. Também enviou um *link* de um vídeo sobre motivação. Quando vimos aquele volume de material para ler, assistir, refletir, e responder por escrito, ficamos apreensivos, pois tínhamos ouvido falar que a professora Andréa era exigente e rigorosa. Então a turma prontamente se mobilizou, sem mesmo ter visto o material, para conversar com ela sobre o volume de tarefas solicitado.

Figura 43. O encerramento das disciplinas para a turma 2015/2. O conhecimento com alegria.
Fonte: Acervo Pessoal



A professora foi conversar conosco e perguntou se já tínhamos visto o material. Explicou que ela tinha enviado textos e vídeos apenas motivadores para nos deixar entusiasmados para a próxima disciplina. Ela falou com tanta doçura, porém sem deixar de nos lembrar que estávamos no Mestrado. Então eu falei: “é só um acolhimento não é professora”? Ela respondeu: “Isso mesmo, é só um acolhimento”! Saímos tranquilos e até curiosos para apreciar o material.

Em casa, li os textos e assisti aos vídeos. Todos muito interessantes acompanhados de um roteiro de estudo bem organizado e esclarecedor. Porém um dos textos me chamou atenção: *O mito do mau aluno e porque o Brasil pode ser o líder mundial de uma revolução educacional*, de Paulo Blikstein. Quando terminei de ler o texto de quatorze páginas, estava aos prantos, pois o texto começa assim:

Em setembro de 2008, Erick Charles me escreveu esse e-mail: ‘Graças a aquele projeto, hoje sou um estudante de engenharia, sou muitíssimo grato a você e seus companheiros pela oportunidade que tive, e no futuro pretendo ainda reencontrar você para que possamos bater um papo’ (BLIKSTEIN, 2011).

O início do texto, fez-me lembrar dos vários e-mails que recebo de “eternos alunos” agradecendo pelas aulas de produção textual que os ajudaram não apenas a ingressar na universidade, mas também a conhecer e produzir textos de vários gêneros, como por exemplo, a crônica, o conto, a paródia, a paráfrase, o classificado poético, a receita poética, o cordel. Foi lembrando o que falaram e escrevem os alunos, não só nos e-mails, mas em cartas, e nas atuais redes sociais, e ainda sob o efeito da epifania causada pela leitura do texto, e sob uma forte inspiração, escrevi a seguinte crônica:

Um belo acolhimento

A Denilson Saturnino

O texto “*O mito do mau aluno e porque o Brasil pode ser o líder mundial de uma revolução educacional*” é apaixonante, impactante e inspirador. Ele é um texto capaz de “levantar defunto”. Afirmando isso porque há dois anos, eu quase pedi minha aposentadoria. Hoje, ao terminar de ler o referido texto, chorei copiosamente, questionando-me: e se eu tivesse me aposentado? Certamente não teria tido a oportunidade de ler e de conhecer os emocionantes relatos do professor Paulo Blikstein. É muito bom saber que as utopias educacionais são possíveis.

O ensino tecnológico, nos últimos anos, vem mudando sua característica, mas é preciso mudar mais ainda. É necessário que mais estudantes sejam alcançados. O número de Erik, Carlos e Jaíne deve ser multiplicado por números bem elevados. Essas experiências

narradas pelo professor são esperadas sim no ensino tecnológico, mas com esse modelo de currículo, que é adotado pelas instituições, fica muito difícil construir saberes, realizar inovações, utilizar as tecnologias para promover uma mudança na educação. Pois os alunos, ao contrário do que fala o texto, deixam de ser autônomo e deixam de ser sujeitos de seus conhecimentos.

A escola defendida no texto é uma escola emancipatória, que cria possibilidades de estimular a criatividade, o potencial inovador e a autonomia dos alunos. Que desperta, nos alunos, o prazer de inovar não por que será atribuída uma nota, mas porque entendem que aquilo que estão produzindo é uma experiência profunda de aprendizado.

Para Blikstein, é preciso investir em pesquisa e inovação, em gente pensando novas formas de ensinar e de aprender. Apenas uma boa gestão não basta. Apenas talento também não. É preciso motivação, entusiasmo, determinação e professores apaixonados por aquilo que fazem. Os currículos escolares devem conter apenas o essencial para a aquisição e produção do conhecimento, pois numa sociedade onde a informação é acessível, listas de coisas inúteis não vão servir para a vida e muito menos para a inovação tecnológica.

O texto traz um título criativo e curioso. Uma vez li uma frase que dizia que o título é uma “isca”. Creio que todas as pessoas que leem o título “O mito do mau aluno” sentem vontade de ler, isto é, de “morder a isca”. Muitas vezes, o professor não percebe o potencial do aluno para uma determinada habilidade. Não descobre que por trás daquela falta de ânimo para realizar determinada tarefa, tem um aluno que deseja mostrar o seu potencial criador em outras habilidades. Cabe ao professor perceber e valorizar o talento, caso contrário, o estudante será visto como um mau aluno.

Para o professor Paulo Blikstein, o Brasil é, portanto, um país capaz de revolucionar a educação e dar um verdadeiro salto educacional, porque a escola do século XXI é criativa, fecunda, inovadora e autodeterminada. Ora, estas são as características do povo brasileiro! Então temos “a faca e o queijo nas mãos”. Como já foi dito no início deste texto, as utopias são passíveis de realização. Assim afirma o professor Paulo: “Criaremos uma geração de milhões de crianças apaixonadas pela escola e pelo mundo do conhecimento, que serão experts em aprender coisas novas – e saberão que o aprender não termina na escola. Será uma geração que não terá medo de problemas novos, que não aceitará o mundo como ele é, que estará sempre tentando melhorá-lo”.

Então, como afirma o saudoso educador, Rubem Alves, em sua crônica “Gaiolas e Asas”: há esperanças para a educação!

O título da crônica é uma homenagem à Professora Andréa Mendonça, por me oferecer a oportunidade de ler o texto. E a dedicatória a um “eterno aluno”²⁴, Denilson Saturnino, conhecido como discípulo fiel, também é uma forma de homenageá-lo. Enquanto meu aluno, no antigo CEFET, quando eu entrava na sala de aula, ele me entregava um papel dobrado e dizia: “escrevi isto baseado na leitura feita em sua última aula”. Eu ficava extremamente feliz com aquela produção textual sincera e espontânea, que me fazia lembrar as palavras do escritor Moacyr Scliar (1995): “[...] o ato de escrever é uma sequel

²⁴ Essa é uma forma carinhosa e peculiar como me refiro a meus ex-alunos.

do ato de ler. É preciso captar com os olhos as imagens das letras, guardá-las no reservatório que temos em nossa mente e utilizá-las para compor depois nossas próprias palavras”.

Denilson fazia exatamente isto. Foi assim que conquistou sua primeira medalha de ouro no concurso literário da Semana Cultural de 2005, no antigo CEFET e, posteriormente, seu texto, *O estresse de todo dia*, em 2009, foi selecionado para compor a antologia literária Horizontes Cruzados, lançada durante as comemorações do centenário da Instituição. Tal atitude encontra respaldo no que diz Geraldi (1997): “[...] é preciso viabilizar na escola um espaço interativo em que os estudantes possam desvelar-se como produtores eficientes de textos”. Nas minhas aulas, portanto, venho buscando proporcionar, aos alunos, oportunidades de trabalhar com diversos gêneros textuais.

2.2 Tradição e inovação na disciplina EeTICS

No dia 26 de agosto, estávamos na sala de aula, diante da professora Andréa. Ela emanava muita simpatia, cordialidade e alegria, mas também muita firmeza. Isto ficou claro quando estabeleceu os critérios de avaliação das atividades desenvolvidas no decorrer da disciplina. E foi taxativa: “plagiou está reprovado”! Socializamos os roteiros de estudos e percebemos que as aulas seriam ministradas com pouca teoria (aulas expositivas) e mais aulas práticas.

Dois dias depois estávamos no laboratório de informática. Cada mestrando diante de um computador criando seu site onde seria publicado o produto gerado no percurso de desenvolvimento da disciplina. Aprendemos a utilizar alguns recursos da plataforma Google e ferramentas digitais que seriam necessárias para a realização das atividades. Estávamos curiosos para saber o que iríamos desenvolver. Mas, como afirma Freire (1997, p. 52): “[...] o fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada [...]. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos”.

Naquele momento foram formadas as equipes de trabalho. O número de pessoas por equipe variava entre dois e quatro alunos. O meu grupo ficou assim: eu, Alzanira de Souza Santos, Juvenal Severino Botelho, Letícia Alves da

Silva e Nelma Loureiro Pereira. Cada equipe recebeu um tema o qual seria desenvolvido de forma prática e com uso de tecnologias. O tema escolhido por nós foi o seguinte: *A discussão acerca da falta de interesse dos alunos por estes dois pontos primordiais para a aprendizagem (leitura e escrita) tem sido fator importantíssimo nas reuniões de professores. Como resolver este problema? Será que há uma solução? Qual (is) caminho (os) os professores devem seguir?*

Lembrei de tantas atividades de leitura e escrita que já desenvolvi em sala de aula, e escolhi o Cordel. Quando a professora perguntou se já tínhamos uma ideia de como íamos desenvolver nosso tema, eu respondi: “vamos contar a história dos monumentos históricos de Manaus em cordel”. Ela coçou o queixo, pensou um pouco e disse: *isso dá caldo grosso!* Com este problema nas mãos e diversas ideias na cabeça, o grupo investiu na Literatura de Cordel: traçou um plano das atividades que serviriam de recursos para a execução do projeto, pesquisou sobre trabalhos publicados, dividiu as tarefas de leitura, escrita e correção. Por acreditar que este tipo de atividade seria uma das maneiras de despertar, nos estudantes, o interesse pelo ato de ler e escrever, encheu-se de entusiasmo.

Apostamos, portanto, na utilização da Literatura de Cordel como recurso pedagógico de incentivo ao hábito da leitura e da escrita. Aceitamos o desafio de levar para a sala de aula a ideia de os estudantes conhecerem, por meio da Literatura de Cordel, a história oficial dos monumentos e em seguida transformá-la em estrofes de quatro ou seis versos. Escolhemos o curso de Informática para a realização das aulas práticas (oficinas) por dois motivos: eles eram meus alunos de Língua Portuguesa, isto facilitaria o acesso à sala de aula e também à utilização dos laboratórios de informática. Vale ressaltar que a finalidade deste trabalho não é de explorar conteúdos da gramática normativa, mas de

[...] levar os alunos a entrarem em contato com o maior número possível de gêneros textuais, fazendo com que eles sejam não somente ferramenta de comunicação, mas também objeto de ensino aprendizagem. Dessa forma, o texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de apenas não tomar esse trabalho na escola como um mero pretexto para uma abordagem puramente gramatical ou mesmo literária, mas sim discuti-lo em toda a sua riqueza, que envolve não só as questões acima, mas também

contextuais, o que serve de ponto de partida para a discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país. (ALVES, 2013, p. 106)

A autora chama atenção para um fato que ocorre em algumas escolas, nas quais os professores dispensam a diversidade cultural e as múltiplas possibilidades de ampliar a visão de mundo dos alunos, por meio deste gênero textual, para focarem apenas na abordagem gramatical. Sem ter a pretensão de focar na gramática normativa, nesta proposta de trabalho, a Literatura de Cordel, além de proporcionar o desenvolvimento de uma atividade interdisciplinar, por meio de projeto, envolve leitura, escrita, interlocução dos alunos com as disciplinas: História, Geografia, Língua Portuguesa, Expressão Vocal, Dança Folclórica, EeTICS e com a sociedade, visto que o cerne da proposta é levar os alunos a conhecerem a história dos principais monumentos históricos da cidade de Manaus e transformar esse conhecimento um livro digital, unindo poesia e tecnologia, tradição e inovação.

Com o planejamento das atividades em mãos, mostramos, aos alunos de Informática, a estrutura das estrofes em cordel, lemos alguns folhetos para que eles percebessem o ritmo, apresentamos um vídeo, disponível no YouTube²⁵, mostrando o passo a passo de como fazer cordel, fizemos algumas estrofes no quadro para que eles vissem como fazer. Em seguida, entregamos aos alunos textos sobre os monumentos históricos da cidade de Manaus. Após a leitura dos textos informativos e de posse dos conhecimentos acerca da estrutura da composição em cordel, os referidos estudantes, com o nosso auxílio, construíram seus textos.

Entre os diversos monumentos históricos que a cidade de Manaus possui, escolhemos para a realização do nosso trabalho apenas alguns, que são Teatro Amazonas, Palácio da Justiça, Igreja da Matriz – N. S. da Conceição, Mercado Adolpho Lisboa, Palacete Provincial e Prédio da Biblioteca Pública. Cada equipe de alunos escolheu um monumento. Leram a história oficial do monumento escolhido e começaram seus primeiros versos e rimas que iam dando forma e ritmo às estrofes.

²⁵ Cf. “Literatura de Cordel – Francisco Diniz”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=42U4jrCFT0s>

Quando já tinham algumas estrofes prontas, eles socializavam com a turma. A cada apresentação, eram aplaudidos por nós, mestrandos, e pelos colegas devido a tamanha destreza em combinar as palavras e fazê-las rimar. Além de darem um caráter poético, também aproveitaram para, com um toque de sutileza, fazerem críticas a alguns monumentos que tinham sofrido descaso por parte das autoridades estadual ou municipal. Como estes a seguir que criticam o abandono em que se encontrava a Catedral de Manaus:

Perfeita e primorosa
Foi muito apreciada
E pelas mãos dos construtores
Foi bastante caprichada

Mas este belo patrimônio
Foi ficando abandonado
E depois de algum tempo
Passou a ser depredado.

O prédio da Biblioteca Pública, que por seis anos ficou desativado, também foi alvo de críticas nos poemas criados pelos alunos:

Para tristeza da população manauara
Por quase 6 anos, ela ficou fechada
Todos lamentavam esse triste fato
Pois a fonte de cultura estava sendo depredada
Mas para a alegria do povo amazonense
Mais uma vez, ela foi reinaugurada.

Diante desta crítica, lembramos que os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) enfatizam, entre os objetivos do ensino, levar o aluno a “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais” (Brasil: 1998, p.7).

Para chegarmos ao resultado do nosso trabalho, preparamos três sessões. Na primeira sessão, foram realizadas oficinas: uma de leitura sobre Literatura de Cordel e sobre a história oficial dos monumentos, uma de escrita, em que os alunos transformavam a prosa em poesia e uma de xilogravura (técnica de fazer gravuras em relevo sobre madeira) para a ilustração dos cordéis. Na segunda sessão apresentamos uma discussão acerca do livro digital, explicando como criar e trabalhar com este recurso nas aulas de

produção textual e na terceira sessão implementamos a digitação, correção e ilustração dos cordéis.

2.3 Do folheto ao livro digital: conhecendo os principais monumentos históricos de Manaus por meio da Literatura de Cordel

Após tudo pronto, chegou a hora de apresentar o resultado do trabalho por meio de um relatório. E assim foi feito. Com o título “Do folheto ao livro digital: conhecendo os principais monumentos da cidade de Manaus”, apresento um episódio em que utilizo a Literatura de Cordel, na condição de estudante, em minha formação continuada.

Durante minha trajetória no magistério, percebi que os alunos, em geral, têm dificuldades de expressar suas ideias por meio da palavra escrita. Na maioria das vezes, para eles, escrever é uma atividade tensa e até mesmo angustiante. Primeiro, porque eles não possuem o hábito de escrever. Segundo, porque não são oferecidas oportunidades que possibilitem o acesso a diversos gêneros textuais.

Além de escreverem pouco, quando escrevem, geralmente seguem modelos pré-estabelecidos, com o objetivo apenas de escrever para a prova do vestibular ou para receber uma nota atribuída pelo professor de Língua Portuguesa. Isto faz com que os alunos não se percebam autores de seus próprios textos.

O tipo de texto mais utilizado na sala de aula é sempre: “*fale sobre*”. Os temas geralmente são os mesmos todo ano: suas férias, sua família, seu cachorro. Onde estão os textos dos mais diversos gêneros e funções? Quanta riqueza desperdiçada! Chiappini (2001) critica as apostilas, utilizadas por várias escolas, por trazerem conteúdos resumidos, leituras demasiadamente limitadas, pouco críticas e, às vezes, inadequadas ou equivocadas. Em vez de ajudarem a expandir, limitam o conhecimento.

A produção textual em sala de aula é uma atividade que visa minimizar estas limitações. Porém, só é possível a partir de uma metodologia que priorize o planejamento de ações motivadoras e ultrapasse os entraves que impedem uma produção textual criativa e autônoma.

O episódio que descrevo neste capítulo teve por objetivo despertar o interesse dos alunos pela leitura e escrita em língua portuguesa. Como motivação para alcançar esta meta, desenvolvemos uma proposta interdisciplinar reunindo professores de Língua Portuguesa, História e Geografia que atuaram numa abordagem baseada em projetos. O projeto consistia na criação, pelos alunos, de um livro digital contando a história dos principais monumentos históricos da Cidade de Manaus utilizando a literatura de cordel.

O cordel foi escolhido por se tratar de um gênero literário popular, de fácil compreensão e elaboração, rica musicalidade que aguça a criatividade. Características adequadas para o trabalho com alunos do Ensino Médio profissionalizante, com média de idade de 14 anos que foi o nosso público alvo. Embora o cordel seja uma produção em formato de folheto, a equipe decidiu por um livro digital, pois a turma de alunos pertencia ao curso técnico de Informática e com este projeto tiveram mais uma oportunidade de exercitar suas habilidades nesta área profissional.

Por isso, a presente proposta nasceu da necessidade de se discutir como desenvolver um projeto de produção textual no Ensino Técnico que busque superar a ideia de que produzir texto em sala de aula é apenas fazer “redações” (entendidas geralmente como textos dissertativos), com o objetivo de entrar para a Universidade, achando que esta é a única forma de escrita a ser trabalhada na escola.

Para isso, propusemos um projeto de práticas de leitura e escrita que visa estimular a criatividade e a possibilidade de os alunos se enxergarem como autores de suas produções textuais em sala de aula. A Literatura de Cordel, como já mencionado, foi escolhida, dentre tantos gêneros, devido às suas características peculiares, tais como a espontaneidade, a fácil compreensão da leitura, o ritmo, a forma poética e a musicalidade. Sua utilização em sala de aula pode ser um caminho para incentivar, nos alunos, o interesse pela leitura e produção textual, justamente por ser caracterizada pelos ritmos da oralidade, retratando fatos do cotidiano sociopolítico, econômico, cultural, religioso, educativo, etc.

A Literatura de Cordel foi difundida grandemente na Europa depois da invenção da imprensa, no século XVI. Veio para o Brasil com os colonizadores portugueses e foi propagada, principalmente, na região Nordeste, tornando-se um instrumento de informações vinculadas a fatos específicos daquela região, como por exemplo, as histórias de Lampião e Maria Bonita e as do Padre Cícero. A denominação Literatura de Cordel é proveniente da forma como estes folhetos são vendidos, pendurados em barbantes, cordas ou cordéis normalmente em bancas, feiras e mercados.

No Brasil, além do Nordeste, podemos encontrar este tipo de literatura também em outras regiões. No caso da Amazônia, a Literatura de Cordel foi trazida pelos nordestinos que, por causa da seca e de conflitos fundiários, migraram, em maioria, para os estados do Pará e Amazonas, atraídos pelas promessas de trabalho nos seringais.

Na Amazônia, a Literatura de Cordel desenvolveu-se principalmente nas cidades de Belém e Manaus. A produção deste gênero trouxe abordagens da cultura regional nordestina na música, na culinária, no vocabulário e nas histórias de “causos” pitorescos. Além destas capitais, a Literatura de Cordel também alcançou as cidades de Parintins e Coari, no interior do Amazonas. Na primeira, os folhetos contribuíram para contar histórias do cotidiano e do folclore locais. Na segunda, os textos em cordel foram utilizados para satirizar a política e narrar tragédias.

Por se tratar de um gênero popular que pode ser utilizado para abordar qualquer assunto, a Literatura de Cordel, neste episódio, é empregada para contar a história dos principais monumentos da cidade de Manaus, dando-lhes voz e vida. Foram escolhidos pela riqueza cultural, pelo poder simbólico e porque grande parte da população de Manaus desconhece a história desses monumentos culturais²⁶.

Os alunos do primeiro ano do Curso Integrado de Informática, após conhecerem a história oficial de cada monumento, utilizaram a Literatura de

²⁶ Cf. “População desconhece a história dos principais monumentos do Centro da cidade”. Disponível em <http://www.acritica.com/channels/manaus/news/populacao-desconhece-a-historia-dos-principais-monumentos-do-centro-da-cidade>

Cordel para contar, de forma lúdica e criativa, a história de algumas obras monumentais da cidade de Manaus. Dentre elas, estão o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, o Mercado Adolpho Lisboa, o Palacete Provincial e a Biblioteca Pública.

Conforme dito anteriormente, os textos em Cordel são impressos em folhetos e ilustrados com xilogravuras. Porém, neste projeto, há uma proposta inovadora: ao invés da produção de folhetos, o Cordel foi construído, pelos alunos, na forma de um livro digital. Um produto adequado para uma atividade desenvolvida na disciplina EeTICS, do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico e ainda pelos alunos de Informática.

A produção textual permitiu que os alunos, além do desenvolvimento da escrita, pudessem ampliar os conhecimentos sobre aspectos histórico-geográficos regionais referentes à política, à cultura, à população e aos elementos físicos naturais. O projeto contribuiu para que os alunos trabalhassem, de forma interdisciplinar, conteúdos de Língua Portuguesa, Geografia e História. Contudo, pode ser desenvolvido em outras disciplinas como, por exemplo, Arte, Sociologia, Filosofia, Química, Física.

2.4 A poesia popular possui raízes distantes

A Literatura de Cordel é uma forma de manifestação popular que tem suas origens na tradição medieval. Está ligada à atividade de contar histórias por meio da oralidade, e pode ser cantada, recitada, escrita e impressa em folhetos. Quando impressos, são ilustrados com xilogravuras. Praticado em vários países, entre eles, França, Portugal, Espanha e Alemanha, esse saber popular vem percorrendo um longo tempo histórico, sempre coadunado com as informações de interesse popular. Segundo Nogueira (2009, p. 5):

O Jornal Lendo.org de 17 de abril de 2009 apresenta as primeiras manifestações da Literatura de Cordel, mostrando-a como um dos primeiros núcleos da cultura mundial relatando que havia manifestações desta literatura popular no ocidente, por volta do século XII, no sul da França.

Para Moreno (2007), a partir do século XVIII, os folhetos de feira, chamados em Portugal de “folhas volantes” ou “folhas soltas”, passaram a ser

conhecidos também como literatura de cego, devido a uma lei promulgada por Dom João V, autorizando o comércio dos folhetos pela Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa.

Na Espanha e nos países de língua espanhola da América Latina, os folhetos de cordel são conhecidos como “pliegos sueltos” e também são chamados de “hojas” e “corridos”, especialmente na Argentina, México, Nicarágua e Peru, usando temas semelhantes aos da Literatura de Cordel nordestina.

Na Alemanha, com a maior parte do conteúdo em prosa, eram impressos nas tipografias e vendidos nos mais diversos lugares, como universidades, igrejas, feiras, mercados, também ilustrados com xilogravuras. Era comum haver indicação de melodia para o acompanhamento do folheto em versos.

A partir da chegada dos portugueses ao Brasil, a Literatura de Cordel passa a ser praticada principalmente no Nordeste, através de poesia popular, adornada com a escrita em versos, utilização de rimas, musicalidade, crítica, simplicidade, narrativa de fatos reais ou fictícios e o uso de estrofes de seis versos (sextilha), na maioria das vezes. Nesse sentido, Abreu (1999) comenta como a cantoria lusitana é retrabalhada, ganhando novas características, principalmente no Nordeste brasileiro:

Os folhetos conservaram os passos do enredo lusitano, [...], porém a literatura de folhetos nordestina ganhou uma forma peculiar a partir do trabalho exaustivo de artistas, muitas vezes, iletrados, mas talentosos, que através dos seus poemas, cantorias e desafios não somente utilizaram os passos do enredo lusitano, mas recriaram uma literatura própria de seus contextos sócio-político e econômico extremamente brasileiro, que persistem até os dias de hoje, contando memórias do passado.

É possível perceber, portanto, que a Literatura de Cordel tem um longo caminho histórico. Isso mostra a sua solidez enquanto manifestação popular. Desse modo, é possível vislumbrar a importância desse saber secular como veículo de informação e disseminação de saberes inerentes aos interesses coletivos, que vão desde à política até as artes.

2.5 Versos e rimas na Amazônia

A Literatura de Cordel na Amazônia teve grande influência da cultura nordestina, pois, no final do século XIX e início do século XX, no período áureo da borracha, muitos nordestinos migraram para a Amazônia. Neste sentido, este gênero literário ganhou espaço inicialmente em Belém do Pará, com publicações da editora Guajarina, criada pelo pernambucano Francisco Lopes em 1914 e por Vicente Salles.

De acordo com Menezes Neto (2013, p.10-11) no contexto dos estudos da Literatura de Cordel na Amazônia destacam-se as contribuições de Vicente Salles:

[...] Salles foi pioneiro nas pesquisas sobre a produção de Literatura de Cordel na Amazônia. As contribuições mais importantes de Salles nesse campo são o artigo “Guajarina, folheteria de Francisco Lopes”, publicado em 1971, e o livro *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*, publicado em 1985 [...]

No estado do Amazonas, o representante deste gênero literário é o cordelista Francisco Chagas Simeão da Silva. Nascido em 1948, no município de Tefé, relatou alguns fatos da História do município de Coari em forma de Literatura de Cordel. Nesta área, a colaboração mais proeminente de Francisco Chagas Simeão da Silva para o Amazonas foi a criação e divulgação do cordel intitulado, “A tragédia do Botafogo”, que faz alusão ao naufrágio do barco Dominique ocorrido na madrugada do dia 14 fevereiro de 1980, próximo ao município de Codajás, no local conhecido como “Ponto do Vapor” ou “Botafogo”, no rio Solimões (ALVES: 2014)

Citamos também o nome de José Guimarães dos Santos, do município de Parintins-AM, que publicou cordéis sobre os bois-bumbás Caprichoso e Garantido, e a série “Tesouros da Amazônia”, uma coletânea de oito livretos sobre Literatura Infantil, premiado pelo programa Mais Cultura de Literatura de Cordel 2010, da edição Patativa do Assaré.

Em síntese, a Literatura de Cordel na Amazônia apresenta características regionais interligadas com a cultura nordestina, fazendo desta manifestação popular um instrumento que permite um diálogo com os alunos no processo de ensino e aprendizagem, podendo possibilitar o entendimento dos

conteúdos curriculares, aliado à valorização da história local, a exemplo dos principais Monumentos Históricos de Manaus.

2.6 Literatura de Cordel conquista os alunos

A Literatura de Cordel em sala de aula pode ser utilizada como recurso de ensino a ser desenvolvido em diversas disciplinas, visto que é um gênero literário com linguagem simples e que expõe as realidades de cunho político, econômico e social de determinada região, através de informações direcionadas a públicos diversos.

Por esta via, trabalhar leitura, interpretação e produção de textos por meio da Literatura de Cordel torna-se um caminho possível para instigar, nos alunos, a criatividade e a autonomia na produção do conhecimento. Pois, esta literatura possibilita desenvolver, no âmbito escolar, um ensino inovador e comprometido com uma formação voltada para a cidadania e emancipação social do alunado.

Em um levantamento sobre a produção recente, encontramos algumas experiências semelhantes que fazem uso da Literatura de Cordel em sala de aula em diversas disciplinas escolares. No âmbito da Geografia, Fonsêca & Fonsêca (2008) apresentam as contribuições da Literatura de Cordel para o ensino de Cartografia e o trabalho foi desenvolvido no Programa Especial de Formação de Professores para Educação Básica em dois municípios mais afastados do Estado do Maranhão. A iniciativa focaliza a formação de professores em lugares onde o material didático é mais escasso.

Os referidos professores desenvolveram a pesquisa junto a professores em formação, que redigiram cordéis sobre fusos horários e escalas cartográficas, utilizando expressões do cotidiano, para melhor compreensão da disciplina (FONSECA & FONSECA, 2008, p. 128-131).

Pesquisa semelhante foi a desenvolvida por Da Silva (2009), no Programa Conexões de Saberes da Universidade Federal Rural de Pernambuco, onde realizou-se uma atividade sobre o uso de tecnologias alternativas para o ensino, e a Literatura de Cordel aparecia como um recurso tradicional. Os bolsistas em formação tiveram contato com folhetos da Literatura de Cordel e

estudos bibliográficos acerca da história dessa literatura. Em seguida, observaram como se confecciona um cordel e logo produziram seus próprios cordéis, refletindo sobre como tal recurso vem sendo aplicado na educação.

Silva & Ribeiro (2012) utilizaram a Literatura de Cordel, aplicada ao ensino de Física, em uma mostra de ciências que buscou relacionar os saberes populares sertanejos e o ensino de física de maneira contextualizada com a realidade cultural do sertão. O objetivo foi proporcionar, aos professores, o entendimento da presença de conceitos científicos na cultura popular sertaneja, além de vincular conhecimento científico e cultura. Articulando ensino e pesquisa, as atividades desenvolvidas pelos autores envolveu o estudo da produção disponível em folhetos de Literatura de Cordel entre os cordelistas da região do sertão pernambucano relacionadas ao saber científico.

Em trabalho semelhante, Barbosa, Passos & Coelho (2011), buscaram articular o ensino de Física e Literatura de Cordel como modo de superar um ensino de Física marcado pelo baixo nível de interesse dos alunos pela disciplina e pela falta de vinculação do saber científico com a realidade dos estudantes. O estudo foi feito com 46 alunos de uma escola pública de Ensino Médio da região metropolitana de Fortaleza, Ceará, onde foram produzidos pelos pesquisadores dois textos: um mais convencional, em prosa, e um em forma de folheto de cordel, ambos abordaram a evolução da Astronomia.

De fato, constatamos que a área de Física tem se interessado muito por metodologias inovadoras e material didático diferenciado para o ensino da disciplina na Educação Básica. De Lima, De Souza & Germano (2011) buscaram identificar os folhetos de cordel já existentes que versassem sobre temas científicos e os utilizaram como estratégia de motivação para o ensino de ciências, realizando oficinas em escolas públicas do município de Campina Grande, Paraíba. As oficinas consistiam em atividades de apresentação da história da Literatura de Cordel e os critérios estéticos para sua elaboração, encerrando com a elaboração de um cordel sobre conteúdos da Física pelos alunos participantes.

2.7 O cordel no ensino tecnológico veio para ficar

Com o advento das novas tecnologias da informação, o acesso ao conhecimento vem se propagando de maneira rápida em vários setores da sociedade. Desse modo, o livro digital ou e-book, paulatinamente, vem sendo utilizado como veículo eletrônico de informações, sobretudo no âmbito educacional. Tornando-se um recurso pedagógico inovador na apresentação dos conteúdos curriculares, em diferentes níveis de ensino. O livro digital possibilita uma interação entre textos permeada por som, imagens, vídeos e acesso a sites de pesquisa, proporcionando um ambiente de aprendizagem riquíssimo, atraente e dinâmico.

A relação de interatividade entre leitura e hipertexto, aqui representado pelo livro eletrônico, favorece a aprendizagem baseada em pressupostos cognitivos, sociodiscursivos, uma vez que permite a ação do aluno sobre o conteúdo e possibilita um diálogo, mesmo que virtual com o texto (PAULINO, 2009, p.8-9).

De acordo com Rokohl (2012, p. 20) “[...] o livro digital pode ser um aliado para atrair os jovens para o universo da leitura [...] pois possui muito mais atrativos do que o livro tradicional, além do texto, traz imagens em movimento, áudio, vídeo etc. [...]”, podendo ser visualizados em tablets, notebooks, celulares, leitores digitais. Existem algumas ferramentas que possibilitam a produção de livros digitais tais como softwares e aplicativos como Mybook, ZooBurst, Papyrus, ePub Bud, que possibilitam criar livros interativos que apresentem vídeo, música e fotos.

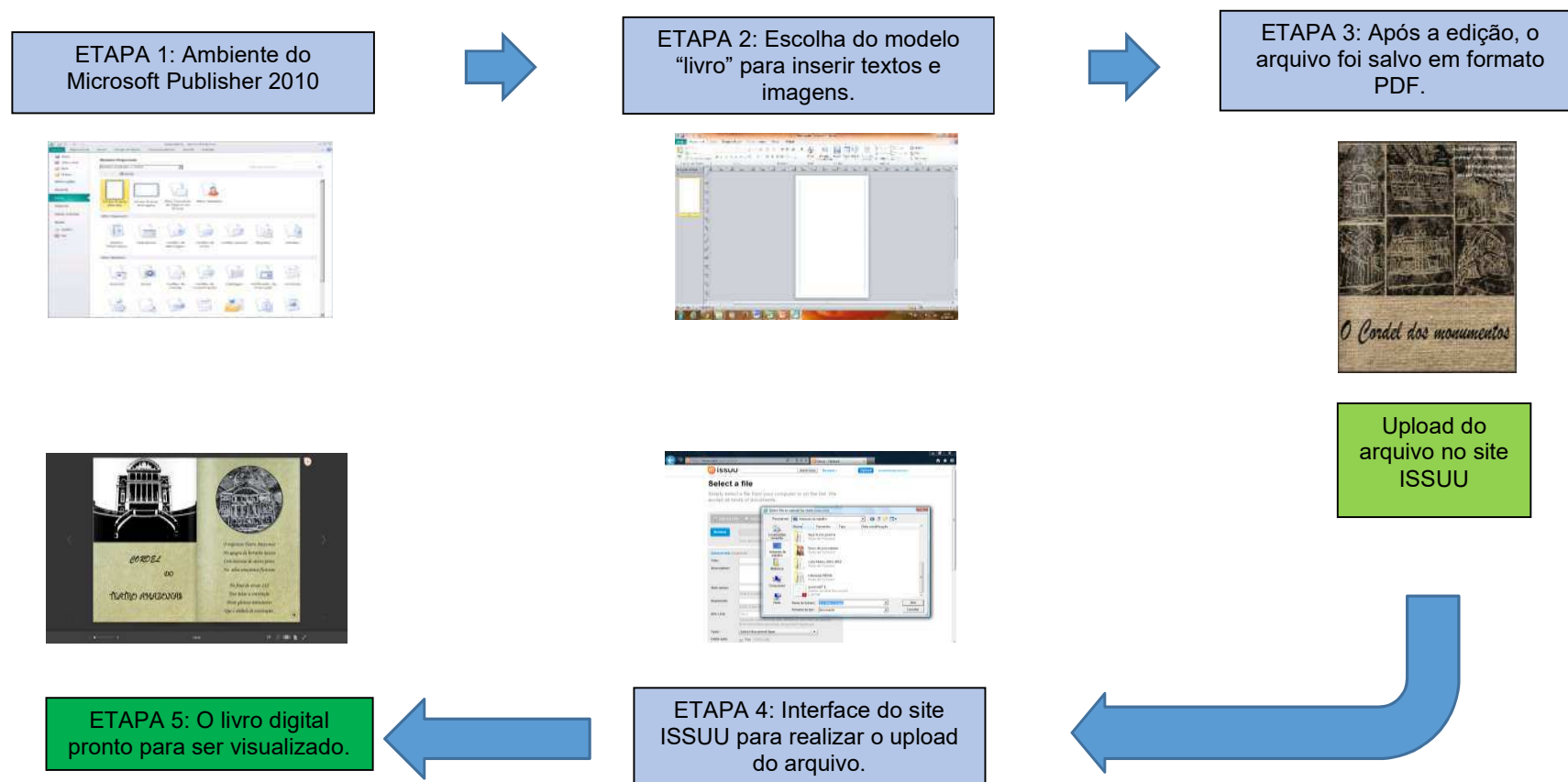
Para a criação do livro digital “O cordel dos Monumentos”, desenvolvido durante a disciplina EeTICS, primeiramente foi escolhido o Microsoft Office 2010. Dentro desta suíte de aplicativo, o Microsoft Publisher foi escolhido, por apresentar um ambiente de fácil manipulação, sendo muito similar ao Microsoft Word já utilizado pelos alunos (etapa 1). Assim, os alunos utilizaram o Publisher para digitarem seus cordéis. Nessa etapa, foi selecionada a opção livreto, em layout de página retrato, configurado como papel A4. Nesta fase, trabalharam na edição do livro eletrônico, não apenas digitando o texto como também inserindo imagens digitalizadas das xilogravuras, produzidas pelos alunos em sala de aula. As xilogravuras confeccionadas pelos alunos foram

colocadas na capa do livro digital, e para ilustrar a parte interior do livro, foram trabalhadas digitalmente algumas fotos da Internet, configurando-as como as tradicionais xilogravuras (etapa 2).

Posterior à etapa de edição do livro, os alunos salvaram o arquivo em formato PDF (etapa 3) e fizeram o upload na plataforma digital ISSUU (etapa 4). Ao final da publicação do arquivo na plataforma ISSUU, os alunos, responsáveis pela edição do e-book, copiaram o endereço do documento publicado e adicionaram o link ao site do projeto denominado “Cordel na Amazônia”²⁷ tornando público o acesso ao livro digital (etapa 5). Assim, o processo de edição e publicação do livro digital seguiu 5 etapas, conforme ilustrado abaixo:

²⁷ O livro digital criado pelos alunos encontra-se disponível no seguinte endereço: <http://sites.google.com/site/cordelnaamazonia/>

Figura 44. As etapas sucessivas na editoração eletrônica do livro digital.



2.8 Implementação do projeto

O projeto “Do folheto ao livro digital” foi implementado com alunos do Ensino Médio Técnico em Informática, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Como descrito anteriormente, o projeto contou com a integração de quatro professores das áreas de História, Geografia e Língua Portuguesa, demandou para a realização, uma carga horária de 12 horas e foi implementado na forma de oficinas, conforme descreveremos a seguir.

Oficinas de Literatura de Cordel

A. Oficina de Produção Textual – Elaboração dos Cordéis

Esta oficina teve por objetivo identificar as características da Literatura de Cordel, para alcançar o objetivo desenvolvemos as seguintes atividades:

- Os alunos assistiram ao vídeo “LITERATURA DE CORDEL”, do cordelista Francisco Diniz.
- Os professores explicaram para os alunos o que é Literatura de Cordel, a estrutura do texto (versos, rimas etc.).
- Os alunos, em conjunto com os professores, escreveram um texto na lousa, utilizando as características da Literatura de Cordel.
- A turma foi dividida em equipes, de acordo com o planejamento. Neste caso, foram formadas 6 equipes de 5 e 2 equipes de 6 alunos, para execução do trabalho.
- Para cada equipe foi sorteado um monumento histórico. Os monumentos escolhidos foram: o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, a Igreja Matriz, o Mercado Municipal, o Palacete Provincial e a Biblioteca Pública.
- Os alunos leram textos informativos sobre cada um dos monumentos e produziram novos textos, no formato da Literatura de Cordel.

Figuras 45, 46 e 47. Alunos nas atividades da I Oficina.
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 48, 49 e 50. Alunos e professores vivenciam a experiência de criar versos de Cordel.

Fonte: Acervo Pessoal



B. Oficina de xilogravuras

A oficina teve como objetivo confeccionar as ilustrações do livro da Literatura de Cordel, utilizando a técnica da xilogravura, e, para tanto, desenvolvemos as seguintes atividades:

- Os professores explicaram aos alunos a respeito da arte da xilogravura.
- Os professores apresentaram um vídeo explicando cada uma das etapas da xilogravura.
- Os professores distribuíram, para as equipes, o material necessário para confecção das xilogravuras. Foram utilizados materiais de fácil acesso e que não causariam nenhum acidente aos alunos. Foi utilizado isopor para confecção da xilogravura. Tradicionalmente usa-se madeira.
- Os alunos confeccionaram as xilogravuras seguindo estes passos: (1) transferiram o desenho do monumento histórico para o isopor; (2) cobriram os traços do desenho utilizando lápis ou caneta, formando sulcos que permitissem a criação de um baixo relevo; (3) utilizando um rolo de esponja embebido em tinta guache preta, pintaram toda a superfície do isopor onde foi desenhado o monumento; (4) colocaram uma folha de papel tamanho A4 branca sobre o desenho, pressionando para que a imagem fosse transferida para o papel; (5) retiraram a folha de papel e deixaram secar sobre uma superfície; (6) após secar, temos o resultado final.

Figura 51. Alunos no passo a passo durante a Oficina de Xilogravuras.
Fonte: Acervo Pessoal



C. Oficina – Edição e Publicação do Livro Digital

A oficina teve como objetivo digitar os textos, criados em sala de aula, sobre os monumentos e criar o livro digital. Os passos seguidos para alcançar este objetivo foram:

- Os alunos digitaram os textos produzidos em sala de aula no Microsoft Word.
- Os professores apresentaram e explicaram o funcionamento do programa Microsoft Publisher para os alunos.
- Os alunos trabalharam a apresentação do conteúdo e a estética do texto no Microsoft Publisher, incluindo as xilogravuras digitalizadas e as imagens dos monumentos trabalhados, e em seguida salvaram o resultado final no formato PDF.
- Os alunos transferiram o arquivo em PDF para a plataforma ISSUU, e após o *upload* ser completado, conferiram o resultado da publicação, “folheando” todo o livro para confirmar que tudo havia saído conforme o planejamento e se todos os *hiperlinks* no livro digital estavam funcionando.

Figura 52. Aluno realizando a edição digital do livro.
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 53. Capturas de tela do livro “O cordel dos monumentos” na plataforma ISSUU
 Fonte: Acervo Pessoal



Este projeto apresentou diferentes resultados. Do ponto de vista de um produto, resultou em um livro digital interativo que apresenta som, imagem e vídeos contando, em formato de cordel, a história de seis (06) monumentos históricos da cidade de Manaus. O livro está disponível no endereço <https://sites.google.com/site/cordelnaamazonia/livro-digital-do-projeto>.

Consideramos este produto inédito por duas razões: 1. Tradicionalmente, a história oficial é contada em prosa e não em verso como feito neste livro; 2. Não identificamos livros que unissem a literatura de cordel e narrativa de monumentos históricos e que tenham sido produzidos coletivamente por alunos num contexto de atuação interdisciplinar.

Do ponto de vista do ensino, o projeto resultou num planejamento de ensino interdisciplinar e baseado em projetos que integrou atividades de professores de três componentes curriculares do ensino médio – Língua Portuguesa, História e Geografia. Este planejamento de ensino tem uma característica inovadora por dois aspectos fundamentais: Primeiro, foca no desenvolvimento de projetos, valorizando o coletivo, deixando de lado a aquisição do conhecimento de forma individual por meio do uso de listas de exercícios, uso exclusivo do livro didático e avaliação baseada em provas objetivas. Promovendo a realização de um produto inovador e integrador. Segundo, o planejamento traz uma perspectiva de ensino interdisciplinar, diferente das abordagens mais comuns de ensino destas disciplinas na educação básica que tratam os conteúdos destas disciplinas de forma isolada.

Da perspectiva da aprendizagem, o projeto resultou numa aprendizagem integradora. Na Língua Portuguesa, os alunos aprenderam sobre o significado de prosa e verso, estrutura do verso, estrofe, métrica, rimas, musicalidade e praticaram atividades de produção textual utilizando o gênero de cordel. Na História, os alunos conheceram o contexto histórico da construção dos monumentos, os atores sociais envolvidos, as tendências culturais e artísticas que influenciaram a estética dos monumentos e no próprio estilo de vida da época.

Na Geografia, os alunos aprenderam sobre a ocupação socioespacial, impacto ambiental, aspectos da desigualdade social, miscigenação e o poder simbólico desses monumentos na cidade de Manaus. Estas aprendizagens

ocorreram de forma integrada e concomitante à medida da necessidade dos alunos nas atividades de leitura, interpretação e produção de texto. Além das competências cognitivas, os alunos desenvolveram habilidades sociais que dizem respeito ao trabalho em grupo, cooperação mútua, compartilhamento de recursos, socialização oral das produções e persistência para a concretização da produção textual. Juntas, estas aprendizagens proporcionaram aos alunos o desbravamento da própria cidade onde vivem.

Para a apresentação do relatório, no encerramento da disciplina EeTICS, preparamos e apresentamos um vídeo²⁸ contando todo o percurso de desenvolvimento do projeto, com fotos, vídeos, música, recitação de cordéis e explicação de todo o processo de criação e da publicação dos cordéis na internet. Montamos um stand onde colocamos um mural forrado com uma peça de chita azul com estampas florais no qual expusemos as matrizes das xilogravuras, os rascunhos dos primeiros versos dos cordéis dos monumentos, produzidos pelos alunos, materiais utilizados para a realização das oficinas, muitas fotos mostrando toda a logística do percurso e um notebook para mostrar o livro digital. Do início até a culminância desta atividade, muitas pessoas foram se interessando pela ideia e dando suas importantes contribuições.

²⁸ Cf. “Do folheto ao livro digital”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5i5tJ1LQgDs>. Acesso em 20/11/2016.

Figura 54. O stand do projeto no encerramento da disciplina EeTICS.
Fonte: Acervo Pessoal



Figuras 55, 56 e 57. Três momentos: a equipe de professores ensaiando, gravando e editando material para o vídeo apresentado na conclusão da disciplina EeTICS. Conhecimento com alegria e criatividade.
Fonte: Acervo Pessoal



Se todos os professores foram homenageados com um cordel, a professora Andréa foi homenageada com um cordel *cantado* pela equipe; considero relevante colocá-lo aqui como observação de que a criatividade e a apreciação estética não devem ser questões a ser pensadas somente para a aprendizagem de nossos alunos, mas deve atravessar as vivências da formação continuada e da prática docente:

Cordel da Professora Andréa

A professora Andréa
Nossa vida mudou
Com seu jeito muito doce
Na nuvem nos colocou.

REFRÃO
Ela quer resultado
Esforço vai ajudar
Mas com sofrença
Ninguém pode avançar.

Uma Professora linda
Poderosa e inteligente
Ela está em todo lugar
Porque é muito competente

Ela é cheia de ideias
O ensino quer mudar
Pega as oportunidades
Para a escola inovar.

Você, nobre colega
Fique sempre ligado
Com a Professora Andréa
Plagiou está reprovado.

Do encerramento da disciplina EeTICS até hoje, *O cordel dos Monumentos* vem ganhando visibilidade. Foi rompendo barreiras entre disciplinas e entre profissionais da educação que a experiência interdisciplinar, trabalhada por meio de oficinas, logrou grande êxito e o produto (livro digital) foi escolhido, pelo Instituto Inova Educa, como um dos cinquenta projetos mais inovadores do Brasil, em novembro de 2015; no mesmo mês, participou também da 12ª Feira de Tecnologia do Amazonas, fez parte da solenidade de abertura do I Congresso de Educação, Ciência e Tecnologia do IFAM e da abertura da I Semana de Construção Civil organizada pelo curso de Engenharia Civil do IFAM.

Figura 58. Banner de divulgação do projeto “Do folheto ao livro digital” no III Congresso InovaEduca, no Foyer do Auditório Principal no MIS – Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 59. Alunos participantes do projeto “Do folheto ao livro digital” se apresentam na abertura do I CONCEPT/IFAM.
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 61. Stand do projeto “Do folheto ao livro digital” na 12ª Feira de Tecnologia do Amazonas, no Centro de Convenções Vasco Vasques.
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 60. Roda de conversa no IFAM/CMZL.
Fonte: Acervo Pessoal



No dia vinte de julho, participei de uma roda de conversa no IFAM-CMZL, contribuindo com a fala intitulada “Pedagogia de Projetos & Interdisciplinaridade: experiências com a Literatura de Cordel”, sendo a primeira oportunidade de socializar a reflexão e as práticas, que vinham sendo desenvolvidas, fora do âmbito do MPET-IFAM. Foi uma oportunidade de comunicar a pesquisa em andamento, mas também ouvir as opiniões dos colegas do Campus Manaus Zona Leste.

No dia 1º de outubro, atendendo ao convite da Prof.^a Dr.^a Maria Evany do Nascimento, que integrou a banca avaliadora em minha qualificação, ministrei uma oficina de produção textual para os alunos do curso de Letras e de Pedagogia da UEA (Universidade Estadual do Amazonas), intitulada “Ler e Redigir: práticas de leitura e escrita em sala de aula”. Derivada diretamente da reflexão sobre minha trajetória e prática docentes no âmbito de minha pesquisa, foi uma oportunidade inestimável de compartilhar essas vivências e práticas com uma geração de jovens em formação inicial.

O *Cordel dos monumentos* também teve repercussão na imprensa. A equipe foi convidada para conceder entrevistas e participar de matérias e reportagens. Nos dias 17 e 21 de outubro, a equipe jornalística da Rede Amazônica realizou as filmagens para a reportagem que viria a ser veiculada no Jornal do Amazonas no dia 24 de outubro, comemorando os 347 anos da cidade de Manaus. Os alunos que participaram do projeto concederam entrevistas e foram recitar os cordéis em frente aos respectivos monumentos²⁹.

No dia 06 de outubro, os professores e alunos envolvidos no projeto reuniram-se para receber a equipe do Jornal Acrítica que fez fotos, vídeos e colheu entrevistas dos participantes para uma matéria que veio a ser publicada em duas páginas inteiras no Caderno Cidade do referido jornal³⁰.

²⁹ Cf. “Professores e alunos de instituto lançam livro digital com cordéis, no AM”. Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/jam/videos/t/edicoes/v/professores-e-alunos-de-instituto-lancam-livro-digital-com-cordeis-no-am/5400479/>. Acesso em 25/11/2016.

³⁰ A matéria também se encontra acessível on-line. Cf. “Com músicas de cordel, alunos homenageiam patrimônios culturais de Manaus”. Disponível em: <http://www.acritica.com/channels/manaus/news/musicas-de-cordel-homenageiam-patrimonios-culturais-de-manaus>. Acesso em 01/11/2016. Há também, incorporado na matéria on-line, um vídeo. Cf. “Músicas de Cordel homenageiam patrimônios culturais de Manaus”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WRd9MG8wqiw>. Acesso em 01/11/2016.

Figura 62. Os professores e alunos envolvidos na oficina de produção textual na UEA.
Fonte: Acervo Pessoal



Figuras 63 e 64. Os bastidores das gravações para a reportagem da Rede Amazônica.
Os alunos como protagonistas.
Fonte: Acervo Pessoal



Figuras 65 e 66. Os bastidores das gravações para a reportagem do Jornal ACrítica.
Fonte: Acervo Pessoal



Para minha formação, trabalhar a Literatura de Cordel através de projetos, em sala de aula, tem sido a minha realização profissional. Se sempre houve a culminância para os meus alunos, este trabalho foi a culminância da minha trajetória na carreira do magistério, pois somente agora, com trinta e cinco anos ininterruptos atuando como professora, pude realizar um antigo sonho de desenvolver uma atividade interdisciplinar.

Todas as atividades desenvolvidas ao longo desse processo possibilitaram o exercício da autonomia na construção do conhecimento e inovação no ensino e na aprendizagem dos conteúdos curriculares. Os alunos tiveram oportunidade de trabalhar as suas habilidades de forma criativa, dinâmica e autoral, e, é importante frisar isso, puderam perceber tudo o que desenvolveram como uma prática significativa, que ganhou uma destinação.

Não posso deixar de expressar que esta atividade trouxe, para mim, e para os colegas do grupo e alunos, muita satisfação e alegria, como as imagens compartilhadas ao longo do capítulo deixam perceber. Com isso quero demonstrar que o ensino e aprendizagem no Ensino Tecnológico precisam estar atinados com uma prática de formação humana, de apreciação estética e convivência produtiva, onde realmente o professor deve ser um instigador, um mediador que orienta processos de ensino-aprendizagem dialógicos, com professores e alunos aprendendo juntos.

3 A Literatura de Cordel no Portfólio: Síntese das Vivências



Como parte dos requisitos de um Mestrado Profissional, a presente pesquisa apresentará um produto final. Optei por desenvolver um *portfólio on-line*. Por conta da especificidade desta escolha, neste terceiro capítulo meu propósito é, além da descrição detalhada do referido produto final, realizar uma discussão a respeito de alguns conceitos e aspectos que ajudarão a compreender a opção feita.

3.1 Mestrados Profissionais e seus *produtos*

Segundo a CAPES³¹, um Mestrado Profissional tem como objetivo “a capacitação de profissionais, nas diversas áreas do conhecimento, mediante o estudo de técnicas, processos, ou temáticas que atendam a alguma demanda do mercado de trabalho”³². No caso específico do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do IFAM, entre seus objetivos está o de “produzir conhecimentos técnico-científicos, a partir do desenvolvimento de pesquisas no/sobre ensino técnico e tecnológico”³³.

Longe de se pensar uma posição inferior em relação aos mestrados acadêmicos, de acordo com Fischer (2005), o que confere a especificidade dos Mestrados Profissionais não é o fato de serem “não acadêmicos” (o que de fato não o são, assim como os Mestrados Acadêmicos não deixam de ser “profissionais”), mas porque permitem a experimentação, nos currículos, que pode levar a inovações nas formas de ensinar e aprender, incorporando saberes e refletindo a partir de experiências.

Para Moreira (2004), a intenção dos Mestrados Profissionais seria a de formar professores pesquisadores que possam atuar como fomentadores de grupos de trabalho e estudo, em suas instituições, que, além de incrementar a sua qualificação docente, atuem como multiplicadores em suas práticas pedagógica, contribuindo com a evolução e solução de problemas do ensino, da aprendizagem, do currículo, da avaliação e do sistema escolar.

³¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados do país.

³² Cf. “Mestrado Profissional: o que é?” Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-profissional-o-que-e>. Acesso em 15/11/2016.

³³ Cf. “Sobre o curso”. Disponível em: <http://mpet.ifam.edu.br/sobre-o-curso/>. Acesso em 15/11/2016.

De tais características decorre a necessidade das pesquisas em Mestrados Profissionais apresentarem, juntamente ao texto final da dissertação, um produto que consubstancie de alguma forma o saber ali apresentado. Para Brandão e Rôças (2006) o produto é uma forma de apresentar a competência do professor pesquisador em reconhecer e resolver os problemas do seu ambiente de trabalho a partir do debate acadêmico, da observação própria de quem faz pesquisa.

Apresentar um produto também estaria relacionado ao compromisso ético da difusão do conhecimento. A CAPES determina como *produto final* um conjunto bem amplo de objetos, que vão desde patentes, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, passando por materiais didáticos e instrucionais, programas de mídia, softwares, e chegando até manuais de operação técnica, propostas de intervenção em procedimentos, projetos de aplicação ou adequação tecnológica e protótipos para desenvolvimento ou produção de instrumentos, equipamentos e kits³⁴.

Acredito que, em um sentido mais amplo, o que está em jogo é aquilo que Imbernón (2006) pondera ao abordar sobre a problemática da formação de professores, demonstrando especial preocupação com as demandas do terceiro milênio, no que ele chama muito apropriadamente de *formar-se para a mudança e a incerteza*. Para este autor, a despeito dos desenvolvimentos educacionais do séc. XX, não foram abandonadas, em sua maioria, as diretrizes centralizadoras, burocratizantes e, por vezes, excludentes da educação que remontam ao séc. XIX. Entretanto, novas funções e atribuições do professor estariam surgindo no séc. XXI, sendo necessária “[...] uma nova cultura profissional” (2006, p. 9).

Os Mestrados Profissionais e sua demanda por produtos finais da pesquisa podem ser vistos como parte dessa nova cultura profissional, pois o referido educador espanhol propõe que essa nova cultura da formação de professores deve levar em consideração *evidências elementares*: é necessário focar na objetividade dos conteúdos, mas também na subjetividade do atitudinal,

³⁴ Cf. “Mestrado Profissional”. Disponível em <http://www.capes.gov.br/acessoainformacao/perguntas-frequentes/avaliacao-da-pos-graduacao/7419-mestrado-profissional>. Acesso em 15/11/2016.

levando-se sempre em consideração que a formação se dá de forma não-linear, *fortemente vinculada à prática profissional e à instituição de exercício dessa prática*. Sendo assim, a formação de professores deve consistir

[...] no estudo de situações práticas reais que sejam problemáticas.
 [...] Um dos objetivos de toda formação válida deve ser o de **poder ser experimentada e também proporcionar a oportunidade para desenvolver uma prática reflexiva competente** (IMBERNÓN, 2006, p. 15-17, grifo meu).

Para ele, em uma formação voltada para a inovação, deve-se também pensar a inovação na formação. Existe um paradoxo, uma contradição na forma como é encarada a formação de professores: ao passo que se julga essa formação como importante, a ela é reservada uma prática orientada pela precarização e desvalorização. Dessa maneira, é necessário

[...] estabelecer um preparo que proporcione um conhecimento válido e gere uma atitude interativa e dialética que leve a valorizar a necessidade de uma atualização permanente. “[...]. Os futuros professores e professoras também devem estar preparados para entender as transformações que vão surgindo nos diferentes campos e para ser receptivos e abertos a concepções pluralistas, capazes de adequar suas atuações às necessidades dos alunos e alunas em cada época e contexto. Para isso é necessário aplicar uma nova metodologia e, ao mesmo tempo, realizar uma pesquisa constante (IMBERNÓN, 2006, p. 61).

Muito embora reconheça o processo inicial da formação docente, Imbernón propõe a formação como um processo permanente, buscando superar uma ideia de formação continuada que é apenas “atualização” ou ainda, para usar um termo de conotação pejorativa, “reciclagem”: mais do que isso, por formação permanente aponta-se o professor como construtor de conhecimento ancorado em uma prática e em uma problemática contextualizada.

Conforme o exposto pelo autor, pesquisas e estudos que tenham como foco a formação do professor são indispensáveis para uma compreensão e um repensar da prática pedagógica, pois o professor, de acordo com a necessidade de atuação, e dos objetivos que deseja atingir, constrói, reconstrói, mobiliza e sistematiza saberes, não se tornando um repetidor de conteúdos e técnicas, mas alguém que avalia e reformula continuamente sua prática.

Essas discussões trazem também a necessidade de encontrar, nos cursos de formação de professores, um equilíbrio entre os saberes construídos nas Universidades e os saberes produzidos na prática cotidiana. Então, os saberes docentes não são constituídos apenas de conhecimentos acadêmicos e científicos, mas, ao contrário, muitas vezes, os professores precisam de improvisação, de adaptação e discernimento para resolver certas situações com as quais eles se deparam, construindo e reconstruindo saberes na prática.

Dessa maneira, acredito que propor um produto como parte elementar de uma pesquisa acadêmica está vinculado para o que Imbernón chama atenção, que diz respeito a cinco eixos de atuação por ele elencados: (I) a reflexão prático-teórica sobre a prática; (II) a troca de experiência entre pares; (III) a união da formação a um projeto de trabalho; (IV) o estímulo crítico ante práticas profissionais e sociais; (V) inovação individual que conduz a inovação institucional.

Assim, o produto final de uma pesquisa em um Mestrado Profissional é esse momento que possibilita a inovação individual se transforma em inovação institucional (IMBERNÓN, 2006, p. 48). Isso ajuda a justificar porque julguei conveniente o uso do portfólio *on-line* como produto final desta pesquisa.

3.2 Modos de (o)usar: o que é um portfólio?

Partindo de uma definição bastante elementar, um portfólio – palavra de origem italiana que chegou até nós na forma de um anglicismo – pode ser entendido como um envelope ou pasta que reúne documentos, servindo para guardá-los e carregá-los juntos, literalmente um “porta folhas”, no caso, folhas de papel (MARTINS, 2013). Naturalmente, a palavra está menos ligada a essa definição e é muito mais usada atualmente para designar, em diversas áreas de atuação no mundo contemporâneo, a amostras de coleções de trabalhos desenvolvidos em diferentes carreiras profissionais em nossa sociedade.

3.2.1 Portfólios Profissionais

O uso de portfólios por profissionais ou grupos de profissionais é uma prática corrente, principalmente em áreas voltadas para o campo das artes e da comunicação. É praticamente obrigatório que fotógrafos, arquitetos, designers

gráficos e publicitários possuam portfólios, passando por jornalistas e chegando mais recentemente a decoradores, estilistas, atores e modelos que utilizam esse recurso para divulgar seu trabalho e atrair possíveis consumidores e interessados em seus serviços.

Uma característica importante dos portfólios profissionais é o uso específico que é feito de textos e imagens. O objetivo principal é cativar a atenção de potenciais clientes, e para isso o profissional busca apresentar os êxitos de sua carreira, as habilidades e domínio das técnicas em sua área e suas experiências nos melhores trabalhos listados em seu currículo, em suportes graficamente atraentes e criativos, com cores e acabamentos que denotem a originalidade e a especificidade do profissional. Quanto à extensão, dependendo da duração da carreira, admite-se tanto os mais resumidos e objetivos, com no máximo 5 laudas, ou alguns mais elaborados chegando a ter entre 20 a 40 laudas (LINTON: 1996).

Os exemplos demonstrados acima mostram uma tendência presente cada vez com mais força, que é o fato de o próprio portfólio já ser encarado como uma peça de forte apelo estético e artístico. Reforçando esse aspecto, Linton (1996) afirma:

O portfólio é um ato criativo, mostrando suas habilidades e imaginação, mas também é um ato de comunicação e uma forma de autopromoção. Demonstrando originalidade e inovatividade, mas também aceitando as restrições e convenções do profissionalismo e mostrando que você pode levar suas ideias à frente em termos que arquitetos e designers possam compreender.

O autor, no caso, refere-se a arquitetos e designers, pois na obra ele se dirige a um público específico de profissionais, contudo, creio que, independente dos públicos-alvo mais orientados, é possível estender o seu argumento e pensar o portfólio profissional como um recurso que permita a comunicação criativa e original com qualquer público interessado. Digo isso porque esta argumentação ajudará a refletir sobre os propósitos do portfólio *on-line* que é o produto dessa dissertação.

Figura 67. Exemplos de portfólios impressos, no formato de pasta (esq.) e maleta (dir.).

Fonte: <http://imasters.com.br/>



Figura 68. Exemplo de um portfólio impresso de um profissional da área de design, onde se pode observar a bela composição de cores e acabamento.

Fonte: <https://rayanemagalhaes.com/>



Figura 70. Exemplo de portfólio impresso fazendo uso de embalagem em papelão contendo cartazes, cartões de visita e um CD-ROM.

Fonte: <http://designontherocks.blog.br/>



Figura 69. Exemplo de um portfólio impresso que busca o inusitado para apresentar os trabalhos de um ilustrador de maneira criativa.

Fonte: <http://www.criatives.com.br/>



3.2.2 Portfólios Acadêmicos e Escolares

No mundo acadêmico, e mais especificamente na área educacional, o uso de portfólios se difundiu de modo diferente de como são concebidos e apresentados os portfólios profissional descritos anteriormente, tendo características próprias. Há uma farta bibliografia acadêmica sobre o assunto, de livros a artigos científicos discutindo os usos e apropriações dos portfólios com fins educacionais. Exponho, a título de contextualização, algumas definições mais clássicas e discussões mais recentes sobre essa questão. Longe de esgotá-las, a intenção é que ajudem a pensar em possibilidades enriquecedoras dentro da proposta aqui apresentada.

De acordo com Valladares e Graça (1998), o portfólio é uma coleção planejada de diversos trabalhos realizados e produzidos por um aluno ao longo de um específico período, que devidamente organizado, proporcionaria uma percepção ao mesmo tempo geral e detalhada, de diferentes elementos do seu desenvolvimento, sendo, dessa maneira, um recurso que permite que sejam avaliados aspectos cognitivos e também afetivos.

Essa definição é semelhante a dada por Hernández (1998), que propõe o portfólio como o conjunto de diferentes tipos de materiais e documentos – desde anotações pessoais, observações de experiências de aula, trabalhos pontuais de pequena ou grande extensão, avaliações de aprendizagem, materiais não-escolares, iconografia – que funcionam como evidências do processo de construção de conhecimentos e das estratégias e métodos acionados para aprender.

Para complementar essas duas definições, acrescento aqui a de Anastasiou e Alves (2004), pois observam que o portfólio deve ser encarado como um facilitador da construção do processo de aprendizagem ao longo de um período, e não um elemento burocratizante. A ideia do uso portfólio para essas autoras implica em fazer uso de uma metodologia construída em conjunto, onde o estudante é responsável por seu processo de aprendizagem e o professor é responsável pela análise da singularidade deste desenvolvimento.

Estamos, neste caso, diante de um recurso pedagógico diferenciado, que permite desenvolver a emancipação e autonomia dos sujeitos envolvidos.

Conforme Anastasiou e Alves (2004), por não ser um fim em si mesmo, o portfólio deve ser fruto de um processo crítico por parte do aluno que o elabora, tanto como instrumento de construção de si enquanto sujeito do conhecimento, quanto como de projetar possibilidades de atuação para o futuro.

Na universidade brasileira, desde as primeiras disciplinas práticas – os estágios supervisionados, por exemplo – somos apresentados aos portfólios: geralmente professores os exigem de seus alunos como uma forma de avaliar todos os trabalhos realizados por um acadêmico no âmbito daquela disciplina. Tanto o professor da disciplina pode acompanhar de maneira mais panorâmica o desenvolvimento dos alunos, quanto os alunos podem ter uma postura mais reflexiva sobre sua própria trajetória acadêmica.

Quanto às possibilidades de uso do portfólio no mundo acadêmico, existem vários estudos recentes que discutem esses aspectos. Torres (2007), ao descrever e analisar os dilemas inerentes ao buscar apreender e descrever a inovação na prática avaliativa de alunos do Ensino Superior, reflete sobre o processo de implantação do portfólio como recurso favorecedor de aprendizagem significativa e de uma prática pedagógica reflexiva de professores em processo de formação.

Dentro dessa ótica, de acordo com Villas Boas (2004), o portfólio permitiria um processo avaliativo dinâmico, pois, por ser uma produção original do aluno, permite um acompanhamento processual, possuindo inclusive um aspecto auto avaliativo, haja vista ser o próprio aluno que seleciona, compila e organiza as melhores amostras de seu trabalho para incluí-las em seu portfólio.

Existe também, na bibliografia sobre o tema, a discussão que propõe o uso de portfólios não somente em disciplinas pedagógicas na Universidade, como seria mais comum, mas estender o seu uso para a Educação Básica, da Educação Infantil ao Ensino Médio. No geral, a bibliografia aponta justamente para as possibilidades avaliativas em processo e não pontuais (como as tradicionais “provas”).

Shores e Grace (2001), no que diz respeito à Educação Infantil, afirmam que os portfólios feitos por crianças podem estimular nelas a habilidade de, desde cedo, construir hipóteses, argumentar e registrar sistematicamente

sua aprendizagem. Para Frison (2008), o uso do portfólio na Educação Infantil permite uma aprendizagem significativa, pois a criança é estimulada a pensar sobre suas experiências diárias na escola e fora dela, tornando-se mais ativas, interessadas e comprometidas com sua aprendizagem, num processo de autoconhecimento.

Cerminaro (2013) enxerga as potencialidades do uso de portfólios como forma de auxiliar no próprio processo de apropriação da Língua Materna por parte dos alunos, incrementando a capacidade de expressão de ideias e da valorização da língua da forma como ela é socialmente utilizada pelos alunos em seu cotidiano, para além da “tarefa”, trazendo para a Educação Básica o desenvolvimento da reflexão crítica dos alunos sobre seu processo de aprendizagem e sua trajetória, transformando, por fim, a produção escrita como forma de expressão ao mesmo tempo prazerosa e rigorosa.

O portfólio possuiria, assim, funções semelhantes a um diário de bordo ou de um dossiê de atividades, com caráter crítico e auto reflexivo por parte de quem o produz, quer seja um professor ou um aluno. Pode perceber, ao analisar a bibliografia, que tanto os usos do portfólio quanto a discussão sobre esses usos encontram-se em aberto e parece ser uma tendência o questionamento das formas de aprendizagem e avaliação mais tradicionais, pois o uso do portfólio é acompanhado por uma percepção mais inovadora da aprendizagem e da produção do conhecimento.

3.3 Concebendo um portfólio *on-line*: produção de conhecimento e compartilhamento de informação na era da World Wide Web

Para além dos portfólios impressos ou digitais, estabeleci a internet como plataforma de apresentação do produto final desta pesquisa, ou seja, um portfólio *on-line*. Buscando fazer um levantamento sobre a possibilidade de haver iniciativas semelhantes ou aproximadas, seguindo esta mesma lógica, não descobri nada muito específico, contudo deparei-me com muitos debates sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação e dos recursos e instrumentos disponíveis na internet para a expressão, difusão e compartilhamento de ideias. Julgo ser importante discutir estes aspectos para um melhor entendimento da proposição de um portfólio *on-line*.

3.3.1 A *World Wide Web*, informação e conhecimento.

A Internet tem suas origens remontando à década de 1960³⁵. Não é meu interesse aqui apresentar uma trajetória exaustiva das origens da internet até os dias atuais, tampouco da informática em geral, mas pretendo discutir aspectos derivados da atual configuração da internet que são pertinentes à discussão aqui proposta.

A hoje difundida rede mundial de computadores que funciona na internet (*World Wide Web* ³⁶), tem em sua origem uma perspectiva de compartilhamento de conteúdo e difusão de conhecimento, claramente apontadas no chamado “Consórcio W3”, que implica em tornar os benefícios da rede, com seu potencial para a comunicação humana, o comércio e o compartilhamento de conhecimentos disponíveis a todos³⁷. Tim Berners-Lee, um dos idealizadores da *World Wide Web* e atual diretor do Consórcio W3, afirmou em entrevista à IBM que “a ideia da web como interação entre pessoas é realmente o que é a web. Para isto que ela foi projetada, para ser um espaço colaborativo onde as pessoas podem interagir”³⁸.

Com o advento da chamada “Web 2.0” ³⁹ esses aspectos colaborativos parecem ter sido potencializados. O modo de “navegar na rede” se modificou. Se antes a grande maioria do conteúdo dos *sites* se tratava de páginas estáticas de empresas e instituições com diretórios de *links* que não permitiam muita interatividade e intervenção dos usuários, com a *Web 2.0* o uso da rede tornou-se mais participativo.

Com o surgimento e popularização dos blogs e chats, das mídias sociais colaborativas e das redes sociais, o conteúdo produzido pelos próprios usuários ganhou visibilidade, tornando relativamente comum que os usuários

³⁵ Uma boa fonte on-line é o website *Aprenda Internet Sozinho Agora*, que tem em um de seus *links* uma “Breve História da Internet”. Disponível em <http://www.aisa.com.br/historia.html>. Acesso em 14/11/2016.

³⁶ Para um histórico detalhado cf. o verbete da Wikipédia “História da *World Wide Web*”, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_World_Wide_Web. Acesso em 14/11/2016.

³⁷ Cf. “Missão do W3C”, disponível em <http://www.w3c.br/Sobre/MissaoW3C>. Acesso em 14/11/2016.

³⁸ Cf. “developerWorks Interviews: Tim Berners-Lee”. Disponível em <http://www.ibm.com/developerworks/podcast/dwi/cm-int082206txt.html>. Acesso em 14/11/2016.

³⁹ O verbete da Wikipédia é bem minucioso em apresentar as características da Web 2.0. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0. Acesso em 14/11/2015.

possam gerar, organizar e disponibilizar informações de modo personalizado, interagindo com outros usuários através de comentários, avaliações e troca de dados. As ferramentas disponíveis *on-line* permitem que, de maneira muito rápida e intuitiva, um leigo possa ter um *website*.

3.3.2 Portfólios profissionais *on-line*

Se os portfólios profissionais, descritos no tópico anterior, tornaram-se, primeiramente, portfólios digitais em mídias tais como disquetes portáteis e CD-ROM's⁴⁰, haja vista que nos anos 1980 e 1990, com o avanço da informática e da computação, a troca de documentos por meio de tais suportes digitais se popularizou. A partir dessa nova configuração, em que a World Wide Web se populariza na internet em todo o mundo, passou a ser uma obrigatoriedade, para qualquer um que queira ter sucesso no mercado, a presença na rede.

Surgem assim os portfólios *on-line*. A *internet* permitiu a expansão das possibilidades de criação gráfica e artística dos portfólios, juntamente com a viabilidade de alcance muito mais ampliado de seu conteúdo. Muito embora não tenha eliminado a existência de portfólios impressos ou mesmo daqueles que combinam impresso e digital (CD-ROM ou DVD-ROM, geralmente anexos ao portfólio impresso), os portfólios *on-line* tornaram-se praticamente uma ferramenta obrigatória de divulgação e promoção⁴¹.

⁴⁰ Cf., a esse respeito "Putting Your Portfolio On CD ROM" ("Colocando seu portfólio em um CD ROM") <http://www.shutterbug.com/content/putting-your-portfolio-cd-rombrthe-technology-there-any-way-show-your-work> e "Building your cd-based portfolio" ("Construindo seu portfólio em cd") <http://creativepro.com/building-your-cd-based-portfolio/#>. Acesso em 13/11/2016.

⁴¹ Para tanto, basta conferir na própria internet a quantidade existente de portfólios *on-line* dos mais variados profissionais, havendo inclusive este novo cenário gerado uma demanda no mercado para os *webdesigners*.

Figura 71. Captura de tela mostrando um portfólio on-line de um designer gráfico.
 Fonte: <http://www.artwebrio.com/>

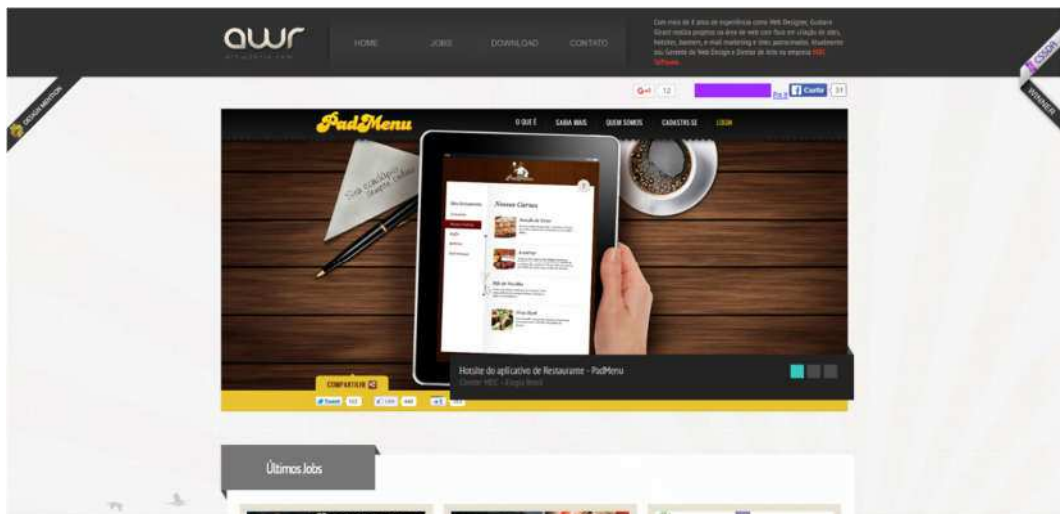
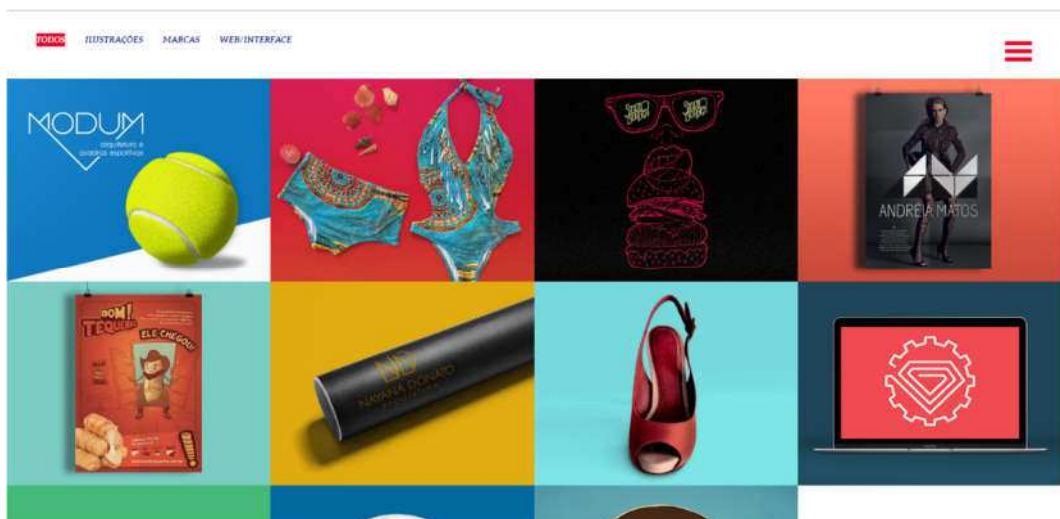


Figura 72. Outro exemplo de um portfólio on-line, de um designer.
 Fonte: <http://www.dupplamente.com/>



3.3.3 Portfólios acadêmicos *on-line*

As possibilidades abertas por uma World Wide Web mais participativa e personalizada logo chegaram até o campo educacional. Machado (2008) analisando as possibilidades de utilização das tecnologias no processo educacional, discute o uso da Internet como recurso de mediação do processo de ensino-aprendizagem, principalmente através da utilização de blogs⁴² e redes sociais⁴³. Blogs e redes sociais seriam um recurso útil para desenvolvimento de projetos de ensino e aprendizagem; produção de material didático ou educacional, sínteses de assuntos estudados, aprendizagem colaborativa e discussões em comunidades virtuais.

Roque, Pedrosa e Campos (2011) afirmam que o uso dos recursos disponíveis na Web 2.0, permitem aumentar a capacidade de comunicação e envolvimento dos alunos, estendendo as situações de aprendizagem a outros momentos e locais para além da escola, com a possibilidade de criação de redes de conhecimento, trabalho colaborativo e integração entre pais, alunos e docentes, permitindo também a troca de experiências entre escolas fisicamente distantes.

Em se tratando dos portfólios acadêmicos e escolares, a discussão a respeito de seu uso *on-line* é bastante ampla, sendo apontadas as possibilidades de seu uso para a formação de professores, para processos de ensino-aprendizagem e na pesquisa acadêmica. Um portfólio *on-line* teria as mesmas funções de um portfólio impresso, contudo com maiores potencialidades de comunicação e expressão.

O portfólio *on-line* permite fazer uso de várias linguagens, desde o verbal ao não-verbal: continua-se usando primordialmente textos, mas pode-se agregar iconografia, cores, áudio, audiovisual. A possibilidade do uso de *hyperlinks* facilita bastante esse aspecto. Além de permitir armazenar mais e variados tipos de dados do que os tradicionais portfólios impressos, os portfólios

⁴² Contração do termo inglês web log, “diário da rede” é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou *posts*.

⁴³ Aplicações da web cuja finalidade é relacionar as pessoas. Assim, as pessoas que integram uma rede social podem conectar-se entre si e criar vínculos. Elas permitem a criação de um perfil com limitações em sua acessibilidade que pode ser compartilhado ou não com quem solicite.

on-line também seriam mais flexíveis em seu gerenciamento, modificação e compartilhamento.

Seguindo a mesma lógica de um website, e possuindo a capacidade de interação dos blogs e das redes sociais, o portfólio on-line ajuda a democratizar e situar seus produtores em um contexto que demanda ao mesmo tempo o desenvolvimento da competência em informática, mas também ao estímulo ao debate, troca de opiniões. O viés crítico da elaboração de um portfólio on-line deve seguir os mesmos padrões de um portfólio tradicional. Segundo Araújo (2005), o real valor de um portfólio on-line reside na reflexão e na aprendizagem nele embutidas, não sendo apenas uma coleção de trabalhos. A autorreflexão é um importante componente em seu desenvolvimento para além de um uso puramente técnico. A correta aplicação e o processo envolvido é quem garantem a construção do conhecimento conforme se manipulam e armazenam dados no mundo virtual.

3.4 Proposta de estruturação do portfólio

A intenção de utilizar um portfólio on-line como produto final desta pesquisa segue as premissas e orientações que vêm sendo discutidas até aqui. Fiz uma fusão entre o conceito do portfólio profissional em seus aspectos de apelo visual e estético e dos aspectos crítico-reflexivos do portfólio acadêmico, definindo um terceiro modelo.

A divulgação e difusão do produto final em suporte on-line será muito mais ampla do que se permanecer restrita ao formato físico ou ainda a um documento digital armazenada em um CD ou DVD, possibilitando, conforme a lógica colaborativa da Web 2.0, que se obtenha retorno do público alvo do portfólio através de comentários e compartilhamentos. Além disso, permite que este produto não fique estático, podendo ser editado e atualizado em sua estrutura e conteúdo, incrementando-o ao longo do tempo com mais informações e dados, e adaptando-o a novos recursos que surgem constantemente no mundo virtual.

Se os portfólios profissionais têm como uma de seus aspectos principais a preocupação com a apresentação e o apelo visual, marcada pelo arrojo estético e pela originalidade, já que é um recurso para o profissional expor

seus trabalhos e habilidades, conquistando potenciais clientes, minha finalidade não é de monetização ou atração de clientes, mas como definido nos objetivos da pesquisa, encorajar e estimular outros professores a utilizarem a Literatura de Cordel com o mesmo propósito, objetivo para o qual o caráter persuasivo do portfólio profissional pode ajudar bastante, sem perder de vista o processo de reflexão crítica sobre o sujeito do conhecimento e seu processo de construção, tanto de si quando dos saberes de sua área do conhecimento que são as características do portfólio acadêmico das quais não intento abrir mão.

Entendo que tal abordagem “cruzada” para a feitura deste portfólio on-line se relaciona com o proposto por Imbernón (2001) ao afirmar que ao professor cabe, em sua prática, assumir os rumos da reflexão e da discussão tanto das situações inusitadas de sua prática quanto para a construção da representação e da valorização social da profissão no espaço público, de uma maneira coletiva e institucional, e não somente a partir de iniciativas individuais isoladas. Sendo assim, a construção dos saberes docentes na prática dependerá de um coletivo de docentes que seja capaz de articular-se para refletir e tomar decisões sobre a profissão, da formação à profissionalização.

3.4.1 O conceito

O conceito básico e inicial é elaborar um portfólio para ser divulgado on-line, apresentando a reflexão realizada na pesquisa e as atividades que envolveram a Literatura de Cordel ao longo do Mestrado, podendo ser acessado de qualquer dispositivo (computadores pessoais, notebooks, tablets e smartphones) que possua um navegador com acesso à internet.

O projeto gráfico fará referência ao universo iconográfico da Literatura de Cordel, contudo sem uma interface visual muito carregada, com essas referências aparecendo de maneira sutil, privilegiando a navegabilidade, a legibilidade e a usabilidade do portfólio, em um estilo mais leve e minimalista. Com este conceito visual geral do portfólio, quero transmitir uma ideia de criatividade, dinamismo e alegria, sem o caráter mais circunspeto que talvez seja esperado de um portfólio acadêmico.

Muito embora voltado para a área educacional, o público alvo do portfólio on-line será muito variado, sendo difícil uma definição mais específica.

Mas de uma maneira geral as pessoas que devem ser atingidas são aquelas interessadas em desenvolver atividades culturais criativas com o uso da Literatura de Cordel em situações escolares e não-escolares.

3.4.2 Conteúdo e estrutura

O desenvolvimento do portfólio foi feito na plataforma *WordPress.com*. Entre as várias opções existentes, optei por ela devido a alguns fatores: em primeiro lugar, pela sua popularidade como ferramenta de criação de websites. Em segundo lugar, pelo caráter intuitivo e versátil de sua área de trabalho, que permite a uma pessoa com conhecimento mínimo de informática construir um website. Em terceiro, pelo fato de que não é necessário possuir uma hospedagem e domínio próprio para utilizá-la imediatamente. No *WordPress.com* é possível construir um website utilizando um subdomínio fornecido pelo WordPress (*seusite.WordPress.com*).

Por fim aponto, como mais um motivo para escolha da plataforma, a minha intenção de, a médio prazo, realizar a migração para a plataforma *WordPress.org*, pois embora seja semelhante em uso, permite uma maior margem de personalização e edição. Vale observar que não fiz o portfólio on-line diretamente na plataforma *WordPress.org* pois ela exige um pouco mais de conhecimentos em informática (como costume dizer, sou leiga).

Após criar uma conta na plataforma *WordPress.com*, procedi à criação do portfólio. Primeiramente, é exigido que seja informado um nome que gera o endereço on-line. Como precisava de um nome interessante e divertido, seguindo o conceito proposto, batizei o portfólio de “Caldo Grosso”, em referência ao comentário feito pela Prof.^a Andréa quando, ainda na disciplina Ensino e TICS, comuniquei a ela que trabalharíamos com Literatura de Cordel, conforme mencionado no capítulo anterior. Dessa maneira, o endereço do portfólio on-line ficou assim definido: <https://caldogrosso.wordpress.com/>.

O próximo passo foi a escolha do modelo para o portfólio, mais corriqueiramente chamado pela palavra inglesa *template*⁴⁴. Entre as várias

⁴⁴ Vale observar que no jargão dos usuários da *internet*, é muito comum a presença de anglicismos e empréstimos linguísticos como este.

opções, algumas mais clássicas e outras mais excêntricas, busquei um modelo que tivesse um visual mais limpo e moderno. Optei pelo modelo intitulado “Sela”.

A partir desse modelo, iniciei o processo de construção do portfólio, que tem como estrutura geral uma identidade visual unificada que se repetirá ao longo de todas as páginas, em seu cabeçalho. Para tanto, criamos um cabeçalho, que consiste em uma imagem PNG⁴⁵, criada no ambiente do software gratuito de edição de imagem Microsoft Expression Design. A imagem possui o fundo transparente e as famílias tipográficas usadas foram *Booklet Cordel* para o título do portfólio e *New Express Eroded* para o subtítulo, pois, como complemento ao título “Caldo Grosso”, acrescentei o complemento “A Literatura de Cordel no Ensino”, para situar melhor os futuros visitantes. Fiz o uso destas fontes porque elas fazem alusão à estética da Literatura de Cordel. Ambas, ao apresentar as ranhuras e falhas de impressão, procuram simular o efeito de impressão típico das xilogravuras. As fontes foram criadas pelo ilustrador e cartunista paraibano Galdino Otten, estão disponíveis para download e uso pessoal em seu website⁴⁶.

O modelo escolhido apresenta um menu principal de navegação na parte superior, que permite facilmente o acesso a todas as seções principais. A página inicial é estática, com uma mensagem de boas-vindas situando de maneira breve o visitante na proposta e nos objetivos do portfólio, estimulando-o à navegação pelas páginas. Para o plano de fundo dessa página inicial, utilizei uma digitalização do tecido de chita florido que foi usado ao longo de todo o projeto “*Do folheto ao livro digital*” na composição dos stands e mesas. Por estar bastante associado às atividades do projeto, acredito servir como uma boa referência estética.

⁴⁵ PNG é a sigla para Portable Network Graphics, um formato de dados utilizado para imagens, que surgiu em 1996. Esse formato livre é recomendado pela W3C, tem uma maior gama de profundidade de cores, alta compressão (regulável), permitindo comprimir as imagens sem perda de qualidade e retirar o fundo de imagens com o uso do canal alfa. Por isso é um formato válido para imagens que precisam manter 100% da qualidade para reuso. Com exceção das fotografias inseridas no portfólio, todas as imagens criadas para ele são no formato PNG. Para maiores informações cf. “PNG”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/PNG>. Acesso em 19/11/2016.

⁴⁶ Cf. “Booklet Cordel”. Disponível em: <http://galdinootten.com/?p=584> e “New Press Eroded”. Disponível em: <http://galdinootten.com/?p=942>. Acesso em 18/11/2016.

Figura 73. O modelo Sela, da plataforma WordPress.com, escolhido para criar o portfólio on-line.

Fonte: <https://br.wordpress.com/themes/sela/>

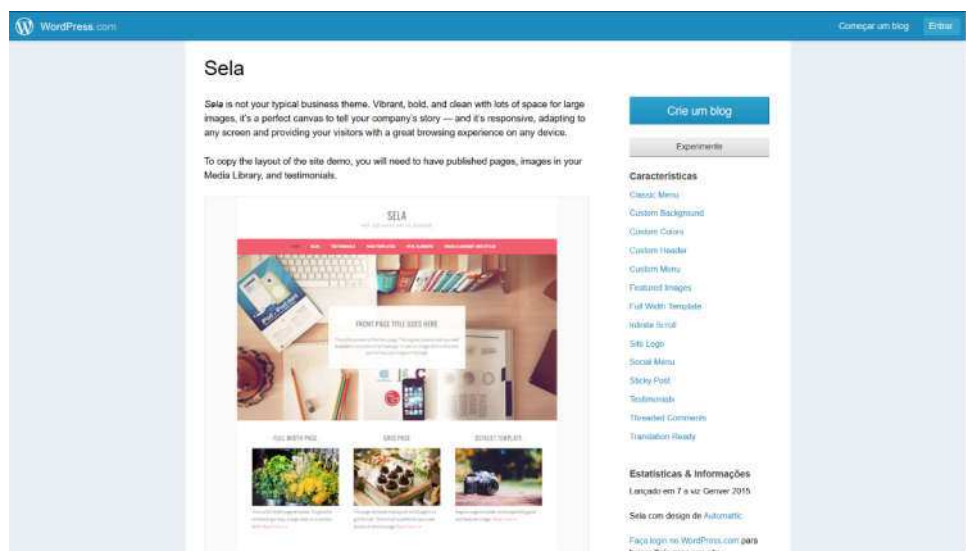


Figura 74. Cabeçalho do portfólio.

Caldo Grosso
a Literatura de Cordel no Ensino

Figura 75. Captura de tela da página inicial do portfólio, com o cabeçalho e a mensagem de boas-vindas.

Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/>



No topo de cada página do portfólio on-line há um *banner* que compõe um cabeçalho, também seguindo a proposta estética vinculada à Literatura de Cordel. Foi produzido no software Microsoft Expression Design utilizando a família tipográfica *Ochent Silibrina*, também de Galdino Otten⁴⁷, uma fonte do tipo *dingbat*, que, ao invés de letras, possuem desenhos de variados temas. Neste caso, a *Ochent Silibrina* apresenta desenhos que se assemelham a xilogravuras. Inseri sete caracteres que ajudaram a compor a imagética da Literatura de Cordel no portfólio. As páginas do portfólio, listadas nesta ordem no menu principal de navegação são as seguintes:

- “A proposta”: Uma página de apresentação da proposta, contendo um *histórico* de todo o caminho trilhado desde o início da pesquisa e o conceito do portfólio on-line.
- “A professora”: Uma página contendo uma breve descrição de minha *trajetória* docente, focando principalmente nos aspectos voltados para a produção textual em sala de aula que contribuíram para o desenvolvimento das atividades com Literatura de Cordel que resultaram no portfólio.
- “Portfólio”: Uma página apresentando as oficinas realizadas durante a pesquisa, disponibilizando aos interessados os passos para a confecção dos versos de cordel, das xilogravuras, da editoração eletrônica do livro digital e seu resultado final:
 - Na página “Portfólio”, há quatro subpáginas, cada uma abordando os quatro passos mencionados no tópico anterior. Cada *link* para as páginas, além de possuir o título e um breve resumo do conteúdo da página, possui uma imagem relacionada à atividade ali descrita. Para isso, faço uso das reproduções de quatro xilogravuras do xilógrafo José Lourenço Gonzaga⁴⁸ disponíveis na Coleção de Xilogravuras do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. O link da página “Oficina de Escrita” é ilustrado com a reprodução da xilogravura “O poeta

⁴⁷ Cf. “Ochent Silibrina”. Disponível em: <http://galdinootten.com/?p=745>. Acesso em 18/11/2016.

⁴⁸ As quatro xilogravuras reproduzidas datam de 1992 e possuem, originalmente, 9,4x8,7 cm. Para uma excelente biografia deste artista, cf. “O sentimento na madeira”. Disponível em: <http://caririrevista.com.br/o-sentimento-na-madeira/>. Acesso em 19/11/2016.

escrevendo”⁴⁹. Já o link da página “Oficina de Xilogravura” é ilustrado com a reprodução da xilogravura “Cortando xilo”,⁵⁰ enquanto o da página “Oficina de Editoração” apresenta uma reprodução da xilogravura “Acabamento”⁵¹. Por fim, o último *link*, “Resultado Final”, é ilustrado com uma reprodução da xilogravura “Vendedor na Lira”⁵².

- As referidas subpáginas apresentam, em seu topo, as xilogravuras acima descritas como “imagem destacada”. As três primeiras subpáginas descrevem, na forma de tópicos e fazendo uso de *links* de vídeos e imagens dos alunos, o passo a passo da execução das atividades vinculadas ao projeto “*Do folheto ao livro digital*”. A última subpágina apresenta o livro digital carregado na plataforma ISSUU.

- “Repercussão”: trata-se de uma página apresentando a repercussão das atividades desenvolvidas (em eventos e na imprensa).

- “Depoimentos”: uma página com depoimentos dos envolvidos nas etapas da pesquisa e mais especificamente com as atividades voltadas para Literatura de Cordel. Esta é a única página no portfólio que não ainda não possui conteúdo, pois estou em processo de colher os depoimentos, para atualizá-la em curto prazo. No momento, inclui uma mensagem para os futuros visitantes até que a página seja atualizada. Como não poderia deixar de ser, fizemos uso dos versos do cordel para tal.

- “Recursos”: página com recursos, materiais de apoio e links externos relacionados à proposta do portfólio.

- “Contato”: página com formulário de contato com um link para envio de mensagens daqueles interessados em trocar informações, ideias e opiniões. Esta será um meio importante de comunicação com o público alvo do portfólio.

⁴⁹ Cf. “O poeta escrevendo”. Disponível em: <http://www.mauc.ufc.br/acervo/xilo/imagens/gde/XL1169.jpg>. Acesso em 19/11/2016.

⁵⁰ Cf. “Cortando xilo”. Disponível em: <http://www.mauc.ufc.br/acervo/xilo/imagens/gde/XL1170.jpg>. Acesso em 19/11/2016.

⁵¹ Cf. “Acabamento”. Disponível em: <http://www.mauc.ufc.br/acervo/xilo/imagens/gde/XL1175.jpg>. Acesso em 19/11/2016.

⁵² Cf. “Vendedor na Lira”. Disponível em: <http://www.mauc.ufc.br/acervo/xilo/imagens/gde/XL1178.jpg>. Acesso em 19/11/2016.

Figura 76. Página “A Proposta”.

Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/aproposta/>



Figura 77. Página “A Professora”.

Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/aprofessora/>



Figura 79. Página “Portfólio”.

Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/portfolio-2/>



Figura 78. A parte inferior da página “Portfólio”, com os *links* para as subpáginas descrevendo as oficinas.

Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/portfolio-2/>

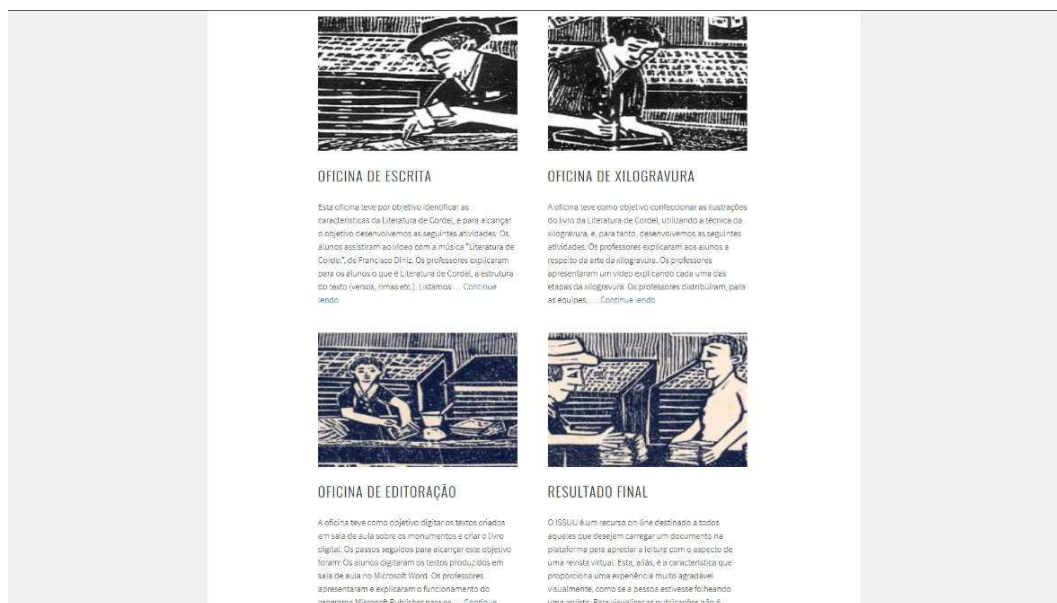


Figura 80. A subpágina do portfólio, “Oficina de Escrita”.

Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/portfolio-2/oficina-de-escrita/>

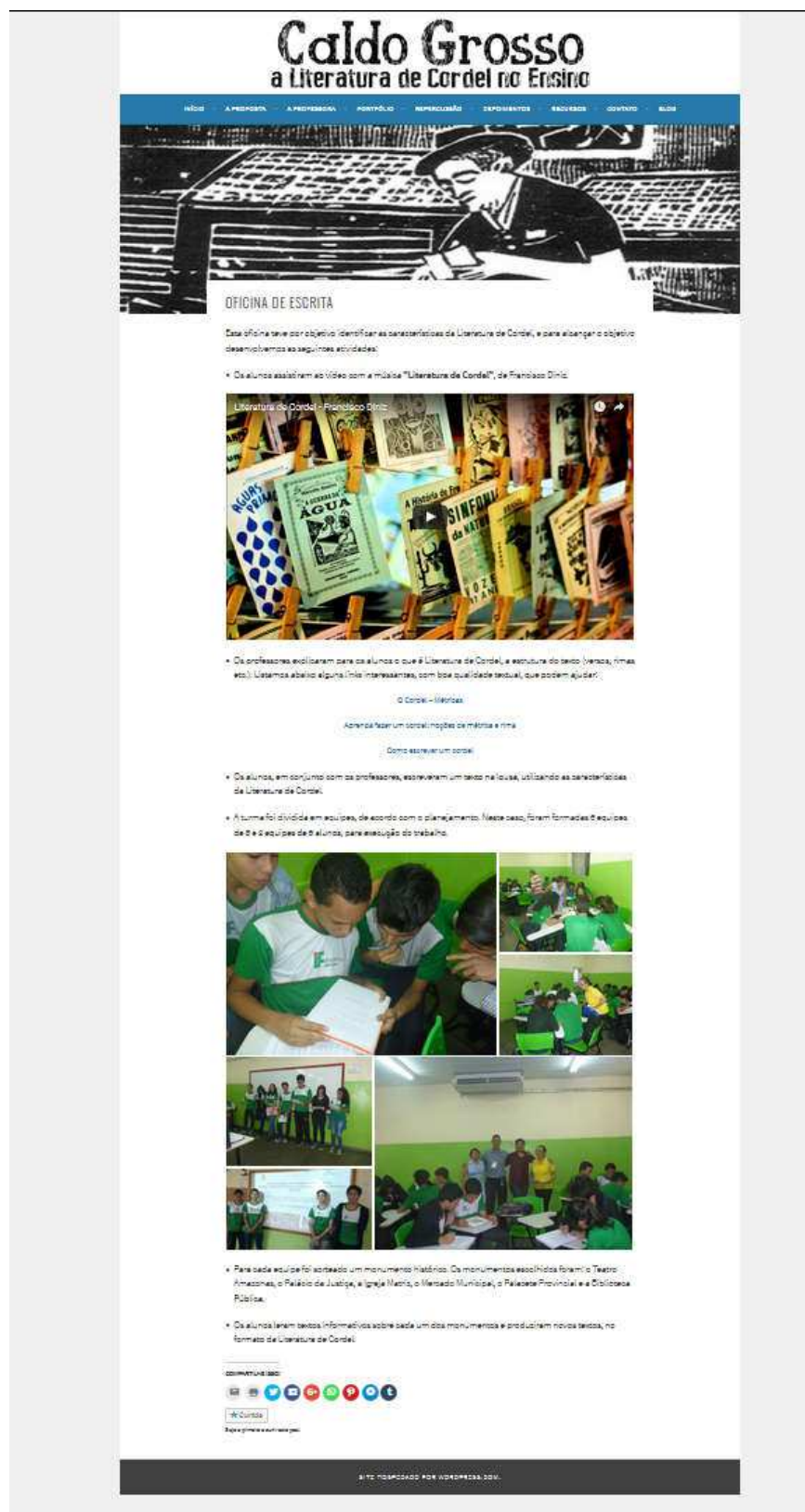


Figura 81. A subpágina do portfólio, “Oficina de Xilogravura”.
 Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/portfolio-2/oficina-de-xilogravura/>



Figura 82. A subpágina “Oficina de Editoração”.

Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/portfolio-2/oficina-de-editoracao/>



Figura 83. A subpágina “Resultado Final”.

Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/portfolio-2/resultado-final/>



Figuras 84, 85, 86 e 87. A página “Repercussão”.
 Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/repercussao/>



Participação no InovaEduca 3.0

O projeto também foi escolhido, pelo Instituto Inova Educa, como um dos cinquenta projetos mais inovadores do Brasil, sendo convidado a expor os seus resultados através de um banner no exposto no foyer do Auditório Principal no MIS – Museu da Imagem e do Som de São Paulo dentro da programação do III Congresso InovaEduca, em novembro de 2015.



12ª Feira de Tecnologia do Amazonas

O projeto montou stand neste evento, ocorrido em novembro de 2015 no Centro de Convenções Vasco Vasques.



I CONCEPT/IFAM

Os alunos participantes do projeto se apresentaram na abertura do I Congresso de Ciência, Educação e Pesquisa Tecnológica, ocorrido em novembro de 2016 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM/CMO.



Jornal do Amazonas – REDE AMAZÔNICA

A equipe de professores e alunos envolvida no projeto foi convidada para, nos dias 17 e 21 de outubro de 2016, conceder entrevistas e apresentar-se para a equipe jornalística da Rede Amazônica, que realizou as filmagens para a reportagem que viria a ser veiculada no Jornal do Amazonas no dia 24 de outubro de 2016, comemorando os 347 anos da cidade de Manaus. Os alunos que participaram do projeto concederam entrevistas e foram recitar os cordéis em frente aos seus respectivos monumentos.

CLIQUE NA IMAGEM ABAIXO PARA ASSISTIR A MATÉRIA:



Jornal ACRÍTICA

No dia 06 de outubro os professores e alunos envolvidos no projeto reuniram-se para receber a equipe do Jornal Acrítica que fez fotos, vídeos e colheu entrevistas dos participantes para uma matéria que veio a ser publicada em duas páginas inteiras no Caderno Cidades do referido jornal, no dia 31 de outubro de 2016.

CLIQUE NA IMAGEM ABAIXO PARA ACESSAR A MATÉRIA:



COMPARTILHE ISSO:



★ Curtida

Seja o primeiro a curtir este post.

Figura 88. A página “Depoimentos”, ainda sem conteúdo.
 Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/depoimentos/>



Figura 89. Página “Recursos”.
 Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/recursos/>

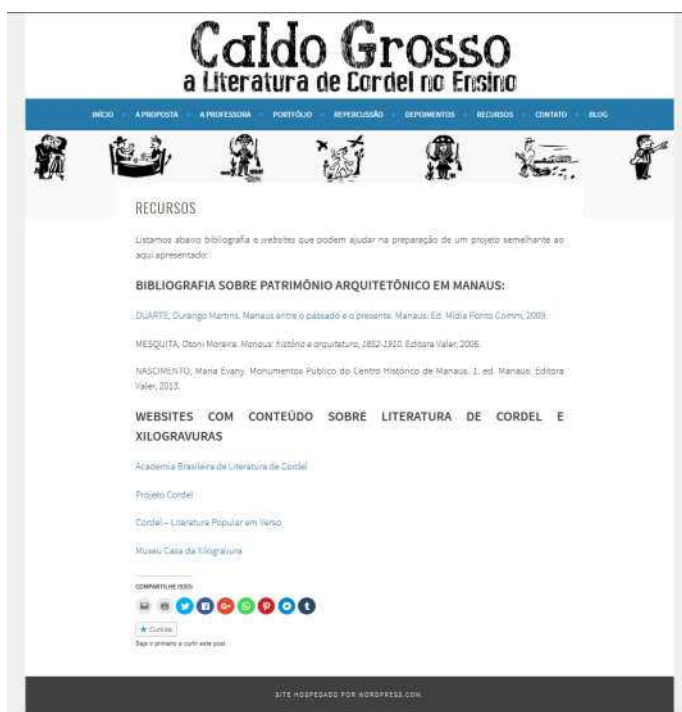


Figura 90. Página “Contato”.
Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/contato/>

Caldo Grosso
a Literatura de Cordel no Ensino

INÍCIO - A PROPOSTA - A PROFESSORA - PORTFÓLIO - REPERCUSSÃO - DEPOIMENTOS - RECURSOS - CONTATO - BLOG

CONTATO

Nome (obrigatório)

Email (obrigatório)

Endereço na Web

Deixe seu recado! (obrigatório)

ENVIAR »

SITE HOSPEDADO POR WORDPRESS.COM.

- “Blog”: Não se trata especificamente de uma página, mas de um blog a ser alimentado com postagens periódicas contendo reflexões críticas, notícias, relatos de experiências e opiniões relacionadas à temática do portfólio, inicialmente redigidas por mim. A inclusão deste recurso, como parte do portfólio, deve-se à sua versatilidade de comunicação e atualização, podendo ter postagens de tamanho curto a médio, podendo ser escritas por um número variável de pessoas que futuramente possam ser agregadas à proposta. A possibilidade de os visitantes poderem interagir com comentários, compartilhamentos e links é outro atributo importante, assim como a possibilidade de os visitantes “seguirem” o blog, recebendo em suas contas de e-mail avisos com as atualizações que ocorrem no blog, e de eu mesma seguir outros blogs que se relacionem com a proposta do portfólio, se mostram como modos interessantes de divulgar o portfólio. Como primeira postagem, apresento um breve excerto desta dissertação, que intitulei como “Cordel em sala de aula: criatividade e autonomia”.

Figura 91. O blog agregado ao portfólio e sua primeira postagem.
 Fonte: <https://caldogrosso.wordpress.com/blog/>

Caldo Grosso
a Literatura de Cordel no Ensino

HOME | A PROPOSTA | A PROPOSTA | PORTFÓLIO | IMPRESSÃO | SEPARAÇÃO | RESUMO | ADVERT | BLOG

22 de novembro de 2024
22 de novembro de 2024

CORDEL EM SALA DE AULA: CRIATIVIDADE E AUTONOMIA

Durante minha trajetória no magistério, percebi que os alunos, em geral, têm dificuldades de expressar suas ideias por meio da palavra escrita. Na maioria das vezes, para eles, escrever é uma atividade lenta e até mesmo angustiante. Primeiro, porque eles não possuem o hábito de escrever. Segundo, porque não são oferecidas oportunidades que possibilitem o acesso a diversos gêneros textuais.

Além de escreverem pouco, quando escrevem, geralmente seguem modelos preestabelecidos, com o objetivo apenas de escrever para a prova do vestibular ou para receber uma nota atribuída pelo professor de Língua Portuguesa. Isso faz com que os alunos não se tornem autores de seus próprios textos.

O tipo de texto mais utilizado na sala de aula é sempre "fale sobre". Os temas, geralmente são os mesmos todos anos: suas férias, sua família, seu cachorro. Onde estão os textos dos mais diversos gêneros e funções? Queremos que os alunos conheçam o Cordel (2001) crítica as apostilas, utilizadas por várias escolas, por trazerem conteúdos resumidos, textos demasiadamente limitados, pouco críticos e, às vezes, inadequados ou equivocados. Em vez de ajudarem a expandir, limitam o conhecimento.

A produção textual em sala de aula é uma atividade que visa minimizar estas limitações. Porém, só é possível a partir de uma metodologia que priorize o planejamento de ações motivadoras e ultrapasse as barreiras que impedem uma produção textual criativa e autônoma.

O projeto desenvolvido e apresentado neste portfólio online teve por objetivo despertar o interesse dos alunos pela leitura e escrita em língua portuguesa. Como motivação para alcançar este meta, desenvolvemos uma proposta interdisciplinar reunindo professores de Língua Portuguesa, História e Geografia que atuam numa abordagem baseada em projetos. O projeto consistia na criação, pelos alunos, de um livro digital contando a história dos principais monumentos históricos da Cidade de Manaus utilizando a literatura de cordel.

O cordel foi escolhido por tratar-se de um gênero (também popular, de fácil compreensão e elaboração, rica musicalidade que apela a criatividade. Características adequadas para o trabalho com alunos do Ensino Médio profissionalizante, com média de idade de 16 anos que foi o nosso público alvo. Embora o cordel seja uma produção em formato de folheto, a equipe decidiu um livro digital, pois a turma de alunos possuía ao curso técnico de Informática e com este projeto tiveram mais uma oportunidade de exercitar suas habilidades nessa área profissional. Por isso, a presente proposta nasceu da necessidade de se discutir como desenvolver um projeto de produção textual no Ensino Técnico que busque superar a ideia de que produzir texto em sala de aula é apenas fazer "redações" (entendidas geralmente como textos dissertativos), com o objetivo de ensinar para a Universidade, achando que esta é a única forma de escrita a ser trabalhada na escola.

Paralelamente, desenvolvemos um projeto de críticas de leitura e escrita que visa estimular a criatividade e a possibilidade de os alunos se engajarem como autores de suas produções textuais em sala de aula. A Literatura de Cordel foi escolhida, dentre tantos gêneros, devido às suas características peculiares, tais como a espontaneidade, a fácil compreensão da leitura, a forma poética e a musicalidade. Sua utilização em sala de aula pode ser um caminho para incentivar nos alunos, o interesse pela leitura e produção textual, justamente por ser caracterizada pelos ritmos de oralidade, retratando fatos do cotidiano sociopolítico, econômico, cultural, religioso, educativo.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Ugo. A Crítica da leitura na escola – S. M. BRANCO, Helena R. Gênero do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2001, p. 9-15. (Coleção Aprender a trabalhar com Textos, v. 5)

SEU LOGOTIPO POR WORDPRESS.COM

Acredito que a estrutura desenvolvida para o portfólio on-line como produto final desta dissertação atingiu, de maneira geral, seus principais objetivos, no caso, aliar o apelo visual de um portfólio profissional com a abordagem crítica de um portfólio acadêmico. Não hesito em dizer que, na forma como este produto se apresenta hoje – ainda com suas seções e páginas um tanto modestas, demandando mais conteúdo – residem tanto sua fraqueza como sua força. Afirmo isso pois o sucesso desse produto será determinado pelo trabalho e tempo nele investido após a conclusão desta pesquisa.

Se visto apenas como uma exigência para a aprovação final no Mestrado, pode muito bem terminar abandonado, desatualizado, caindo no esquecimento. Estou ciente dessa possibilidade, mas como aponte, se há uma fraqueza, há também uma força. Se usado da maneira adequada, pode ser um recurso importante para gerar iniciativas inovadoras, agregando novos projetos, diferentes parcerias, incrementando a proposta inicial. As possibilidades de atualização de sua estrutura e incremento de seu conteúdo, com o passar do tempo, para que permaneça atrativo para futuros interessados é a principal vantagem de este portfólio apresentar-se num suporte on-line. No cais do conhecimento, o produto final está prestes a ganhar o mar aberto. “No barco então adentro / E o rio eu vou descendo / Imbricada em devaneios / Embrionários e pioneiros”.

**Considerações para
continuar a caminhada**



Quando meu orientador falou que eu ia narrar minhas memórias e vivências no magistério, e evidenciar como utilizei a Literatura de cordel no meu cotidiano em sala de aula, senti um misto de alegria e medo. Alegria porque as pessoas que conhecem e acompanham o meu trabalho, em sala de aula, sempre dizem: você precisa escrever e divulgar tudo isso. Você tem muita coisa guardada, você faz um trabalho diferenciado, todo esse material não pode ficar encaixotado, se você publicar, quem sabe, outros professores se interessem e também mudem suas práticas em sala de aula? Era chegada a oportunidade de poder atender a estes apelos e também dar um sentido a muitas coisas que estavam guardadas dentro de pastas, caixas e envelopes.

Mas também senti medo, pois um dia li uma frase em um livro de memórias que dizia: “mais difícil que falar dos outros é falar de si mesmo”. Pensei: como irei narrar, em uma dissertação de mestrado, os fatos pitorescos, tristes, engraçados, desafiadores, complicados e alegres de uma caminhada de mais de quarenta anos? E se alguém perguntar: isso é científico? E se eu não der conta? E se eu decepcionar meu orientador? No meio desse turbilhão de indagações, reporteime para a primeira disciplina cursada no mestrado, quando resenhei o livro *Formação Docente Profissional: formar-se pela mudança e incerteza*, de Francisco Imbernón.

Neste livro o autor aponta uma urgente necessidade de redefinir a formação do professor. Mostra que é necessária uma mudança radical, tanto nas instituições educacionais quanto na atuação do professor. Sugere que o profissional da educação abandone práticas obsoletas de transmissão de conhecimentos acadêmicos, pois tais práticas não servem mais para a educação de cidadãos que vivem, hoje, em uma sociedade intercultural, democrática, plural, integradora e com um enorme potencial de transmissão do conhecimento. O autor, pondera que é imprescindível renovar a instituição educacional e inovar a prática docente, e para isso é necessário que o professor assuma novas competências profissionais (IMBERNÓN, 2006, p.12).

Foi refletindo sobre o que diz Imbernón e sobre as cobranças que me fazem os amigos, colegas de profissão, eternos alunos, atuais alunos, esposo e filhos, que resolvi aceitar o desafio. Já que eu ia narrar as minhas vivências e compilá-las em um texto científico, tinha que encontrar um referencial teórico

para legitimar a minha pesquisa. Encontrei uma grande quantidade de autores que, preocupados em dar vida e voz a professores, investigaram sobre essa temática. Foi transitando pelas teorias que me deparei com o livro de Marie-Christine Josso, *Experiências de vida e formação*. A autora chama atenção para os relatos de experiências de professores sobre suas vidas, suas vivências e suas práticas no decorrer da atuação docente.

Percebi que as pesquisas referentes às histórias, trajetórias e vivências vêm se fortalecendo. Antônio Nóvoa, no prefácio do livro de Josso (2004), menciona que está havendo uma desestruturação das instituições tradicionais e vem surgindo, por campos diversos, tendo em vista a diversidade de abordagens e a ampliação de temáticas voltadas para a escrita de narrativas de professores como ação heurística, unindo história de vida e educação. Fui deixando o medo e enchendo-me de coragem, como dizia o poema da aula inaugural recitado pelo Prof. Amarildo.

Comecei a escrever sobre minha trajetória, vivências e memórias e quando percebi já tinha escrito sessenta páginas e ainda tinha muita coisa para escrever. Mas tinha que focar na Literatura de cordel, afinal, tinha que dar uma resposta ao problema desta pesquisa. Tinha que mostrar como é possível narrar vivências de uma professora que utiliza a Literatura de Cordel no ensino, para efeito de encorajamento de outros professores a utilizarem-na com o mesmo propósito? Mas se eu, a pouco, disse que estava com medo, como poderia encorajar outras pessoas? Eu precisava de mais coragem, de garra e entusiasmo.

Lembrei novamente Imbernón (2006) quando diz que o professor tem um conhecimento específico capaz de promover inovação e mudança de forma crítica criativa e dinâmica, pois o professor é um agente cultural, social e curricular capaz de elaborar e desenvolver projetos junto com outros colegas valorizando o coletivo, tendo compromisso ético e moral compartilhando as experiências adquiridas ao longo da vida. Diante disso, descrevi, no segundo capítulo, um episódio em que utilizo a Literatura de Cordel, na condição de estudante, na formação continuada, isto é, na segunda disciplina do mestrado, EeTICS.

Foi uma experiência que abriu caminho para a realização de uma experiência de autonomia profissional compartilhada. Um grupo de quatro professores conseguiram reunir, em uma atividade coletiva, tudo aquilo que Imbernón menciona acima, no que diz respeito à atitude do professor como ser cultural, social, dinâmico capaz de desenvolver projetos, valorizar a interação, a convivência com os pares, e com toda comunidade educacional. Formamos um grupo para trabalhar a Literatura de Cordel com a finalidade de aguçar o interesse pela leitura e produção textual. Mas conseguimos muito mais que isto.

O projeto *Do folheto ao livro digital: conhecendo os principais monumentos da cidade de Manaus* foi desenvolvido por meio de oficinas, numa abordagem interdisciplinar, envolvendo, a princípio, professores de Língua Portuguesa, História e Geografia. Digo a princípio porque em menos de duas semanas, muitas pessoas foram se juntando ao grupo para dar suas contribuições. Houve uma grande mobilização por parte de professores, alunos, gerentes, diretores e funcionários. Durante a realização das oficinas, havia uma sintonia na realização das atividades. Lembro a nossa frase quando encontrávamos a professora Andréa, responsável pela disciplina, “está todo mundo alinhado”. E ela dizia: “a escola está diferente, está com vida”. A palavra vida era perfeita, pois a Literatura de cordel é um recurso rico em poesia, ritmo, rimas, musicalidade, cores, alegria. Todas estas características dão vivacidade tanto para quem está envolvido com a Literatura, quanto para o ambiente. Era assim que o grupo estava se sentindo, vivo, alegre e autônomo.

Já não era apenas uma atividade para estimular a leitura e a escrita na sala de aula, era uma oportunidade de promover o debate sobre a realidade da escola e da sociedade, desenvolver o senso crítico e valorizar a interação. Nesse momento, eu não tinha mais medo, somente alegria. E a alegria foi contagiando professores de outras disciplinas, diretores e outros alunos. E assim foram se juntando ao Grupo do Cordel o professor de artes, a professora de música, o técnico de som, o diretor do laboratório de áudio e vídeo, o professor responsável pelos laboratórios de informática, os alunos de expressão vocal, os de dança folclórica. Com a ajuda de todos estes colaboradores, ficou mais fácil prosseguir com o desenvolvimento do projeto.

Partimos para a última etapa do projeto que era escrever a história dos monumentos históricos da cidade de Manaus por meio da Literatura de Cordel e transformar os cordéis em um livro digital. Os alunos foram para o laboratório de Informática e com suas habilidades realizaram a digitação, edição e ilustração do livro. Para as ilustrações eles utilizaram um recurso que deixou as imagens muito semelhantes às xilogravuras feitas em madeira ou isopor. A cada folheto digital pronto, sentíamos alegria, pois não se tratava de uma simples tarefa para receber uma nota, mas de um trabalho sem o menor vestígio de imposição.

Preparamos um vídeo com todas as atividades desenvolvidas e apresentamos no dia do encerramento das disciplinas. Na plateia estavam, como convidados especiais, todos os nossos colaboradores prestigiando um trabalho no qual eles eram os protagonistas. No final das apresentações das atividades desenvolvidas na disciplina EeTICS, recebemos a notícia que o projeto Do folheto ao livro digital ia se transformar em um capítulo de livro. Em seguida o nosso projeto foi escolhido como um dos projetos mais inovadores do Brasil, pelo Instituto InovaEduca 3.0 e escolhido para ser apresentado, por meio de um banner, em São Paulo. Em seguida, fizemos a abertura do I Congresso de Educação, Ciência e Tecnologia do IFAM- CMC, A abertura da I Semana da Construção Civil, IFAM-CMC, participamos da XII Feira de Tecnologia Do Amazonas, participamos de uma roda de conversa sobre como utilizar a Literatura de Cordel no ensino, No Campus Manaus Zona Leste, participamos da reportagem sobre o aniversário de 347 anos da cidade de Manaus no Jornal do Amazonas, ganhamos uma matéria em página dupla no caderno CIDADES do Jornal A Crítica e recentemente apresentei um artigo no II Seminário Internacional e Cultura na Amazônia, intitulado Trajetória, Vivências, Memória: um olhar sensível para o ensino.

Com a repercussão do trabalho, percebi que os objetivos específicos que nortearam a escrita dos dois primeiros capítulos, desta pesquisa, haviam sido atingidos. Mas tudo que foi realizado de forma científica, pedagógica e cultural precisava ser compartilhado e divulgado. Não podia se encerrar apenas em um texto encadernado em uma capa dura verde. Como se trata de uma pesquisa realizada em um Mestrado Profissional de Ensino Tecnológico, é

necessário o produto da pesquisa. E novamente, no corredor do CMC. Surge a Professora Andréa, com sua alegria contagiante, e pergunta: já tem o produto? Que tal um portfólio digital on-line para divulgar todo esse sucesso do cordel? Foi a minha vez de coçar o queixo e dizer: isso dá caldo grosso!

Por isso o terceiro capítulo trouxe a elaboração, execução e divulgação de um portfólio digital on-line, Caldo Grosso, o qual será utilizado para mostrar que é possível utilizar a Literatura de Cordel como contribuição para o ensino e para a compreensão de que, muitas vezes, “[...] é necessário destacar a convivência de desenvolver uma formação em que trabalhar as atitudes seja tão importante quanto o restante dos conteúdos” (IMBERNÓN, 2006, p. 16).

Esta proposta de pesquisa de trabalhar a Literatura de cordel no ensino possibilitou um processo de execução dinâmico e encorajador que não parou e nem tem a pretensão de parar por aqui, mas de continuar a caminhada, rompendo as amarras do ensino da gramática tradicional, possibilitando, aos alunos e professores, a experiência de serem criadores e protagonistas, ao construírem seus espaços para além de um mero espectador. Consideramos, que Pesquisas, dessa natureza, que abordam trajetória de professores, como metodologia de investigação científica, sejam estimuladas, tornem-se conhecidas e tragam dados importantes para o debate referente às questões da pesquisa educacional.

Quanto a mim, não estou sentindo, agora, nem medo nem alegria, mas um profundo cansaço. Foi longo o itinerário que segui, desde a minha infância até aqui, mas diz Rubem Alves que “a Literatura é um processo de transformações alquímicas” (ALVES, 2003, p. 66). Por isso todo cansaço logo será transformado em força e energia, pela alquimia da Literatura de Cordel, e eu continuarei a caminhar.

Referências Bibliográficas



ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. Coleção Histórias de Leitura. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALVES, Daniel. **A História de Coari através da Literatura de Cordel, de Chagas Simeão**. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras). Coari: Universidade do Estado do Amazonas, 2014. Disponível em https://issuu.com/archipogoes/docs/a_historia_de_coari_atraves_da_li. Acesso em 18/09/2015.

ALVES, L. P. Portfólios como instrumentos de avaliação dos processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa G.C. e ALVES, Leonir P. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**. Joinville: Univille, 2004.

ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de Cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**, Ano 2, Volume 4, jul-dez de 2008, p. 103-109. Disponível em <http://www.seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1815>. Acesso em 13/11/2016.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 27ª ed. São Paulo: Cortez, 1993, p. 22-23.

_____. **A alegria de ensinar**. 3ª ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.

_____. “Primeira lição para os educadores”. In: _____. **Por uma educação romântica**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

_____. **Na morada das palavras**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **Aprendo porque amo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u220.shtml>. Acesso em 15/08/2016.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo; ALVES, Leonir Pessate (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville, SC: Univille, 2004.

ARAÚJO, Rosana Sarita de. Contribuições da Metodologia WebQuest no Processo de letramento dos alunos nas séries iniciais no Ensino Fundamental. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (org.). **Vivências com Aprendizagem na Internet**. Maceió: Edufal, 2005.

BARBOSA, A. S. M.; PASSOS, C. M. B.; COELHO, A. A. O cordel como recurso didático no ensino de ciências. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 6, n. 2, p. 161-168, 2011.

BARROS, Leandro Gomes de. **A vida de Cancão de Fogo e o seu testamento**. Juazeiro: José Bernardo da Silva, 1970.

BIANCHINI, Orlando; CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Nos domínios da linguagem: comunicação e expressão e elementos de educação artística (5ª e 6ª séries)**. São Paulo, Moderna, 1993.

BLIKSTEIN, P. **O mito do mau aluno e porque o Brasil pode ser o líder mundial de uma revolução educacional**. Disponível em: [http://www.blikstein.com/paulo/documents/books/Blikstein-Brazil_pode_ser_lider_mundial_em_educacao.pdf](http://www.blikstein.com/paulo/documents/books/Blikstein-Brasil_pode_ser_lider_mundial_em_educacao.pdf). Acesso em 09/09/2015.

BRANDÃO, Maylta; RÔÇAS, Giselle. Produtos finais de um mestrado profissional: um estudo de caso. **Reunião Anual da ANPEd**, v. 29, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/posteres/GT11-1962--Int.pdf>. Acesso em 15/11/2016.

BUENO, Belmira Oliveira et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 385-410, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a13v32n2.pdf>. Acesso em 18/09/2016.

CAJAIBA, Karine. A redação: gênero textual característico da escola. In: CARVALHO, Robson Santos de (Org.). **O texto na aula de língua: o que ensinamos e como avaliamos**. Campinas: Pontes Editores, 2013, v. 6, p. 17-32.

CERMINARO, Maria Cecília. **Possibilidades do uso de portfólios na aprendizagem da língua materna na escola**. São Carlos: UFSCar, 2013 (Dissertação de Mestrado em Educação).

CHIAPPINI, L. A Circulação dos textos na escola – 2. In: BRANDÃO, Helena N. **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 9-15. [Coleção Aprender e Ensinar com Textos; v. 5]

CIPRIANI, Cristian; BORTOLETO, Edivaldo José. A Tecnologia como Epistemologia da Técnica: Um Estudo a Partir de Álvaro Vieira Pinto. **Humanidades e Inovação**, v. 1, n. 2, 2015.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria & prática**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

DA SILVA, Silvio Porfírio et al. **Literatura de cordel e ensino: uma linguagem alternativa que promove a interdisciplinaridade**. UFRPE, IX JEPEX, 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS, 2008.

DE LIMA, Josenildo Maria; DE SOUSA, Jean Moises; GERMANO, UEPB Marcelo Gomes. A Literatura de Cordel como veículo de popularização da ciência: uma intervenção no ensino de Física. **Atas do VIII ENPEC**. Campinas: 2011. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0934-1.pdf>. Acesso em 15/07/2016.

DEMO, Pedro. **Educação & conhecimento – relação necessária, insuficiente e controversa**. Petrópolis: Vozes, 2001.

DE SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: História e Pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.

FISCHER, Tânia. Mestrado profissional como prática acadêmica. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, 2005, p. 24-29.

FONSÊCA Vitor Lima; FONSÊCA, Karen Sheron Bezerra. Contribuições da literatura de cordel para o ensino de cartografia. **Geografia** (Londrina), v. 17, n. 2, p. 123-132, 2009. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2357/2038>. Acesso em 23/07/2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Portfólio na educação infantil. **Ciências e Letras**, n. 43, Faculdade Porto-Alegrense de Educação, 2008, p. 213-227.

GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em prosa moderna**. 27^a ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

GERALDI, Wanderley. **O texto na sala de aula: leitura & produção**. Campinas: Assoeste, 1997.

GHEDIN, Evandro. Tendências e dimensões da formação do professor na contemporaneidade. In: **Anais do Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar**. 2009. p. 1-27. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/evandroghedinconferenciaa bertura.pdf>. Acesso em 25/08/2016.

GONZAGA, Amarildo Menezes. A formação do professor pesquisador a partir da pedagogia de projetos: uma integração possível. **Olhar de Professor**, v. 9, n. 1, p. 47-62, 2006. Disponível em <http://177.101.17.124/index.php/olhardeprofessor/article/view/1451>. Acesso em 12/05/2016.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 63-78.

GRIGOLI, Josefa Aparecida Gonçalves. Alfabetização nas décadas de 1950-1980, segundo registros de memórias: um estudo sobre as práticas pedagógicas e a presença e significado da família no período da alfabetização. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 9, n. 9/10, 2011. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewArticle/397>. Acesso em 13/11/2016.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e a Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JOSSO, Marie-Chistine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KATSURAGAWA, Tony Hiroshi et al. Endemias e epidemias na Amazônia: malária e doenças emergentes em áreas ribeirinhas do Rio Madeira. Um caso de escola. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 111-141, Dez/2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02/08/2016.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n.

117, p. 1067-1084, 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302011000400010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22/03/2015.

LINTON, Harold. **Diseño de Portfolios**. Barcelona: G. Gili, 2000.

LUFT, Celso Pedro. **Língua & liberdade: o gigolô das palavras: por uma nova concepção da língua materna**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

MACHADO, Ana Claudia Teixeira. Novas Formas de Produção de Conhecimento: utilização de ferramentas da WEB 2.0 como recurso pedagógico. **Revista Udesc Virtu@l**, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/view/1655>. Acesso em 15/11/2016.

MACHADO JR, Osmar S. A Literatura de Cordel e a influência africana. **Proseando e versando**. 28 de março de 2011. Disponível em <http://proseandoeversando.blogspot.com.br/2011/03/literatura-de-cordel-e-influencia.html>. Acesso em 24/09/2015.

MAGALHÃES, Roberto. **Palavra chama palavra**. São Paulo: Editora do Brasil, 1994. Obra em quatro volumes, para alunos de 5ª a 8ª série.

MARIANO, Juliana Camargo. **A literatura infantil e o autoritarismo no século XX: um estudo comparativo entre Ruth Rocha e José Cardoso Pires**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MARTINS, Marília. Uma coleção de artes e histórias. **Revista da Escola de Artes do Parque Lage**. Secretaria do Estado de Cultura do Rio de Janeiro, n. 1, v. 1, 2013.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. As Contribuições de Vicente Salles (1931-2013) para os estudos da Literatura de Cordel na Amazônia. **Nova Revista Amazônica**. V. 1, n. 2, Jul./Dez. 2013 / 9-26, PPG Linguagens e Saberes da Amazônia, Bragança, Pará.

MOREIRA, Marco Antônio. O mestrado (profissional) em ensino. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 1, n. 1, 2004, p. 131-142.

MORENO, Meca. Origem da Literatura de Cordel. **Interpoética**. Junho de 2007. Disponível em http://www.interpoetica.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=700&catid=0. Acesso em 21/09/2015.

MURRAY, Roseana. **Classificados poéticos**. 17ª ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1998.

NOGUEIRA, Ângela Maciel. Origens e características da Literatura de Cordel. **Universia**. Ariquemes, 2009. Disponível em: <<http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/sobrealiteraturadecordel.pdf>>. Acesso em: 24/09/2015.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento dos Recursos Humanos da Saúde, 1988.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e

profissionalização. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100017&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20/09/2016.

PAULINO, Suzana Ferreira. Livro tradicional X Livro Eletrônico: a revolução do livro ou a ruptura definitiva? **Hipertextus**, n.3, jun.2009.

PENA, Geralda Aparecida de Carvalho et al. Formação docente e aprendizagem da docência: um olhar sobre a educação profissional. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 1, p. 98-118, jan/jun. 2011.

PEÑA, Maria de los Dolores Jimenez; ALVES, Márcio Rodrigues; PEPPE, Maria Aparecida. Educação, tecnologia e humanização. **Cad Pós-Grad Educ Arte Hist Cult**, v. 3, n. 1, p. 9-19, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: _____. (Org.). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. 8ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012, p. 15-34.

POSSENTI, Sírio. **Aprender a escrever (re) escrevendo**. Campinas: IEL/Unicamp, 2005.

_____. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

RICHE, Rosa Maria Cuba. As histórias de reis e o questionamento Ideológico de Ruth Rocha. **Perspectiva**, v. 2, n. 4, p. 113-118, 1985.

ROCHA, Ruth. **Este admirável mundo louco**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.

_____. **O que os olhos não veem**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1994.

ROKOHL, Tania Ivani. **Livro digital: novo suporte, novos desafios**. Monografia do curso de Biblioteconomia, UFRGS, 2012.

ROQUE, Gianna; PEDROSA, Stella; CAMPOS, Gianna. Ferramentas 2.0 e formação de professores: desenvolvendo competências. In: **Anais do 17º Congresso Internacional de Educação à Distância**. 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/177.pdf>. Acesso em 14/11/2016.

SANTOS, Alzanira de Souza. Tendências dos saberes na formação profissional do professor: um olhar a partir do ensino tecnológico. **EDUCITEC-Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 1, n. 2, 2016. Disponível em http://200.129.168.183/ojs_mestrado01/index.php/teste/article/view/75/23. Acesso em 25/08/2016.

SCLIAR, Moacyr. Vinte e uma coisas que aprendi como escritor. In: **Blau – Jornal Bimestral de Literatura**. Porto Alegre, n. 5, 1995.

SHORES, Elizabeth; GRACE, Carthy. **Manual de Portfólio: um guia passo a passo para professor**. Artmed Editora: Porto Alegre, 2001.

SILVA, M. S.; RIBEIRO, D. M. S. Ensino de física no sertão: Literatura de cordel como ferramenta didática. **Revista Semiárido de Visu**, v. 2, p. 231-240, 2012. Disponível em <http://www.periodicos.ifsertao-pe.edu.br/index.php/revista/article/view/61>. Acesso em 20/07/2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo. Editora Ática, 1991

_____. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo. Martins Fontes, 1993.

SILVA, Minelvino Francisco. **O encontro de Cancão de Fogo com Pedro Malazarte**. São Paulo: Prelúdio, 1957.

_____. **A segunda vida de Cancão de Fogo**. São Paulo: Prelúdio, 1959.

SILVEIRA, Zuleide Simas da. Concepção de educação tecnológica no Brasil: resultado de um processo histórico. In: **VII Jornada do HISTEDBR: A organização do trabalho didático na História da Educação**, 2007. Disponível em

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/CONCEP%C7%C3O%20DE%20EDUCA%C7%C3O%20TECNOL%D3GICA%20NO%20BRASIL%20RESULTADO%20DE.pdf. Acesso em 25/08/2016.

SOARES, Jô. Ano novo, horóscopo novo. In: Revista Veja, Nº 2, São Paulo, Editora Abril, 9 de janeiro de 1991, *apud* MAGALHÃES, Roberto. **Palavra chama palavra**. 7ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1994, p. 68-69.

SOUZA, Jean Ricardo Medeiros de. **Ainda viro tua página e tombo contigo na próxima esquina**. Porto Velho: Eudfro, 2005.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 5, Jan/Fev/Mar/Abr 2000, p. 5-24.

_____. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TORRES, Sylvia Carolina Gonçalves. **Portfólio como instrumento de aprendizagem e suas implicações para a prática pedagógica reflexiva**. Campinas: PUC, 2007 (Dissertação de Mestrado em Educação Superior).

VALADARES, Jorge; GRAÇA, Margarida. **Avaliando... para melhorar a aprendizagem**. Lisboa: Plátano, 1998.

VILLAS BOAS, B. M. de F. **Portfólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico**. Campinas: Papirus, 2004.

Anexos



ANEXO A**HOMENAGEM AOS PROFESSORES DO MESTRADO – DIA DO
PROFESSOR 2015**

Alzanira de Souza Santos e Juvenal Severino Botelho

1 – AMARILDO

Começou a trabalhar cedo
É sempre comprometido
Lecionou em Parintins
O nome dele é Amarildo.

2 – JEAN

Um professor muito calmo
Dedicado ao IFAM
É um bom orientador
O nome dele é Jean.

3 – EDSON VALENTE

Ele é formado em Química
E também é bom gerente
Um professor muito amigo
É o Edson Valente.

4 – LUCILENE

Valoriza a floresta
E também o rio perene
Dedicada à docência
Esta é a Lucilene.

5 – JOÃO NETO

O professor João Neto
É um homem de valor
Conhece bem a ciência,
É ciclista e cantor.

6 – ELAINE BESSA

Preocupada com os outros
A inclusão sempre apressa
Quer acessibilidade
A professora Elaine Bessa.

7 – ANGLADA

O professor Anglada
Veio de longe e ficou
Aqui no Amazonas
Sua amizade eternizou

8 – ANA CLAUDIA

Seu nome é Ana Cláudia
Ela é muito competente
É amiga e companheira
É a História sorridente

9 – DAVI

Ele é mais do que humano
Sabe bem orientar
Fala muito em Bourdieu
Para os textos analisar

Sua agenda é lotada
Ele está aqui e ali
No caminho do mestrado
Tem a estrela de Davi

10 – ROSA

Seus alunos do mestrado
Devem ler, escrever e expor.
Com seu jeito muito meigo
Nos ensina com amor

Ela chega bem tranquila
E sempre muito charmosa
Tem um jeito paciente
Ela é a linda Rosa

11 – ANDRÉA

A professora Andréa
Nossa vida mudou
Com seu jeito muito doce
Na nuvem nos colocou

Ela é cheia de ideias
O ensino quer mudar
Usa as tecnologias
Para a escola inovar.

ANEXO B
LITERATURA DE CORDEL NA AMAZÔNIA

Juvenal Severino Botelho

Literatura de Cordel na Amazônia
É informação e cultura popular
Difundida pela editora Guajarina
Criada em 1914, no estado do Pará.

Sobre os folhetos de Cordel na Amazônia
É muito importante pesquisar
E a influência cultural nordestina
Ninguém deve desprezar.

Com a editora Guajarina
O cordel chegou a muitos lugares
Sua prazerosa e rica leitura
Era feita em feiras, mercados e lares.

Muitos assuntos eram abordados
Desde a política até o carnaval
Porém um assunto muito triste
Foi o da Segunda Guerra Mundial.

Há muitos fatos registrados
Através dessa Literatura popular
Uns bons e outros ruins
Mas sempre é importante lembrar.

São tantos trabalhos escritos
Que é impossível listar
Mas as obras de Vicente Salles
Você precisa apreciar.

Vicente Salles, folclorista e antropólogo
Deixou grande legado popular
Morreu no ano de 2013
E seu acervo está no Pará.

Além de Vicente Salles
Tantos outros estão lá
São muitos os cordelistas
No Museu da UFPA.

Tantos assuntos abordados
Formam uma enorme listagem
Mas não podemos esquecer
Dos negros e da Cabanagem.

Em toda a Amazônia brasileira
Tem o Cordel popular
De Coari a Parintins
Pendurados estão por lá.

Em Manaus tem Jorge Bandeira
Professor, diretor e cordelista
Além de tradutor e dramaturgo
É patafísico e naturista.

ANEXO C
CONVITE

Alzanira de Souza Santos

Venha assistir à defesa
Da minha dissertação
Uma fazença muito boa
Que alia tradição e inovação
Agradeço sua presença
E sua consideração

ANEXO D
UM GRANDE DIA

Juvenal Severino Botelho

Hoje é um grande dia
Parecia longe, mas logo chegou
Depois de tantas emoções
A vitória Zazá conquistou
Agora você é mestre
Que professor Amarildo orientou

Hoje estou muito alegre
Não ganhei na loteria, não
Nem recebi uma grande herança
Nem minha sogra mudou para o Japão
O motivo que tenho é outro
É a defesa de sua dissertação

ANEXO E
APRESENTAÇÃO DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO, EM 21.12.2016
O ENSINO POR MEIO DA LITERATURA DE CORDEL

Alzanira de Souza Santos

Preste atenção, minha gente
Para a história que eu vou contar
A literatura de cordel é algo de impressionar
Possui raízes tão remotas que vale a pena lembrar
Que em todos os níveis de ensino é possível trabalhar
E no Ensino Tecnológico ela veio pra ficar.

Minha missão aqui é mostrar como é possível articular
Em um mestrado profissional,
Ciência e literatura popular.
Esta pesquisa foi feita para problematizar:
Como é possível narrar as vivências da professora
Que utiliza a Literatura de Cordel para ensinar.

E também encorajar outros professores
Para com o cordel trabalhar.
Este é o objetivo que esta pesquisa pretende alcançar
Por isso utilizei o método autobiográfico para as vivências narrar
Defendido por Nóvoa, Finger e Josso
Assim tornei-me ora sujeito, ora objeto do meu próprio pesquisar.

Vale ressaltar que a pesquisa é qualitativa
Com um toque de poesia, para valorizar o cordel
E trazer para o ensino a alegria
Pois esta pesquisadora há quase 40 anos
Faz da sua sala de aula
Um lugar de educação, arte e alquimia

No primeiro capítulo estão narradas as minhas vivências
De uma infância humilde em uma modesta ilha
Onde meu irmão foi o meu primeiro aluno
E meu pai sentia enorme orgulho desta filha!
Naquele lugar calmo e singelo
A principal diversão vinha de um rádio de pilha

Naquela pequena ilha no meio do Solimões,
Ainda bem pequenina, aprendi amar o cordel
Eram muitas as histórias, aventuras e anedotas
Que saltavam daqueles pequenos folhetos de papel
Mas deixei meu paraíso, vim para Manaus
Morar no Beco da Paciência em um quartinho de aluguel

Lembro que estudei em várias escolas
Que faziam uso da palmatória
Quando eu errava a tabuada,
O bolo na mão era punição obrigatória
Mas esta não é uma boa lembrança pra se guardar na memória
Mas que deve ser narrada porque faz parte da história.

Com apenas 15 anos comecei a lecionar
Para os filhos das vizinhas e também para o Mobral
E para muita gente lá no bairro da Compensa
Depois fui para Rondônia, ainda Território Federal
Lecionei em Ariquemes, Machadinho, Porto Velho
Por último realizei um antigo sonho: lecionar no Instituto Federal
(E para completar foi aprovada no Mestrado Profissional)

No segundo capítulo, é descrito um episódio
Em que o cordel, no mestrado, entra em ação
Na disciplina obrigatória Ensino e TICs
Fazendo uma parceria entre tradição e inovação
O projeto do Cordel é um bom exemplo
De um trabalho feito com alegria e dedicação.

Um trabalho inovador, coletivo
Dinâmico, criativo e interdisciplinar
Envolvendo os alunos de Informática,
História, Geografia e Poesia Popular
Uma união mais que perfeita
Para com a leitura e a escrita trabalhar
(O desenvolvimento do projeto este capítulo vai mostrar)

Para a realização do projeto foi escolhida
A turma do curso de Informática, 11 B
Sobre a história dos monumentos
Os alunos passaram a conhecer
Transformaram a história oficial em versos e rimas
Com autonomia, criatividade e prazer

Alguém pode até perguntar: onde está a inovação?
Não se avexe, pois vou lhe mostrar algo bem fenomenal
O projeto do cordel, realizado pelos alunos,
Virou um livro digital, uma obra inovadora, criativa e original
Já conquistou muita gente
E apareceu até no jornal

O projeto Do folheto ao livro digital
Também está na internet, é possível acessar
Pelo título “O Cordel dos Monumentos”
Porque é assim que no ISSUU está
Contando a história dos monumentos
De Manaus, de forma bem peculiar

O livro digital, O Cordel dos monumentos,
Foi escolhido como um projeto inovador
Por isso foi convidado para ir até São Paulo
Mostrar o poder, a força e o valor
Do talento dos estudantes quando têm oportunidade
De mostrarem seu potencial criador

O trabalho com o Cordel vai continuar
Não vai parar por aqui não
Este popular gênero literário
Já conquistou seu coração
Já ultrapassou muros e mares
Já apareceu até na televisão.

Vou narrar agora sobre o terceiro capítulo
Cujo o foco é o portfólio digital
Tem como título “Caldo Grosso”
E também é o meu produto final
É um misto de acadêmico e estético
Para difundir o Cordel no mundo virtual

Preciso esclarecer que no Mestrado Profissional
Todo mestrando apresenta o seu produto final
Para difundir conhecimento e registros de cunho intelectual
No caso do Caldo Grosso, encorajar outros professores
É o objetivo principal. É uma forma de alcançar
Alunos, professores e o público em geral.

Ressalto que este portfólio on-line une
O profissional, o acadêmico e o estético
Oferece ampla divulgação na web
Mostra o trabalho científico e também o fazer poético
É moderno, diversificado e divertido
Dá origem a um novo modelo: original e eclético.

Logo na primeira página, encontra-se o menu
Para ajudar no acesso a todas as seções
O tecido de chita dá o tom vibrante e alegre
Apresenta as boas-vindas e as orientações
Em seguida vem a proposta mostrando
O caminho trilhado e todas as realizações.

Na outra seção, estou eu, a professora,
Minha trajetória, vivências e prática docente
Descrevo o que tenho feito para deixar
O ensino cada vez mais espetacular e atraente
Estimulo a produção de todo tipo de textos
Faço de minhas aulas algo muito diferente

Na página PORTFÓLIO, há quatro subpáginas
Cada uma mostra como trabalhar o Cordel
Como foram feitas as oficinas
E como o folheto deixou de ser escrito no papel
Tudo está bem claro e detalhado
Como se fosse um painel

Você pode fazer crítica ou dar sugestão
Pode também deixar um depoimento
Mas, se preferir, faça um contato
Deixe um elogio ou um agradecimento
Pois este portfólio não pode e nem deve
Cair no esquecimento.

Neste portfólio residem a fraqueza e a força
Se for só por exigência do Mestrado Profissional
Vai acabar esquecido, abandonado
Podendo até chegar ao estado terminal
Porém se for usado de maneira adequada
Será um recurso importante e com grande potencial.

Portanto, o Caldo Grosso pode contribuir
Para o ensino por meio da Literatura de Cordel.
Que este portfólio permaneça vivo
Cumprindo muito bem o seu papel
E que se espalhe pela nuvem,
Terra, mares e céu.

Agora vou sentar para ouvir
O que a banca tem a dizer
As contribuições sugeridas
Prometo que vou fazer
Para melhorar esta pesquisa
Pois este é o meu dever.

Foi um trajeto longo
Mas enfim aqui chegou
Em meio a idas e vindas
Porém tudo feito com dedicação e amor!

ANEXO F
UM CORDEL PARA ALZANIRA

Maria Evany Nascimento – 21.12.16.

Olê, mulher marmoteira!
Que com alegria sabe ensinar
Alzanira de Souza Santos
Minha amiga chegue pra cá
Me conte de novo essa história
De ser professora sem cansar

Pois são mais de 30 anos
De sala em sala sempre a inovar
Criando coisas, revendo planos
Nesse ofício de ensinar
Conta pra gente essa peleja
Das voltas que a vida dá

Sua vida, um livro aberto
Quero ver nas prateleiras
Mostrando a quem estiver por perto
Que ensinar tem várias maneiras
Traz tua alegria em Cordel
Faz da segunda uma sexta-feira

Eu me coloco plateia
Assisto para aprender
Só de ler o seu trabalho
Aprendi muito com você
Fiz esses versos às pressas
Somente pra agradecer!
